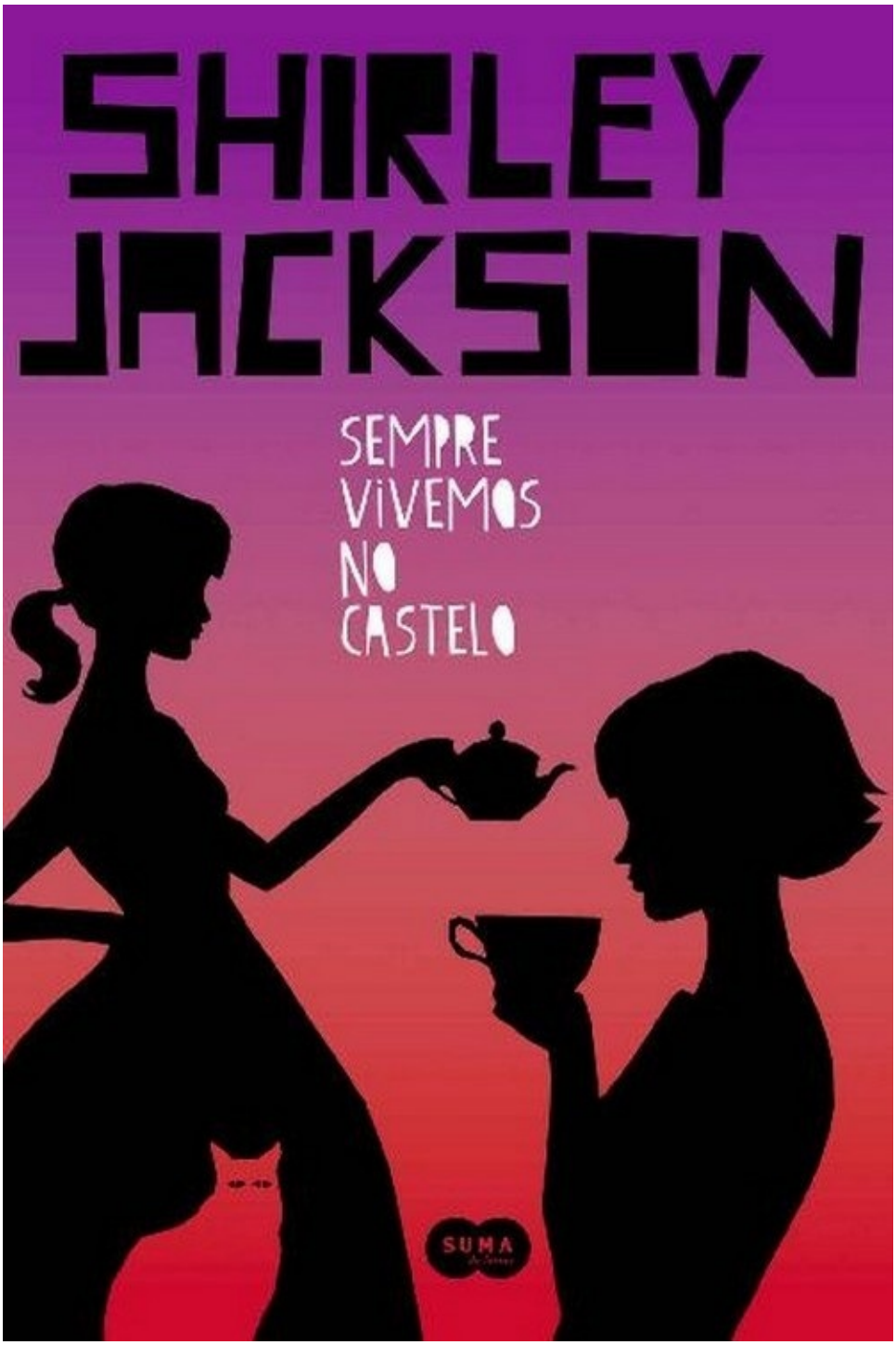


DADOS DE

COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela

equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer

conteúdo para uso parcial em pesquisas e

estudos acadêmicos, bem como o simples

teste da qualidade da obra, com o fim

exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer

uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio

publico e propriedade intelectual de

forma totalmente gratuita, por acreditar

que o conhecimento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer

pessoa. Você pode encontrar mais obras

em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros

apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na

busca do conhecimento, e não mais



lutando por dinheiro e poder, então

nossa sociedade poderá enfim evoluir a

um novo nível."



Tradução
Débora Landsberg



Para Pascal Covici

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Sobre a autora

1

Meu nome é Mary Katherine
Blackwood. Tenho dezoito
anos e moro com a minha irmã
Constance. Volta e meia penso que se
tivesse sorte teria nascido lobisomem,
porque os dois dedos médios das minhas
mãos são do mesmo tamanho, mas tenho de
me contentar com o que tenho. Não gosto
de tomar banho, nem de cachorros nem de
barulho. Gosto da minha irmã Constance, e
de Richard Plantagenet, e de Amanita

phalloides, o cogumelo chapéu-da-morte.

Todo o resto da minha família morreu.

Da última vez que dei uma olhada nos

livros da biblioteca que estavam na

prateleira da cozinha, o prazo deles já estava

mais de cinco meses vencido, e me perguntei

se eu escolheria diferente caso soubesse que

seriam os últimos livros, aqueles que

ficariam para sempre na prateleira da nossa

cozinha. Raramente mudávamos as coisas de

lugar: os Blackwood nunca foram uma

família muito ativa ou inquieta. Trocávamos

os objetos transitórios de pequenas

superfícies, os livros, as flores e as colheres,

mas embaixo deles sempre tivemos uma

base sólida de objetos estáveis. Sempre

devolvíamos as coisas ao seu lugar.

Tirávamos o pó e varríamos debaixo das

mesas e cadeiras e camas, dos retratos e tapetes e luminárias, mas os deixávamos no

mesmo lugar; as caixinhas em padrão

tartaruga na penteadeira da nossa mãe nunca se mexiam mais que uma fração de centímetro.

Os Blackwood sempre moraram na nossa casa e mantiveram suas coisas em ordem; assim que a nova esposa de um Blackwood se mudava, achava-se um lugar para seus pertences, e então nossa casa foi ficando mais pesada com as camadas de bens dos Blackwood, elas a mantinham firme contra o mundo.

Foi numa sexta-feira no final de abril que eu trouxe os livros da biblioteca para a nossa casa. Sextas e terças eram dias terríveis porque eu tinha de ir ao vilarejo. Alguém precisava ir à biblioteca e ao mercado;

Constance nunca andava além do próprio jardim, e o tio Julian não podia. Então não era o orgulho o que me levava ao vilarejo duas vezes por semana, nem mesmo a

teimosia, mas a simples necessidade de livros

e comida. Talvez fosse o orgulho que me

levasse a entrar na cafeteria da Stella para tomar uma xícara de café antes de voltar

para casa; eu disse a mim mesma que era o

meu orgulho e que não evitaria entrar lá

independentemente do quanto quisesse

estar em casa, mas também sabia que Stella

me veria passar caso não entrasse, e talvez

pensasse que eu tinha medo, e essa ideia era

insuportável para mim.

“Bom dia, Mary Katherine”, Stella sempre

dizia, esticando o braço para limpar o balcão

com um pano úmido, “como você está hoje?”

“Muito bem, obrigada.”

“E Constance Blackwood, está bem?”

“Muito bem, obrigada.”

“E como é que ele está?”

“Bem, na medida do possível. Café puro,

por favor.”

Se mais alguém entrava e se sentava no

balcão, eu largava o café sem dar a impressão de estar com pressa e ia embora, acenando com a cabeça para me despedir de Stella. “Se cuida”, ela sempre dizia mecanicamente quando eu saía.

Escolhia os livros da biblioteca com cuidado. Tínhamos livros em casa, é claro; o escritório do nosso pai tinha duas paredes cobertas de livros, mas eu gostava de contos de fadas e livros com temas históricos, e Constance gostava de livros de culinária.

Mesmo que o tio Julian nunca pegasse um livro sequer, gostava de observar Constance lendo nos finais de tarde enquanto ele próprio se debruçava sobre seus papéis, e às vezes virava a cabeça para olhá-la e assentia.

“O que você está lendo, minha querida?

Uma bela visão, uma dama com um livro.”

“Estou lendo um livro que se chama A arte de cozinhar, tio Julian.”

“Admirável.”

A gente nunca fica quieta por muito

tempo, é claro, com o tio Julian por perto, mas não me lembro de Constance e eu

termos sequer chegado a abrir os livros da

biblioteca que continuam na prateleira da

nossa cozinha. Era uma bela manhã de abril

quando saí da biblioteca; o sol brilhava, e as

falsas promessas gloriosas da primavera

estavam por todos os lados, destacando-se da sujeira do vilarejo de um jeito estranho.

Eu me lembro de ter parado na escada da

biblioteca com os livros nas mãos para

observar por um instante o verde-claro se

insinuando nos galhos contra o céu,

desejando, como sempre, que pudesse voltar

para casa pelo céu em vez de cruzar o

vilarejo. Da escada da biblioteca eu poderia

atravessar logo a rua e andar do outro lado

em direção ao mercado, mas assim teria de

passar pela mercearia e pelos homens que

ficavam sentados ali na frente. Nessa

cidadezinha os homens permaneciam jovens

e faziam as fofocas, enquanto as mulheres envelheciam com seu cansaço colorido por uma maldade cinzenta, esperando em silêncio que os homens se levantassem e fossem para casa. Eu poderia sair da biblioteca e percorrer a rua deste lado até chegar ao mercado e então atravessar; isso era preferível, apesar de ter de passar na frente do correio e da casa Rochester, com as pilhas de latas enferrujadas e os automóveis quebrados e as latas de gasolina, os colchões velhos e as instalações hidráulicas e os tanques de lavar roupa que a família Harler levava para casa e — acredito sinceramente — amavam.

A casa Rochester era a mais bonita da cidade e antigamente tinha uma biblioteca revestida com lambris de nogueira e um salão de festas no segundo andar e um monte de rosas espalhadas pela varanda; nossa mãe tinha nascido ali, e por direito o lugar deveria ser de Constance. Resolvi,

como sempre, que seria mais seguro passar pelo correio e pela casa Rochester, apesar de

não gostar de ver a casa onde nossa mãe

nasceu. Este lado da rua geralmente ficava

deserto de manhã, já que fazia sombra, e de

qualquer maneira depois de entrar no

mercado eu teria de passar pela mercearia

para voltar para casa, e passar por ela indo e

vindo ia além do suportável.

Saindo do vilarejo, na Hill Road e na

River Road e na Old Mountain, gente como

os Clarke e os Carrington haviam

construído casas novas muito bonitas.

Precisavam atravessar o vilarejo para chegar

a Hill Road e River Road porque a rua

principal também era a estrada mais

conhecida para cruzar o estado, mas os

filhos dos Clarke e os meninos dos

Carrington

frequentavam

escolas

particulares, e a comida nas cozinhas de Hill Road vinha das cidadezinhas próximas e de uma cidade maior; a correspondência era levada de carro da agência do vilarejo, passando pela River Road e subindo até Old Mountain, mas o pessoal da Mountain postava suas cartas nas cidadezinhas, e o pessoal da River Road cortava o cabelo na cidade grande.

Sempre me intrigou que as pessoas do vilarejo, morando em suas casinhas imundas na estrada principal ou na Creek Road, sorrissem e assentissem e acenassem quando os Clarke e os Carrington passavam de carro; quando Helen Clarke entrava no Mercado do Elbert para comprar a lata de molho de tomate ou o meio quilo de café que a cozinheira tinha esquecido, todo mundo lhe dava “Bom dia” e dizia que o tempo hoje estava melhor. A casa dos Clarke é mais nova, mas não é melhor do que a casa dos Blackwood. Nosso pai trouxe

para casa o primeiro piano que o vilarejo já viu. Os Carrington são donos da fábrica de papel, mas os Blackwood possuem todas as terras entre a estrada e o rio. Os Shepherd de Old Mountain deram ao vilarejo a sede da prefeitura, que é branca e pontuda e construída em um gramado verde com um canhão na frente. Teve uma época em que conversaram sobre estabelecer leis de zoneamento no vilarejo e derrubar os barracos de Creek Road para reconstruir o vilarejo inteiro combinando com a prefeitura, mas ninguém moveu uma palha; talvez imaginassem que os Blackwood passariam a comparecer às reuniões municipais se fizessem alguma coisa. Os moradores tiram suas licenças para caçar e pescar na prefeitura, e uma vez por ano os Clarke e os Carrington vão à reunião municipal e votam solenemente pela retirada do ferro-velho dos Harler da Main Street e pela retirada dos bancos na frente da

mercearia, e todos os anos os moradores os vencem alegremente. Depois da prefeitura, virando à esquerda, fica a Blackwood Road, o caminho de casa. A Blackwood Road forma um grande círculo em torno do terreno Blackwood, e cada centímetro dela é fechado por uma cerca de arame farpado levantada pelo nosso pai. Não muito longe da prefeitura fica a enorme pedra preta que marca a entrada da trilha onde destranco o portão e o tranco logo depois de passar e atravesso o bosque e chego em casa.

O pessoal do vilarejo sempre nos odiou. Eu fazia uma brincadeira quando ia às compras. Pensava nos jogos infantis em que o tabuleiro é dividido em quadradinhos e cada jogador mexe as peças de acordo com os dados: sempre havia riscos, como “fique uma rodada sem jogar”, “volte quatro casas” e “volte ao ponto de partida”, e ajudinhas, como “avance três casas” e “jogue mais uma

vez”. A biblioteca era meu ponto de partida

e a pedra preta era meu objetivo. Tinha de

descer por um lado da Main Street,

atravessar e depois subir pelo outro lado até

chegar à pedra preta, e assim eu vencia.

Comecei bem, fazendo uma virada segura pela calçada vazia da Main Street, e talvez

esse acabasse sendo um dos dias ótimos; às

vezes era assim, mas nem tanto nas manhãs

de primavera. Se fosse um dia ótimo, depois

eu faria uma oferenda de joias num gesto de

gratidão.

Comecei andando rápido, respirei fundo

para continuar e não olhei ao redor; estava

com os livros da biblioteca e a sacola de

compras, e observava meus pés se movendo,

um depois do outro; dois pés nos velhos

sapatos marrons da nossa mãe. Senti que

alguém me olhava de dentro do correio —

não aceitávamos correspondências, e não

tínhamos telefone: ambos haviam se

tornado insuportáveis seis anos antes —, mas eu conseguira aguentar uma rápida olhadela vinda do correio; era a velha srta. Dutton, que nunca encarava ninguém às claras como outras pessoas, somente por entre as persianas e de trás das cortinas. Eu nunca olhava para a casa Rochester. Achava insuportável pensar na nossa mãe nascendo ali. De vez em quando me perguntava se a família Harler sabia que morava em uma casa que deveria ter sido de Constance; no quintal deles havia sempre tanto barulho de metal batendo que não conseguiam me ouvir andar. Talvez os Harler imaginassem que aquela barulheira sem fim espantasse os fantasmas, ou talvez gostassem de música e achassem o som agradável; talvez os Harler vivessem lá dentro como viviam ali fora, sentados em banheiras velhas e jantando com pratos quebrados apoiados na carcaça de um velho Ford, chacoalhando latas durante a refeição e conversando aos

berros.

Sempre havia uma mancha de sujeira na calçada em que os Harler moravam. Atravessar a rua (perca a sua vez) vinha em seguida, para chegar ao mercado exatamente do outro lado. Eu sempre hesitava, vulnerável e desprotegida, na beira da rua enquanto os carros passavam. O tráfego na Main Street era quase sempre rápido, carros e caminhões cruzando o vilarejo porque era isso o que a estrada fazia, então os motoristas raramente olhavam para mim; eu podia identificar os carros dos moradores pela olhadela desagradável do motorista e me perguntava, sempre, o que aconteceria se eu descesse do meio-fio para a pista; haveria uma guinada rápida, quase involuntária, na minha direção? Só para me assustar, talvez, só para me verem dar um salto e me esquivar? E depois a gargalhada, vinda de todos os lados, de trás das persianas do correio, dos homens em frente à mercearia,

das mulheres espreitando da porta do
mercado, todos assistindo e tripudiando ao
ver Mary Katherine Blackwood correndo
para sair da frente de um carro. Às vezes eu
perdia duas ou até mesmo três rodadas
porque aguardava atentamente que a pista se
esvaziasse em ambas as direções antes de
atravessar.
No meio da rua, saí da sombra e entrei no
claro, enganoso sol de abril; em julho a
superfície da pista já estaria mole do calor e
meus pés grudariam, tornando a travessia
mais perigosa (Mary Katherine Blackwood,
o pé preso no piche, encolhida enquanto o carro avançava em sua direção; volte ao
início, comece tudo de novo), e as casas
ficariam mais feias. O vilarejo todo era de
um tipo, uma época e um estilo; era como se
as pessoas precisassem da feiura do vilarejo e
se nutrissem dela. As casas e as lojas
pareciam ter sido montadas com uma pressa

desdenhosa só para oferecer abrigo aos desmazelados e aos desagradáveis, e a casa Rochester e a casa dos Blackwood e até a sede da prefeitura talvez tenham sido levadas para lá por acidente vindas de alguma cidadezinha distante e adorável onde se vivia com elegância. Talvez as casas bonitas tivessem sido capturadas — talvez como castigo aos Rochester e aos Blackwood e seus corações secretamente malvados? — e estivessem aprisionadas no vilarejo; talvez a vagarosa putrefação delas fosse um sinal da feiura dos moradores. A fileira de lojas na Main Street era invariavelmente cinza. Os donos moravam em cima delas, numa fileira de apartamentos de segundo andar, e as cortinas na linha uniforme de janelas do segundo andar eram pálidas e sem vida; aquilo que planejava ser colorido logo perdia a vontade no vilarejo. A desgraça do vilarejo nunca partira dos

Blackwood; os moradores faziam parte do lugar, e o vilarejo era o único lugar conveniente para eles.

Eu sempre pensava em putrefação quando me aproximava da fileira de lojas; pensava em uma putrefação preta, ardente e dolorosa que corroía por dentro, ferindo terrivelmente. Era o que eu desejava ao vilarejo.

Tinha uma lista de compras para o mercado; Constance a fazia para mim todas as terças e sextas antes de eu sair de casa. O povo do vilarejo não gostava do fato de que sempre tínhamos muito dinheiro para comprar o que quiséssemos; havíamos tirado nosso dinheiro do banco, é claro, e eu sabia que falavam do dinheiro escondido na nossa casa, como se houvesse montes

enormes de moedas de ouro e Constance e

tio Julian e eu nos sentássemos à noite, os livros

da

biblioteca

esquecidos,

e

brincássemos com elas, passando a mão

nelas e contando-as e empilhando-as e

girando-as, zombando e escarnecendo a

portas fechadas. Imagino que havia muitos

corações apodrecidos no vilarejo cobiçando nossas pilhas de moedas de ouro, mas eram

covardes e tinham medo dos Blackwood.

Quando tirei a lista de compras da sacola

peguei também a bolsa para que Elbert do

mercado soubesse que eu estava com

dinheiro, e ele não poderia se negar a vender

para mim.

Nunca importava quem estava no

mercado.

Eu

sempre

era

atendida

imediatamente; o sr. Elbert e sua pálida

esposa gananciosa sempre vinham de onde

estivessem na loja para buscar o que eu

queria. Às vezes, quando o garoto mais

velho estava ajudando durante as férias

escolares, corriam para garantir que não

fosse ele a me atender, e uma vez quando

uma menininha — uma criança estranha ao

vilarejo, é claro — chegou perto de mim no mercado, a sra. Elbert puxou-a com tanta

força que ela berrou e então houve um

longo minuto de imobilidade enquanto

todo mundo esperava, até que a sra. Elbert

tomou fôlego e disse: “Mais alguma coisa?”.

Eu sempre ficava bem ereta e rígida quando

crianças chegavam perto porque tinha medo

delas. Tinha medo de que tocassem em mim

e as mães me atacassem como uma revoada

de falcões com garras; era sempre essa a

imagem que eu tinha em mente — aves

descendo, colidindo, ferindo com as garras

afiadas. Hoje tive que comprar muitas coisas

para Constance, e foi um alívio ver que não

havia crianças na loja nem muitas mulheres;

jogue mais uma rodada, pensei, e disse ao sr.

Elbert, “Bom dia”.

Ele assentiu para mim; não poderia ficar totalmente sem me cumprimentar e além

disso as mulheres na loja estavam

observando. Virei as costas para elas, mas

podia senti-las paradas atrás de mim,

segurando uma lata ou um saco de biscoitos

cheio só pela metade ou um maço de alface,

sem vontade de se mexer até que eu tivesse

atravessado a porta outra vez e a onda de

conversas começasse e fossem arrastadas de

volta às próprias vidas. A sra. Donell estava

em algum canto ali no fundo; eu a vira ao

entrar, e me perguntei assim como tinha me

perguntado antes se ela entrou de propósito quando percebeu que eu estava chegando, porque ela sempre tentava dizer alguma coisa; era uma das poucas pessoas que falavam.

“Um frango para assar”, eu disse ao sr. Elbert, e do outro lado da loja a esposa gananciosa abriu a vitrine refrigerada e pegou um frango e o embrulhou. “Uma pata de cordeiro pequena”, eu disse, “meu tio Julian sempre fica com vontade de comer cordeiro assado nos primeiros dias da primavera.” Não devia ter falado isso, eu sabia, e uma arfada percorreu a loja como um grito. Poderia fazê-los correr feito coelhos, pensei, se eu lhes dissesse o que eu queria de verdade, mas apenas se reuniriam de novo lá fora e me observariam de lá.

“Cebolas”, pedi educadamente ao sr. Elbert, “café, pão, farinha. Nozes”, eu disse, “e açúcar; nosso açúcar está quase acabando.”

Em algum lugar atrás de mim ouvi uma

risadinha horrorizada, e o sr. Elbert olhou

para além, rapidamente, e depois para os produtos que organizava sobre o balcão. Em

um instante a sra. Elbert traria meu frango e

minha carne, embrulhados, e os colocaria ao

lado das outras coisas; eu só precisaria me

virar quando estivesse pronta para ir

embora. “Uma garrafa de leite”, eu disse.

“Meio litro de creme, meio quilo de

manteiga.” Os Harris tinham parado de nos

entregar laticínios fazia seis anos, e agora eu

comprava leite e manteiga no mercado. “E

uma dúzia de ovos.” Constance se esquecera

de colocar os ovos na lista, mas só tinha dois

em casa. “Uma caixa de pé de moleque”, eu

disse; tio Julian mastigaria e faria barulho

em cima da papelada dele esta noite, e iria para a cama melado.

“Os Blackwood sempre puseram belas

mesas.” Foi a sra. Donell, falando claramente de algum ponto às minhas costas, e alguém

deu risadinhas e outra pessoa disse “Shh”.

Nunca me virava; já bastava senti-los todos

atrás de mim sem ver seus rostos cinzentos e

impassíveis com olhos cheios de ódio.

Queria que todos vocês estivessem mortos,

pensei, e senti ânsia de falar em voz alta.

Constance dizia, “Nunca deixe que eles

vejam que você se importa” e “Se você der

alguma atenção, a situação só vai piorar”, e era provável que fosse verdade, mas eu

queria que estivessem mortos. Gostaria de

entrar no mercado uma manhã e ver todos

eles, até os Elbert e as crianças, deitadas ali,

chorando de dor e agonizando. Então

pegaria os produtos por conta própria,

imaginei, pisando em seus corpos, tirando o

que quisesse das prateleiras, e iria para casa, talvez com um chute na sra. Donell, ali

deitada. Nunca sentia remorso quando tinha

pensamentos como esse: só queria que se

tornassem verdade. “É errado odiá-los”,

Constance

dissera,

“só

serve

para

enfraquecer você”, mas eu os odiava mesmo

assim, e me questionava até mesmo por que

eles tinham sido criados.

O sr. Elbert pôs todos os meus produtos

juntos sobre o balcão e esperou, olhando

para além de mim, para algo distante. “Por

hoje é só isso”, eu lhe disse, e sem me olhar

ele anotou os preços em um bloco e somou,

depois me entregou o bloco para que eu me

certificasse de que não havia trapaceado. Eu

sempre fazia questão de verificar os

números com cuidado, embora ele nunca se

enganasse; não havia muitas coisas que eu pudesse fazer para me vingar deles, mas

fazia o possível. As compras encheram

minha sacola e também outro saco, e eu só

poderia levá-las para casa carregando.

Ninguém jamais se ofereceria para me

ajudar, é claro, mesmo se eu quisesse aceitar.

Fique duas rodadas sem jogar. Com os

livros da biblioteca e as compras, indo

devagar, precisava andar pela calçada da

mercearia para entrar na Stella. Parei na

porta do mercado, buscando dentro de mim

algum pensamento que me deixasse segura.

Às

minhas

costas,

começaram

os

burburinhos e as tossidelas. Preparavam-se

para falar de novo, e na outra extremidade

da loja os Elbert provavelmente reviravam os

olhos, aliviados. Enrijeci o rosto. Hoje eu

iria pensar em arrumar nosso almoço no jardim, e apesar de manter os olhos abertos

só o bastante para ver aonde ia — os sapatos

marrons de nossa mãe subindo e descendo

—, na minha imaginação eu arrumava a

mesa com uma toalha verde e levava os pratos amarelos e morangos em uma tigela branca. Pratos amarelos, pensei, senti os olhares dos homens enquanto seguia em frente, e tio Julian comeria um belo ovo mole com torradas quebradas, e vou me lembrar de pedir a Constance que ponha um xale nos ombros dele porque a primavera está só no comecinho. Sem olhar eu conseguia ver os sorrisos e os gestos; queria que estivessem todos mortos e eu andasse sobre seus corpos. Raramente dirigiam a palavra a mim, mas sempre uns aos outros.

“Essa é uma das meninas dos Blackwood”, ouvi um deles anunciar em voz aguda, zombeteira, “uma das meninas dos Blackwood, da Fazenda Blackwood.” “Uma pena o que aconteceu com os Blackwood”, disse outro, alto o bastante, “uma pena para essas pobres meninas.” “A fazenda é uma beleza”, eles disseram, “um bom terreno para

cultivar. Um homem poderia enriquecer cultivando a terra dos Blackwood. Se tivesse um milhão de anos e três cabeças, e não ligasse para o que brotaria, um homem ficaria rico. Manter o terreno bem trancado, é isso o que os Blackwood fazem." "Um homem ficaria rico." "Uma pena o que aconteceu com as meninas da família Blackwood." "Nunca se sabe o que vai brotar no terreno dos Blackwood."

Caminho sobre seus corpos, pensei, almoçamos no jardim e tio Julian usa seu xale. Eu sempre segurava firme minhas compras ao passar ali, pois numa manhã tenebrosa a sacola de compras caiu e os ovos quebraram e o leite entornou e eu catei tudo enquanto eles gritavam, dizendo a mim mesma que de jeito nenhum eu sairia correndo, enfiando latas e caixas e açúcar derramado na sacola de compras como uma louca, dizendo a mim mesma para não sair correndo.

Em frente à Stella havia uma fissura na

calçada que parecia um dedo apontando

para alguma coisa; a fissura sempre estivera

ali. Outros marcos, como a impressão da

mão que Johnny Harris deixara no cimento

da sede da prefeitura e as iniciais do menino

Mueller na entrada da biblioteca, foram implementados em épocas de que me

recordava; eu estava na terceira série da

escola quando a prefeitura foi construída.

Mas a fissura da calçada em frente à Stella sempre estivera ali, assim como a Stella

sempre estivera ali. Lembro de patinar por

cima da fissura, e tomar o cuidado de não

pisar nela, senão daria muito trabalho à

nossa mãe, e passar pedalando por ali com

meu cabelo esvoaçando; os moradores não

demonstravam nos detestar naquela época,

embora nosso pai declarasse que eles eram

um lixo. Uma vez nossa mãe me disse que a

fissura já existia quando ela era menina e

morava na casa Rochester, portanto devia

existir quando ela casou com nosso pai e foi

morar na Fazenda Blackwood, e imagino

que a fissura existisse, como um dedo apontando para alguma coisa, desde quando

o vilarejo se formou a partir de madeira

velha e cinzenta e das pessoas feias de rostos

perversos

trazidas

de

algum

lugar

insuportável e postas para morar naquelas

casas.

Stella comprou a cafeteira e instalou o

balcão de mármore com o dinheiro do

seguro quando o marido morreu, mas além

disso nada mudou na Stella desde que me

entendo por gente; Constance e eu íamos

até lá para gastar nossos centavos depois da

escola e todas as tardes comprávamos o

jornal para levá-lo para casa, para que nosso

pai pudesse lê-lo à noite; não comprávamos mais jornais, mas Stella continuava a vendê-los, além de revistas e balas e cartões-postais cinzentos da sede da prefeitura.

“Bom dia, Mary Katherine”, Stella disse quando me sentei diante do balcão e deixei as compras no chão; às vezes quando eu desejava que todo o povo do vilarejo morresse pensava que talvez eu poupasse Stella porque de todos era ela quem mais chegava perto de ser amável, e a única que conseguia manter alguma cor. Era roliça e rosada e quando usava vestidos com estampas vivazes eles mantinham a vivacidade por um tempo antes de se fundirem ao cinza sujo do resto. “Como você está hoje?”, perguntou ela.

“Muito bem, obrigada.”

“E Constance Blackwood, está bem?”

“Muito bem, obrigada.”

“E como é que ele está?”

“Bem, na medida do possível. Café puro, por favor.” Na verdade eu preferia açúcar e

creme no meu café, já que era um negócio

muito amargo, mas como só ia lá por uma

questão de orgulho eu precisava aceitar

apenas o mínimo possível para ser

simbólico.

Se alguém entrava na Stella quando eu

estava lá, eu me levantava e saía

discretamente, mas em certos dias eu dava

azar. Nesta manhã ela havia acabado de pôr

meu café sobre o balcão quando uma

sombra apareceu contra o vão da porta, e

Stella levantou a cabeça e disse, “Bom dia,

Jim”. Ela foi até o canto oposto do balcão e

aguardou, esperando que ele se sentasse ali

para que eu pudesse sair despercebida, mas

era Jim Donell, e soube de imediato que hoje

tinha dado azar. Alguns dos moradores do vilarejo tinham rostos reais que eu

reconhecia e podia odiar individualmente;

Jim Donell e a esposa eram dois deles, pois

eram ponderados em vez de odiar
estupidamente e por hábito como os outros.
A maioria das pessoas ficaria na ponta do
balcão onde Stella aguardava, mas Jim
Donell veio direto à ponta onde eu estava
sentada e ocupou o banco ao meu lado, tão
próximo de mim quanto podia porque, eu
sabia, nesta manhã ele queria ser meu azar.
“Me contaram”, ele disse, movendo-se para
sentar de lado no banco e olhar direto para
mim, “me contaram que você vai se mudar.”
Queria que não sentasse tão perto de mim;
Stella se aproximou detrás do balcão, e
desejei que ela lhe pedisse para mudar de
lugar para que eu pudesse me levantar e sair sem ter de lutar para me afastar dele. “Me
contaram que você vai se mudar”, ele disse
cerimoniosamente.
“Não”, respondi, já que ele estava
esperando.
“Engraçado”, ele disse, olhando de mim

para Stella e depois voltando. “Eu poderia jurar que alguém tinha me dito que você iria embora logo.”

“Não”, eu disse.

“Café, Jim?”, perguntou Stella.

“Quem você acha que pode ter inventado uma história dessas, Stella? Quem você acha que iria querer me contar que eles vão se mudar se isso não vai mesmo acontecer?”

Stella fez que não para ele, mas ela tentava não sorrir. Reparei que minhas mãos rasgavam o guardanapo de papel no meu colo, arrancando uma pontinha, e forcei minhas mãos a ficarem paradas e criei uma regra para mim mesma: sempre que visse um papelzinho me lembraria de ser mais gentil com tio Julian.

“Nunca se sabe como as fofocas correm”, disse Jim Donell. Talvez em breve Jim Donell morresse; talvez já houvesse uma podridão crescendo dentro dele que iria matá-lo. “Você já se deu conta da quantidade de fofoca que rola nesta

cidade?”, ele perguntou a Stella.

“Deixe ela em paz, Jim”, pediu Stella.

Tio Julian era um homem velho e estava

morrendo, mas de forma lastimável,

certamente mais do que Jim Donell e Stella

e qualquer outra pessoa. O coitado do velho

tio Julian estava morrendo, e criei a regra resoluta de ser mais gentil com ele. Faríamos

do almoço um piquenique no quintal.

Constance levaria o xale dele e o colocaria

em seus ombros, e eu deitaria no gramado.

“Não estou incomodando ninguém, Stell.

Estou incomodando alguém? Estou só

perguntando para a srta. Mary Katherine

Blackwood aqui como é que a cidade inteira

anda falando que ela e a irmã mais velha vão

nos deixar logo. Vão se mudar. Vão viver

em outro lugar.” Ele misturou o café; com o

canto do olho eu via a colher girando e

girando e girando, e tive vontade de rir.

Havia algo tão simples e tolo na colher

girando enquanto Jim Donell falava; me

perguntei se ele pararia de falar caso eu

esticasse o braço e pegasse a colher. Era bem

provável que sim, eu disse sabiamente a mim mesma, bem provável que jogasse o café na

minha cara.

“Vão viver em outro lugar”, ele disse com

tristeza.

“Já chega”, pediu Stella.

Eu ouviria com mais atenção quando tio

Julian contasse sua história. Já estava

levando pé de moleque; era um bom passo.

“E eu aqui todo chateado”, disse Jim

Donell, “achando que a cidade ia perder uma

de suas ótimas famílias tradicionais. Seria

mesmo péssimo.” Ele se virou no banco para

o outro lado porque outra pessoa

atravessava a porta; eu olhava para minhas

mãos no colo e claro que não viraria para ver

quem era, mas então Jim Donell disse “Joe”,

e eu soube que era Dunham, o carpinteiro;

“Joe, você não ouviu essa? A cidade inteira anda dizendo que os Blackwood vão se

mudar daqui, e agora a srta. Mary Katherine

Blackwood senta aqui e se pronuncia e diz

que não vão mudar.”

Fez-se um breve silêncio. Sabia que

Dunham estava carrancudo, olhando para

Jim Donell e para Stella e para mim,

refletindo sobre o que acabara de escutar,

destrinchando as palavras e resolvendo o

que cada uma delas queria dizer. “É

mesmo?”, ele disse por fim.

“Escutem, vocês dois”, disse Stella, mas

Jim Donell seguiu adiante, falando de costas

para mim e de pernas esticadas para que eu

não conseguisse passar por ele e sair. “Hoje

de manhã mesmo eu estava falando para o

pessoal que é péssimo quando as famílias

tradicionais vão embora. Apesar de que se pode dizer com razão que um monte de

gente da família Blackwood já foi embora.”

Ele gargalhou e estapeou o balcão com a

mão. “Já foi embora”, ele repetiu. A colher dentro da xícara estava imóvel, mas ele prosseguia. “Um vilarejo perde boa parte do seu estilo quando gente de tradição vai embora. Todo mundo ia achar”, ele disse devagar, “que não queriam eles por perto.”

“Tem razão”, disse Dunham, e riu.

“Do jeito que eles vivem nas suas belas propriedades antigas, com suas cercas e suas trilhas particulares e seus estilos de vida elegantes.” Ele sempre continuava até se cansar. Quando Jim Donell pensava em algo para dizer ele o fazia com muita frequência e de todas as formas que fossem possíveis, talvez porque tivesse pouquíssimas ideias e precisasse espremer cada uma até a última gota. Além disso, a cada vez que se repetia ele se achava mais engraçado; eu sabia que era capaz de prosseguir assim até ter plena certeza de que ninguém mais lhe dava ouvidos, e criei uma regra para mim mesma: nunca pensar em nada mais de uma vez, e

pus as mãos no colo em silêncio. Estou vivendo na lua, disse a mim mesma, tenho uma casinha só minha na lua.

“Bom”, disse Jim Donell; ainda por cima ele fedia. “Vou sempre poder contar para as pessoas que eu conheci os Blackwood. Nunca fizeram nada contra mim, pelo que me lembro, sempre foram muito educados comigo. Não”, ele disse, e gargalhou, “que eles tenham me convidado para jantar ou algo assim.”

“Agora chega”, disse Stella, e sua voz era ríspida. “Vai arrumar outra pessoa para azucrinar, Jim Donell.”

“Eu azucrinei alguém? Você acha que eu queria ser convidado para jantar? Você acha que sou louco?”

“Eu”, disse Dunham, “eu posso contar que arrumei o degrau quebrado deles uma vez e nunca me pagaram.” Era verdade. Constance me mandou lhe dizer que não pagaríamos o

valor do serviço de um carpinteiro por uma tábua qualquer pregada torta no degrau quando ele tinha de ter construído um novo e bem-acabado. Quando fui lá e lhe disse que não pagaríamos ele me arreganhou os dentes e cuspiu, e pegou o martelo e soltou a tábua e atirou-a no chão. “Pois arrume você mesma”, ele me disse, e subiu na caminhonete e foi embora. “Nunca recebi pelo serviço”, ele dizia agora.

“Deve ter sido um acidente, Joe. É só você ir lá e falar com a srta. Constance Blackwood e ela vai pagar o que lhe deve. Só que se for convidado para jantar, Joe, você não deixe de dizer não obrigado à srta. Blackwood.”

Dunham riu. “Eu não”, ele disse. “Eu arrumei o degrau para elas e nunca recebi.”

“Engraçado”, disse Jim Donell, “elas arrumando a casa e tal e fazendo planos de se mudar daqui.”

“Mary Katherine”, disse Stella, indo, por

dentro do balcão, para onde eu estava sentada, “pode ir para casa. Levanta desse banco e vai para casa. Só vai haver paz aqui quando você for.”

“Isso sim é verdade”, disse Jim Donell. Ela o encarou, e ele tirou as pernas e me deixou passar. “É só falar, srta. Mary Katherine, que a gente vai lá para ajudar a encaixotar as coisas. É só falar, Merricat.”

“E fala para a sua irmã…” Dunham começou, mas eu me apressei e quando cheguei lá fora só ouvia as gargalhadas, dos dois e de Stella.

Gostava da minha casa na lua, e pus nela uma lareira e um jardim do lado de fora (o que floresceria, cultivado na lua? Precisava perguntar a Constance) e almoçaria ao ar livre, no meu jardim na lua. As coisas na lua eram bem iluminadas, e tinham cores singulares: minha casinha seria azul.

Observei meus pezinhos marrons sumirem

e aparecerem e deixei a sacola de compras balançar um pouquinho ao meu lado;

estivera na Stella e agora precisava apenas

passar pela prefeitura, que estaria deserta a não ser pelas pessoas que emitiam licenças

para cães e as pessoas que computavam as

multas de trânsito dos motoristas que

entravam no vilarejo pela rodovia e seguiam

em frente, e das pessoas que davam avisos

sobre água e esgoto e lixo e proibiam os

outros de queimar folhas ou de pescar; esses

todos seriam enterrados em algum canto

dentro da prefeitura, trabalhando juntos

ativamente; eu não tinha que ter medo

algum deles a não ser que eu pescasse fora

da temporada. Pensei em fisgar peixes

escarlate nos rios da lua e vi que os meninos

da família Harris estavam no jardim de casa,

bradando e brigando com outra meia dúzia de garotos. Só consegui vê-los ao dobrar a

esquina da prefeitura, e ainda assim poderia

ter dado meia-volta e seguido o outro

caminho, pegando a rodovia em direção ao

riacho e depois o atravessado e chegando

pela outra metade da trilha rumo à nossa

casa, mas era tarde demais, e estava com as compras, e o riacho estava um nojo para

entrar com os sapatos marrons da nossa

mãe, e pensei, estou morando na lua, e andei

rápido. Eles me viram logo, e eu os imaginei

apodrecendo e se encolhendo de dor,

urrando; eu os queria se contorcendo e

chorando no chão à minha frente.

“Merricat”, eles gritaram, “Merricat,

Merricat”, e todos foram juntos se enfileirar

ao lado da cerca.

Questionei se os pais haviam lhes ensinado, Jim Donell e Dunham e o imundo

Harris conduzindo exercícios regulares com

os filhos, ensinando com carinho, fazendo

questão de que entoassem a voz da forma

certa; de que outro jeito tantas crianças

aprenderiam tão bem?

Merricat, disse Connie, você não quer

uma xícara de chá?

Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar.

Merricat, disse Connie, você não quer ir dormir?

Lá no cemitério, com a terra a te engolir!

Fingia não falar a língua deles; na lua falávamos uma língua suave, líquida, e cantávamos à luz das estrelas, olhando do alto o mundo morto e seco; eu estava quase na metade da cerca.

“Merricat, Merricat!”

“Cadê a velha Connie — está em casa preparando o jantar?”

“Não quer uma xícara de chá?”

Era esquisito estar dentro de mim mesma, andando com firmeza e severidade junto à cerca, pisando forte mas sem que eles pudessem notar a pressa, estar dentro e saber que olhavam para mim; me escondia bem lá dentro mas ainda os escutava e os via pelo canto dos olhos. Desejava que

estivessem todos mortos no chão.

“Lá no cemitério, com a terra a te engolir.”

“Merricat!”

Uma vez, quando passava por ali, a mãe

dos meninos Harris foi à varanda, talvez

para ver por que todos eles gritavam tanto.

Ficou parada por um minuto observando e ouvindo, e eu estanquei e olhei para ela,

mirando seus olhos opacos e insípidos e

ciente de que não podia falar com ela e

ciente de que falaria. “Não dá para mandar

eles pararem?”, perguntei naquele dia, me

questionando se haveria algo naquela

mulher que eu pudesse mobilizar, se ela

tivesse algum dia corrido alegremente pelo

gramado, ou contemplado as flores, ou

conhecido prazer ou amor. “Não dá para

mandar eles pararem?”

“Crianças”, ela disse, sem alterar a voz ou a

expressão ou o ar de divertimento

enfadonho, “não xinguem a moça.”

“Está bem, mãe”, um dos meninos teve o juízo de dizer.

“Não cheguem perto de cercas. Não xinguem moça nenhuma.”

E segui adiante enquanto se esganiçavam e berravam e a mulher permanecia na varanda e ria.

Merricat, disse Connie, você não quer uma xícara de chá?

Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar.

A língua deles vai queimar, pensei, como se tivessem comido fogo. As gargantas vão queimar quando as palavras saírem, e na barriga vão sentir um tormento mais quente do que milhares de incêndios.

“Adeus, Merricat”, eles gritaram enquanto eu passava junto à ponta final da cerca, “não precisa voltar correndo.”

“Adeus, Merricat, manda lembranças à Connie.”

“Adeus, Merricat”, mas eu estava na pedra preta e ali estava o portão que se abria para a

nossa trilha.

2

Precisava largar a sacola de compras

para abrir a tranca do portão; era um

simples cadeado e qualquer criança

seria capaz de quebrá-lo, mas havia uma

placa que avisava PARTICULAR. NÃO

ULTRAPSSE, e ninguém poderia cruzá-lo.

Nosso pai providenciara as placas e os

portões e as trancas ao fechar a trilha; antes,

todos usavam a trilha como atalho do

vilarejo para onde parava o ônibus, na

junção

de

quatro

rodovias;

talvez

caminhassem uns quatrocentos metros a menos usando nossa trilha e passando na

frente da nossa porta. Nossa mãe detestava

olhar para qualquer um que quisesse passar

pela nossa porta, e quando nosso pai a levou

para viver na casa dos Blackwood, uma das

primeiras coisas que teve de fazer foi isolar a

trilha e cercar todo o terreno dos

Blackwood, da rodovia ao riacho. Havia

outro portão na outra ponta da trilha,

embora eu raramente passasse por lá, e esse

portão também tinha um cadeado e uma

placa

avisando

PARTICULAR.

NÃO

ULTRAPSSE. “A rodovia foi feita para gente

comum”, nossa mãe disse, “e a entrada da

minha casa é particular..”

Quem ia nos visitar, devidamente

convidado, chegava pela entrada principal,

que levava direto do portão na estrada até a porta. Quando eu era pequena ficava deitada

no meu quarto nos fundos da casa e

imaginava a rampa de carros e a trilha como um cruzamento que se encontrava diante da nossa porta, e iam subindo e descendo a entrada as pessoas boas, os asseados e ricos vestindo cetim e renda, que vinham nos visitar por direito, e indo e vindo pela trilha, sorrateiros e ziguezagueantes e se esquivando servilmente, iam as pessoas do vilarejo. Eles não têm como entrar, eu costumava dizer a mim mesma repetidas vezes, deitada no meu quarto escuro com as árvores desenhando sombras no teto, eles não têm mais como entrar; a trilha foi fechada para sempre. Às vezes eu parava da cerca para dentro, escondida entre os arbustos, e observava as pessoas andando na rodovia para ir do vilarejo à junção das

rodovias. Pelo que eu sabia, ninguém do vilarejo tentara usar a trilha desde que nosso pai havia trancado os portões.

Depois de pôr a sacola de compras dentro de casa, tomei o cuidado de trancar o portão outra vez e testar o cadeado para ter a certeza de que estava firme. Uma vez que o cadeado estivesse bem fechado, eu estava a salvo. A trilha era escura, já que depois de nosso pai desistir de qualquer ideia de ter lucro com o terreno ele deixara árvores e arbustos e florzinhas crescerem onde bem quisessem, e à exceção de um grande prado e dos jardins, nosso terreno era bastante arborizado, e ninguém além de mim conhecia seus caminhos secretos. Ao cruzar a trilha, agora tranquila porque estava em casa, eu conhecia cada degrau e cada curva.

Constance sabia o nome de tudo o que crescia, mas eu me contentava em conhecê-los pelo jeito e pelo lugar onde nasciam e suas inesgotáveis ofertas de refúgio. As

únicas marcas na trilha eram as minhas, indo
e voltando do vilarejo. Depois da curva
talvez achasse as pegadas de Constance, pois
às vezes ela ia até ali para me esperar, mas a
maioria dos vestígios de Constance estava
no jardim e dentro de casa. Hoje ela tinha
vindo até o final do jardim, e eu a avistei assim que fiz a curva; estava parada diante
de casa, à luz do sol, e corri em direção a ela.
“Merricat”, ela disse, sorrindo para mim,
“olha só até onde eu vim hoje.”
“É longe demais”, eu disse. “Daqui a pouco
você vai atrás de mim até o vilarejo.”
“Talvez, quem sabe”, ela disse.
Ainda que soubesse que estava zombando
de mim gelei, mas ri. “Você não ia gostar
muito”, eu lhe disse. “Aqui, sua preguiçosa,
pega esses pacotes. Cadê o meu gato?”
“Ele foi caçar borboleta porque você se
atrasou. Você se lembrou do ovo? Esqueci
de te avisar.”

“Claro que sim. Vamos almoçar no

quintal.”

Quando eu era pequena, achava que

Constance era a princesa das fadas. Tentava

desenhar seu retrato, com cabelo louro

comprido e olhos tão azuis quanto o giz de

cera poderia deixá-los, e um borrão bem

rosado em ambas as faces; os retratos

sempre me surpreendiam, porque ela era

desse jeito mesmo; até nos piores momentos era rosa e branca e dourada, e nada parecia

turvar seu esplendor. Era a pessoa mais

valiosa do meu mundo, sempre. Eu a seguia

pelo gramado macio, pelas flores de que

cuidava, nossa casa adentro, e Jonas, meu

gato, surgia de entre as flores e me seguia.

Constance esperou do lado de dentro da

enorme porta da frente enquanto eu subia

os degraus atrás dela, e depois botei as

embalagens em cima da mesa do hall e

tranquei a porta. Só a usaríamos novamente

de tarde, já que boa parte da nossa vida era passada mais para os fundos da casa, no quintal e no jardim, onde ninguém mais ia. Saímos da parte da frente da casa, virada para a rodovia e o vilarejo, e seguimos nosso próprio caminho atrás de sua fachada austera, hostil. Embora fizéssemos a manutenção da casa, os aposentos que usávamos eram os de trás, a cozinha e os quartos dos fundos e o quartinho quente ao lado da cozinha onde vivia tio Julian; na parte externa ficava o castanheiro de Constance e o amplo, adorável gramado e as flores de Constance e depois, mais adiante, a horta de que Constance cuidava e, depois, as árvores que faziam sombra no riacho. Quando nos sentávamos no gramado do quintal ninguém conseguia nos ver de lugar nenhum.

Lembrei que deveria ser mais gentil com tio Julian quando o vi sentado diante da mesa velha no canto da cozinha brincando

com seus papéis. “Você deixa o tio Julian comer pé de moleque?”, perguntei a Constance.

“Depois de almoçar”, disse Constance. Ela tirou as compras das sacolas com cuidado; qualquer tipo de comida era uma preciosidade para Constance, e ela sempre tocava nelas com um respeito silencioso. Eu não era autorizada a ajudar; não era autorizada a preparar a comida, tampouco era autorizada a apanhar cogumelos, apesar de às vezes eu trazer legumes da horta, ou maçãs das árvores antigas. “Vamos comer bolinhos”, anunciou Constance, quase cantarolando porque estava separando e guardando os alimentos. “O tio Julian vai comer ovo, bem molinho e amanteigado, e um bolinho e um pedacinho de pudim.”

“Papa”, disse tio Julian.

“A Merricat vai comer uma carne magra e saborosa e temperada.”

“O Jonas vai pegar um rato para mim”, eu

disse ao meu gato, que estava no meu joelho.

“Eu sempre fico muito feliz quando você

volta do vilarejo”, disse Constance; ela parou

para me olhar e me lançar um sorriso. “Até

certo ponto porque você traz comida, é

claro. Mas também porque fico com

saudades.”

“Eu sempre fico feliz quando chego em

casa depois de ir ao vilarejo”, eu lhe disse.

“Foi muito ruim?” Ela tocou rápido na

minha bochecha com um dedo.

“Nem queira saber.”

“Um dia eu vou.” Era a segunda vez que ela

falava de sair, e eu gelei.

“Constance”, disse tio Julian. Ele levantou

um papelzinho da mesa e o examinou, a

testa franzida. “Acho que não sei se o seu pai foi lá para o jardim com o charuto dele

como de hábito naquela manhã.”

“Ele foi, sem dúvida”, disse Constance. “O

gato anda pescando no riacho", me contou. "Ele voltou todo enlameado." Ela dobrou a sacola de compras e colocou-a com as outras, na gaveta, e pôs os livros da biblioteca na prateleira, onde ficariam para sempre. Jonas e eu deveríamos ficar no nosso canto, fora do caminho, enquanto Constance trabalhava na cozinha, e era uma alegria observá-la, movimentando-se de um jeito tão bonito à luz do sol, tocando nas comidas com tamanha delicadeza. "É dia da Helen Clarke", anunciei. "Está com medo?"

Ela se virou para sorrir para mim. "Medo nenhum", ela declarou. "Estou cada vez melhor, eu acho. E hoje vou fazer bolinhos de rum."

"E a Helen Clarke vai gritar e devorar todos eles."

Mesmo hoje, Constance e eu ainda éramos um pouco sociáveis, conhecidos nos visitavam, subiam a rampa de carros para nos chamar. Helen Clarke tomava o chá

conosco às sextas-feiras, e a sra. Shepherd
ou a sra. Rice ou a velha sra. Crowley davam
uma passadinha às vezes, no domingo,
depois da igreja, para nos dizer que teríamos
gostado do sermão. Vinham por senso de
obrigação, embora nunca retornássemos
seus telefonemas, e ficavam por alguns
minutos convenientes e vez por outra
traziam flores de seus jardins, ou livros, ou
uma canção que Constance pudesse ter
vontade de tentar tocar na harpa; falavam de forma cortês e havia breves momentos de
risadas, e nunca deixavam de nos convidar
para ir às suas casas apesar de saberem que
jamais iríamos. Eram respeitosas com tio
Julian, e pacientes com suas conversas, se
ofereciam para nos levar para passear em
seus carros, se referiam a elas mesmas como
nossas amigas. Constance e eu sempre
falávamos bem delas uma com a outra, pois
acreditavam que suas visitas nos davam

prazer. Elas nunca percorriam a trilha. Quando Constance lhes oferecia uma muda da roseira, ou lhes convidava para ver uma alegre disposição de cores nova, elas iam ao jardim, mas nunca se dispunham a ultrapassar as áreas predefinidas; passavam pelo jardim e entravam nos carros parados em frente à porta e saíam portão afora. O sr. e a sra. Carrington vieram algumas vezes para ver como estávamos nos saindo, já que o sr. Carrington era muito amigo do nosso pai. Eles nunca entravam ou aceitavam fazer um lanche, mas vinham de carro até a entrada e ficavam dentro do carro e conversavam por uns minutinhos. “Como vocês estão se saindo?”, sempre perguntavam, olhando de Constance para

mim e voltando; “Estão dando conta de tudo sozinhas? Vocês precisam de alguma coisa, tem algo que a gente possa fazer? Como é que vocês estão se saindo?” Constance sempre os convidava a entrar porque fomos criadas para acreditar que era uma descortesia deixar as visitas conversando lá fora, mas os Carrington nunca entravam na casa. “Fico me perguntando”, falei, pensando neles, “se os Carrington me trariam um cavalo se eu pedisse. Eu poderia cavalgar no prado.”

Constance se virou e olhou para mim por um instante, franzindo um pouco a testa.

“Você não vai pedir para eles”, ela disse por fim. “Não pedimos nada a ninguém. Não se esqueça.”

“Estava brincando”, expliquei, e ela sorriu de novo. “A verdade é que eu só quero mesmo um cavalo se for alado. Poderíamos te levar para a lua e voltar, meu cavalo e eu.”

“Lembro que antigamente você queria um

grifo”, ela disse. “Agora, dona Preguiça, vai lá fora colocar a mesa.”

“Eles tiveram uma briga horrível naquela

última noite”, disse tio Julian. “‘Eu não

aceito’, ela falou, ‘Eu não aceito isso, John Blackwood’, e ‘A gente não tem outra

alternativa’, ele falou. Fiquei atrás da porta escutando, é claro, mas cheguei tarde demais

para ouvir qual era o motivo da briga;

imagino que fosse dinheiro.”

“Eles não eram de brigar”, disse

Constance.

“Eram quase sempre civilizados um com o

outro, sobrinha, se é isso o que você quer

dizer com não brigar; um exemplo bastante

insatisfatório para todos nós. Minha esposa

e eu preferíamos os gritos.”

“Às vezes nem parece que já faz seis anos”,

disse Constance. Peguei a toalha de mesa

amarela e fui para o quintal para começar a

arrumar a mesa; atrás de mim, escutei-a

dizer ao tio Julian, “Às vezes acho que daria

tudo para que eles voltassem.”

Quando criança, eu acreditava que um dia cresceria e seria tão alta que tocaria na parte de cima das janelas da sala de visitas da nossa mãe. Eram janelas feitas para o verão, já que a casa na verdade era para ser uma casa apenas de veraneio e nosso pai só havia instalado um sistema de calefação porque nossa família não tinha outra casa para onde se mudar durante o inverno; por direito, deveríamos ficar com a casa Rochester no vilarejo, mas fazia tempo que nós a tínhamos dado por perdida. As janelas da sala de visitas da nossa casa iam do chão ao teto, e eu nunca conseguia tocar no alto; nossa mãe dizia às visitas que as cortinas de seda azul-claras tinham quatro metros de

comprimento. Havia duas janelas grandes na

sala de visitas e duas janelas grandes na sala de jantar do outro lado do corredor, e de

fora elas pareciam estreitas e mirradas e

davam à casa um ar desolado. Por dentro, no

entanto, a sala de visitas era linda. Nossa

mãe trouxera cadeiras com pés dourados da

casa Rochester, e sua harpa ficava ali, e o ambiente reluzia com os reflexos dos

espelhos e vidros brilhantes. Constance e eu

usávamos a sala somente quando Helen

Clarke vinha para o chá, mas nós a

conservávamos à perfeição. Constance subia

na escada para lavar o alto das janelas, e

tirávamos a poeira das estatuetas de Dresden

em cima da cornija da lareira, e com um

pano enrolado no cabo da vassoura eu

limpava os acabamentos de bolo de noiva no

alto das paredes, fitando as frutas e folhas

brancas, tirando o pó dos cupidos e nós de fitas, sempre tonta por olhar para cima e

andar para trás, e rindo de Constance

quando ela me segurava. Encerávamos o

piso e remendávamos pequenos rasgos no brocado rosa dos sofás e poltronas. Havia um dossel dourado sobre cada janela grande, e arabescos dourados em torno da lareira, e o retrato de nossa mãe estava pendurado na sala de visitas; “Não suporto ver minha salinha encantadora desarrumada”, nossa mãe vivia dizendo, e por isso Constance e eu nunca tínhamos permissão para entrar lá, mas agora a mantínhamos resplandecente e sedosa.

Como nossa mãe sempre servira chá às amigas na mesinha que ficava ao lado da lareira, era lá que Constance sempre punha a mesa. Ela se sentou no sofá cor-de-rosa com o retrato de nossa mãe olhando-a de cima, e eu sentei na minha poltrona pequena no cantinho e observei. Eu podia levar xícaras e pires e distribuir sanduíches e bolos, mas não servir o chá. Não gostava de ninguém me olhando enquanto eu comia, então eu

tomava meu chá depois, na cozinha.

Naquele dia, a última vez que Helen Clarke veio para o chá, Constance tinha arrumado a mesa como de praxe, com as lindas xícaras rosadas e finas que nossa mãe sempre usava, e dois pratos de metal, um com sanduíches pequeninos e um com bolinhos de rum muito especiais; dois bolinhos de rum me aguardavam na cozinha, no caso de Helen Clarke comer todos. Constance ficou quieta no sofá; ela nunca se remexia, e as mãos ficavam impecáveis no colo. Eu esperava na janela, à procura de Helen Clarke, que sempre chegava pontualmente. “Você está com medo?”, perguntei uma vez a Constance, e ela disse, “Não, de jeito nenhum.” Sem me virar, percebia pela sua voz que ela estava tranquila.

Vi o carro dobrar na rampa e então percebi que havia duas pessoas nele em vez de uma; “Constance”, eu disse, “ela trouxe

mais alguém.”

Constance ficou parada por um instante e depois declarou com bastante firmeza,

“Acho que vai ficar tudo bem”.

Eu me virei para olhá-la, e ela estava calma.

“Vou mandá-los embora”, eu disse. “Ela sabe que não pode fazer isso.”

“Não”, disse Constance. “Eu acho mesmo que vai ficar tudo bem. Presta atenção no que vou fazer.”

“Mas não vou aceitar que deixem você com medo.”

“Mais cedo ou mais tarde”, ela disse, “mais cedo ou mais tarde eu vou ter que dar o primeiro passo.”

Gelei. “Quero mandar eles embora.”

“Não”, Constance disse. “De jeito nenhum.”

O carro parou em frente de casa, e fui ao hall para abrir a porta, que eu havia destrancado antes porque não era educado destrancar a porta na cara das visitas.

Quando fui à varanda vi que não era tão

ruim quanto eu imaginara: não era um

estranho que estava com Helen Clarke, mas

a pequena sra. Wright, que já tinha vindo

uma vez e ficado com mais medo do que qualquer pessoa. Ela não seria demais para

Constance, mas Helen Clarke não devia tê-

la trazido sem me avisar.

“Boa tarde, Mary Katherine”, Helen

Clarke disse, dando a volta no carro e

subindo os degraus, “não está um lindo dia

de primavera? Como está a querida

Constance? Eu trouxe a Lucille.” Ela

conduziria a situação com audácia, como se

as pessoas levassem semidesconhecidos para

ver Constance todos os dias, e não gostei de

ter de sorrir para ela. “Você se lembra da

Lucille Wright?”, ela me perguntou, e a

pobrezinha da sra. Wright disse em voz

baixa que ela queria tanto vir de novo.

Segurei a porta aberta, e elas entraram no

hall. Não estavam de casaco porque o dia

estava muito agradável, mas Helen Clarke, de qualquer modo, teve o bom senso de se

deter por um instante; “Avise à querida

Constance que estamos aqui”, ela me disse, e

percebi que ela estava me dando tempo para

dizer a Constance quem estava ali, então dei

uma escapulida até a sala de visitas, onde

Constance permanecia sentada, tranquila, e

disse, “É a sra. Wright, aquela assustada”.

Constance sorriu. “É um primeiro passo

meio fraco”, ela disse. “Não tem problema,

Merricat.”

No hall, Helen Clarke exibia a escada à

sra. Wright, contando a história familiar do

entalhamento e da madeira importada da

Itália; quando saí da sala de visitas ela me olhou de relance e disse, “Essa escada é uma

das

maravilhas

do

condado,

Mary

Katherine. É uma pena que fique escondida do mundo. Lucille?”. Elas se dirigiram à sala

de visitas.

Constance estava perfeitamente serena.

Levantou-se e sorriu e disse estar feliz em

vê-las. Como Helen Clarke era deselegante

por natureza, conseguiu fazer do simples

ato de entrar num ambiente e se sentar um

complexo balé de três pessoas; antes de

Constance terminar de falar, Helen Clarke

deu um encontrão na sra. Wright e

empurrou a sra. Wright para o lado como

uma bola de croqué lançada para o canto

oposto da sala, onde se sentou brusca e

nitidamente sem intenção em uma cadeira

pequena e desconfortável. Helen Clarke foi

para o sofá onde Constance estava, quase

derrubando a mesinha do chá, e, apesar de

haver muitas poltronas na sala e um outro sofá, ela acabou se sentando a uma

proximidade incômoda de Constance, que

detestava que qualquer um além de mim ficasse a seu lado. “Bem”, disse Helen Clarke, se espraiando, “que bom revê-la.”

“Uma gentileza vocês nos receberem”, disse a sra. Wright, inclinando-se para a frente. “Que linda escada.”

“Você está com uma aparência ótima, Constance. Estava trabalhando no jardim?”

“Não deu para evitar, com um dia como este.” Constance riu; estava se saindo muito bem. “É tão empolgante”, ela disse para a sra. Wright. “A senhora também gosta de jardinagem? Esses primeiros dias claros são tão empolgantes para quem gosta de jardinagem.”

Falava um pouco demais e meio rápido demais, mas ninguém além de mim percebeu.

“Eu amo jardins”, a sra. Wright declarou numa breve rajada. “Eu realmente amo jardins.”

“Como vai o Julian?”, Helen Clarke

perguntou antes de a sra. Wright terminar

de falar. “Como está o velho Julian?”

“Ele vai muito bem, obrigada. Ele vai

tentar tomar uma xícara de chá conosco esta

tarde.”

“Você conhece Julian Blackwood?”, Helen

Clarke perguntou à sra. Wright, e a sra.

Wright, fazendo que não, começou,

“Adoraria conhecê-lo, é claro; já ouvi falar

tanto…” e se calou.

“Ele é um bocadinho… excêntrico”, Helen

Clarke declarou, sorrindo para Constance como se até então isso fosse um segredo.

Fiquei pensando que se ser excêntrico

significa, como o dicionário dizia ser o caso,

aquele que se desvia do centro, Helen Clarke

era muito mais excêntrica do que tio Julian,

com seus movimentos desajeitados e

perguntas inesperadas, e trazendo estranhos

para o chá; tio Julian vivia com

tranquilidade, num padrão perfeitamente

planejado, redondo e fluido. Ela não precisava chamar as pessoas de coisas que não eram, pensei, lembrando que eu deveria ser mais gentil com tio Julian.

“Constance, você sempre foi uma das minhas melhores amigas”, ela dizia agora, e fiquei admirada; ela realmente não via como Constance recuava diante de palavras assim.

“Só vou te dar um pequeno conselho, e lembre-se, ele vem de uma amiga.”

Devo ter pressentido o que ela iria dizer, pois gelei; o dia inteiro havia sido uma escalada rumo ao que Helen Clarke diria agora. Afundei-me na poltrona e fitei Constance, querendo que ela se levantasse e fugisse, querendo que ela não ouvisse o que estava para ser dito, mas Helen Clarke prosseguiu, “É primavera, você é jovem, é linda, tem o direito de ser feliz. Volte para o mundo”.

Fosse outra época, até um mês atrás quando ainda era inverno, palavras como

essas fariam Constance se retrair e sair

correndo; agora, via que ela escutava e

sorria, embora fizesse que não com a cabeça.

“Sua penitência já durou tempo demais”,

disse Helen Clarke.

“Eu gostaria tanto de oferecer um

almocinho…”, começou a sra. Wright.

“Você se esqueceu do leite; vou pegar.”

Levantei-me e falei diretamente com

Constance, e ela olhou ao redor até me

encontrar, quase surpresa.

“Obrigada, querida.”

Saí da sala de visitas e passei pelo hall e rumei para a cozinha; esta manhã a cozinha

estivera clara e alegre, e agora, fria, percebi que estava lúgubre. Constance dava a

impressão de que de repente, depois de todo

aquele tempo se recusando e negando, ela

começava a ver que talvez fosse possível,

afinal de contas, sair de casa. Percebia agora

que essa era a terceira vez no mesmo dia que

o assunto era abordado, e três vezes tornava

a coisa real. Eu não conseguia respirar; estava amarrada com arame, e minha cabeça

estava enorme e iria explodir; corri para a

porta dos fundos e a abri para respirar.

Queria correr; se pudesse correr até o fim

do nosso terreno e voltar eu ficaria bem, mas

Constance estava sozinha com elas na sala

de visitas, eu tinha de voltar depressa. Tive que me contentar em quebrar o jarro de leite

que esperava sobre a mesa; tinha sido da

nossa mãe, e deixei os cacos no chão para

que Constance os visse. Peguei o segundo

melhor jarro de leite, que não combinava

com as xícaras; como tinha permissão para

servir o leite, eu o enchi e o levei à sala de visitas.

“… fazer isso com a Mary Katherine?”,

Constance dizia, e então se virou e sorriu

para mim na soleira da porta. “Obrigada, querida”, ela disse, e olhou para o jarro de leite e para mim. “Obrigada”, repetiu, e pus o

jarro na bandeja.

“Não precisa fazer muita coisa, a

princípio”, disse Helen Clarke. “Pareceria

estranho, eu admito. Mas um ou dois telefonemas para velhas amigas, quem sabe um dia no shopping da cidade — ninguém te reconheceria na cidade, sabe?”

“Um almocinho?”, disse a sra. Wright, esperançosa.

“Tenho de pensar.” Constance fez um gesto mínimo, risonho, desconcertado, e Helen Clarke assentiu.

“Você vai precisar de roupas”, ela disse.

Levantei do meu lugar no canto para pegar uma xícara de chá de Constance e levá-la à sra. Wright, cuja mão tremeu ao segurá-la.

“Obrigada, minha querida”, ela disse. Eu vi o chá tremer na xícara; era apenas sua segunda visita, afinal de contas.

“Açúcar?”, ofereci; não pude evitar e, além disso, era educado.

“Ah, não”, ela disse. “Não, obrigada. Sem açúcar.”

Pensei, olhando para ela, que hoje ela

tinha se vestido para vir aqui; Constance e

eu nunca usávamos preto, mas talvez a sra.

Wright achasse conveniente, e hoje usava

um vestido preto com um colar de pérolas.

Também usara preto da outra vez, me

lembrei; sempre de bom gosto, refleti, só

que não na sala de visitas da nossa mãe.

Voltei para Constance e peguei o prato de

bolinhos de rum e o levei à sra. Wright;

também não era uma gentileza, e ela comeria primeiro os sanduíches, mas queria que ela

ficasse infeliz, vestida de preto na sala de visitas da nossa mãe. “Minha irmã fez de

manhã”, declarei.

“Obrigada”, ela disse. Sua mão hesitou

sobre o prato e depois ela pegou um bolinho

de rum e o colocou cuidadosamente na

beirada do pires. Achei que a sra. Wright

estava agindo com uma cortesia histérica, e

eu disse, “Pegue dois. Tudo o que minha

irmã faz é uma delícia”.

“Não”, ela respondeu. “Não, não.

Obrigada.”

Helen Clarke comia os sanduíches,

esticando o braço além de Constance para

pegar um após o outro. Ela não se

comportaria assim em nenhum outro lugar,

pensei, só aqui. Ela nunca liga para o que Constance pensa ou eu penso sobre seus

modos; só imagina que ficamos felicíssimas

em vê-la. Sai daqui, eu lhe disse

mentalmente. Sai daqui, sai daqui. Fiquei

me perguntando se Helen Clarke guardava

roupas específicas para as visitas à nossa

casa. “Isso aqui”, eu a imaginava dizendo,

revirando o guarda-roupas, “não faz sentido

jogar isso aqui fora, eu posso usar para visitar

a querida Constance.” Comecei a vestir

Helen Clarke na minha imaginação,

colocando-a em um maiô sobre um banco

de neve, botando-a no alto dos galhos

grossos de uma árvore em um vestido de

delicados babados cor-de-rosa que se

prendiam e repuxavam e rasgavam; ela estava enroscada na árvore e berrava, e eu quase ri.

“Por que não chamar umas pessoas daqui?”, Helen Clarke dizia a Constance.

“Uns poucos velhos amigos — tem várias pessoas que queriam manter contato com você, Constance querida — uns velhos amigos uma noite dessas. Para jantar? Não”, ela disse, “Talvez não para jantar. Talvez não, pelo menos por enquanto.”

“Eu mesma…”, a sra. Wright retomou; tomara cuidado ao deixar a xícara de chá e o bolinho de rum na mesa ao lado.

“Mas por que não um jantar?”, disse Helen Clarke. “Afinal, uma hora ou outra você vai ter de se arriscar.”

Eu ia falar alguma coisa. Constance não olhava para mim, somente para Helen Clarke. “Por que não chamar umas pessoas bacanas do vilarejo?”, perguntei em voz bem alta.

“Santo Deus, Mary Katherine”, exclamou Helen Clarke. “Que susto você me deu.” Ela riu. “Pelo que eu me lembro, os Blackwood nunca se relacionaram socialmente com os moradores”, ela disse.

“Eles nos odeiam”, declarei.

“Eu não dou ouvidos às fofocas deles, e espero que você também não dê. E, Mary Katherine, você sabe tão bem quanto eu que noventa por cento dessa sensação é fruto da sua imaginação, e se você tentasse ser minimamente amistosa eles nunca falariam uma palavra que fosse contra você. Santo Deus. Eu garanto que pode até ter havido alguma coisa antes, mas da sua parte ela foi completamente superdimensionada.”

“As pessoas vão fofocar”, a sra. Wright constatou em tom apaziguador.

“Esse tempo todo venho dizendo que sou muito amiga dos Blackwood e que não tenho vergonha nenhuma disso. Você tem que se aproximar das pessoas do seu próprio

tipo, Constance. Elas não falam de nós.”

Eu gostaria que elas fossem mais

divertidas; achei que agora Constance

parecia um pouco cansada. Se elas fossem

embora logo eu penteaaria o cabelo de

Constance até ela dormir.

“O tio Julian está chegando”, anunciei a

Constance. Escutei o barulho suave da

cadeira de rodas no hall e me levantei para abrir a porta.

Helen Clarke disse, “Você acha que as

pessoas vão mesmo ter medo de vir aqui?”, e

tio Julian estancou na soleira da porta. Ele pusera a gravata elegante por causa das

companheiras de chá, e lavara o rosto até

deixá-lo rosado. “Medo?”, ele disse. “De vir

aqui?” De sua cadeira ele fez uma reverência

à sra. Wright e depois a Helen Clarke.

“Madame”, ele disse, e “Madame.” Percebi

que ele não se lembrava do nome de ambas,

ou se já as tinha visto antes.

“Você está ótimo, Julian”, disse Helen

Clarke.

“Medo de vir aqui? Me desculpe por repetir suas palavras, madame, mas estou perplexo. Afinal de contas, a minha sobrinha foi absolvida do homicídio. Não existe perigo nenhum em vir aqui agora.”

A sra. Wright fez um movimento convulsivo em direção à xícara e depois pôs as mãos no colo com firmeza.

“Pode-se dizer que existe perigo em todo lugar”, continuou tio Julian. “O perigo do envenenamento, sem dúvida. Minha sobrinha pode lhes contar sobre os riscos mais improváveis — plantas de jardim mais fatais que cobras e ervas comuns que rasgam a mucosa da sua barriga que nem faca, madame. A minha sobrinha…”

“Um jardim encantador”, a sra. Wright

disse a Constance com sinceridade.

“Garanto que não sei como fazer igual.”

Helen Clarke declarou com firmeza, “Ora,

tudo isso foi esquecido há muito tempo,

Julian. Ninguém mais pensa nisso”.

“Lamentável”, disse tio Julian. “Um caso

fascinante, um dos poucos mistérios

verdadeiros da nossa época. Da minha

época, principalmente. A obra da minha vida”, ele declarou à sra. Wright.

“Julian”,

Helen

Clarke

intercedeu

depressa; a sra. Wright parecia hipnotizada.

“Existe uma coisa chamada bom gosto,

Julian.”

“Gosto, madame? Você já sentiu o gosto

de arsênico? Garanto que tem um instante

de profunda incredulidade antes de a mente

aceitar…”

Um momento antes a pobre coitada da

sra. Wright provavelmente preferiria morder a língua a mencionar o assunto, mas agora dizia, quase sem fôlego, “Quer dizer que você se lembra?”.

“Lembrar.”

Tio Julian suspirou, balançando alegremente a cabeça. “Vai ver”, ele disse com entusiasmo, “vai ver você não conhece a história. Quem sabe eu não…”

“Julian”, interrompeu Helen Clarke, “a Lucille não quer saber. Você deveria sentir vergonha de falar isso para ela.”

Pensei que a sra. Wright queria muito saber, e olhei para Constance no instante em que ela me olhou; ambas estávamos muito sérias, para combinar com o tema, mas eu sabia que ela estava se divertindo tanto quanto eu; era bom escutar tio Julian, que na maior parte do tempo ficava tão sozinho.

E a pobre, pobre sra. Wright, afinal
tentada a um nível insuportável, não
conseguiu mais se conter. Ela ficou muito
vermelha e vacilou, mas tio Julian era um
sedutor, e a boa educação da sra. Wright
não
poderia
resistir
para
sempre.
“Aconteceu bem aqui nesta casa”, ela disse
como numa prece.
Todos fizemos silêncio, fitando-a com
cortesia, e ela sussurrou, “Eu peço perdão
mesmo”.
“Naturalmente, nesta casa”, Constance
concordou. “Na sala de jantar. Estávamos
jantando.”
“Uma família reunida para a refeição
noturna”, disse tio Julian, acariciando as
palavras. “Sem nunca cogitar que seria nossa

última vez.”

“Arsênico no açúcar”, disse a sra. Wright,

deixando-se

levar,

perdendo

irremediavelmente todo o decoro.

“Eu usei aquele açúcar.” Tio Julian

balançou o dedo para ela. “Eu mesmo usei

aquele açúcar nas minhas amoras. Por

sorte”, e ele deu um sorriso suave, “o destino

interferiu. Ele levou inexoravelmente alguns de nós, naquele dia, às portas da morte.

Alguns de nós, inocentes e sem suspeitar de

nada, deram, sem querer, aquele último

passo rumo ao esquecimento. Alguns

tomaram muito pouco açúcar.”

“Nunca toco em amoras”, declarou

Constance; ela olhou direto para a sra.

Wright e disse em tom discreto, “raramente

uso açúcar no que quer que seja. Até hoje.”

“Isso pesou muito contra ela no

julgamento”, tio Julian disse. “Digo, o fato de que ela não usava açúcar. Mas a minha sobrinha nunca gostou de amora. Até quando era criança ela tinha o hábito de recusar amora.”

“Por favor”, Helen Clarke disse alto, “é um ultraje, de verdade; acho insuportável ouvir sobre isso. Constance... Julian... o que é que a Lucille vai pensar de vocês?”

“Não, tudo bem”, disse a sra. Wright, levantando as mãos.

“Não vou ficar aqui sentada, não quero ouvir mais nem um pio”, declarou Helen Clarke. “A Constance tem que começar a pensar no futuro; ficar remoendo o passado não é saudável; a pobre coitada já sofreu muito.”

“Bom, eu tenho saudade de todos eles, é claro”, disse Constance. “As coisas são bem diferentes desde que eles partiram, mas não me vejo como uma pessoa sofrida.”

“De certa forma”, tio Julian continuou, “eu

tive uma sorte extraordinária. Sobrevivi ao
caso de envenenamento mais sensacional do
século. Tenho todas as matérias de jornal.
Eu conhecia as vítimas, a acusada, intimamente, como apenas um parente morando na casa poderia conhecê-las.
Tenho anotações minuciosas sobre tudo o
que aconteceu. Nunca me recuperei."
"Eu já falei que não quero discutir esse
assunto", disse Helen Clarke.
Tio Julian se deteve. Olhou para Helen
Clarke e depois para Constance. "Não
aconteceu de verdade?", ele perguntou um
minuto depois, os dedos sobre a boca.
"Claro que aconteceu de verdade."
Constance sorriu para ele.
"Tenho os recortes dos jornais", tio Julian
disse com insegurança. "Tenho minhas
anotações", ele disse a Helen Clarke, "eu pus
tudo no papel."
"Foi uma coisa terrível." A sra. Wright se
inclinou para a frente gravemente, e tio Julian se voltou para ela.

“Apavorante”, concordou. “Aterrador, madame.” Ele manobrou a cadeira de rodas para ficar de costas para Helen Clarke. “Quer ver a sala de jantar?”, convidou. “A tábua fatal? Não contribuí com nenhuma evidência no julgamento, entende; minha saúde não estava à altura, na época e agora, das perguntas grosseiras de estranhos.” Ele balançou a cabeça de leve em direção a Helen Clarke. “Eu queria muito sentar no banco das testemunhas. Creio que eu não teria causado nenhuma impressão desvantajosa. Mas é claro que no final das contas ela foi inocentada.”

“Claro que foi inocentada”, Helen Clarke disse com veemência. Ela pegou sua bolsa enorme, colocou-a sobre o colo e tateou-a em busca das luvas. “Ninguém mais pensa

nisso.” Ela e a sra. Wright se entreolharam, e então ela se preparou para levantar.

“A sala de jantar…?”, a sra. Wright disse com acanhamento. “Só uma olhadinha?”

“Madame.” Tio Julian forçou uma reverência da cadeira de rodas, e a sra. Wright se apressou para chegar à porta e abri-la para ele. “Bem do outro lado do corredor”, tio Julian explicou, e ela seguiu.

“Admiro mulheres razoavelmente curiosas, madame; deu para perceber de cara que você foi devorada pelo furor de ver o cenário da tragédia; aconteceu bem aqui neste cômodo, e continuamos a jantar aqui todas as noites.” Nós o ouvíamos com clareza; parecia dar a volta na nossa mesa de jantar enquanto a sra. Wright o observava da soleira da porta.

“Você percebe que a nossa mesa é redonda. Agora ela é grande demais para o lastimável restante da nossa família, mas temos relutado em perturbar o que é, no final das

contas, uma espécie de monumento;

antigamente, um retrato desta sala valeria

um bom dinheiro de qualquer jornal. Já

fomos uma família numerosa, você deve se

lembrar, uma família grande e feliz.

Tínhamos umas discórdias bobas, é claro,

não fomos todos imensamente abençoados

com paciência; dá até para dizer que havia

brigas. Nada sério; marido e mulher, irmão

e irmã nem sempre estavam de pleno

acordo.”

“Então por que ela…”

“Sim”,

tio

Julian

disse,

“isso

é

desconcertante, não é mesmo? Meu irmão, como chefe de família, logicamente se

sentava na cabeceira da mesa, aqui, de costas

para a janela e com o decantador à frente
dele. John Blackwood se orgulhava desta
mesa, da família, da posição que ocupava no
mundo.”
“Ela nem sequer o conhecia”, Helen
Clarke disse. Olhou com raiva para
Constance. “Eu me lembro bem do seu pai.”
Rostos se dissipam da memória, pensei.
Fiquei me questionando se reconheceria a
sra. Wright caso a visse no vilarejo. Fiquei me questionando se no vilarejo a sra.
Wright passaria por mim, sem me ver;
talvez ela fosse tão tímida que nunca olhasse
para o rosto de ninguém. A xícara de chá e o
bolinho de rum ainda estavam em cima da
mesa, intocados.
“E eu era muito amiga da sua mãe,
Constance. É por isso que me sinto à
vontade para falar abertamente com você,
pelo seu próprio bem. Sua mãe gostaria
que…”
“… minha cunhada, madame, era uma

mulher delicada. Você deve ter reparado no

retrato dela na sala de visitas, e no traçado sutil do maxilar sob a pele. Uma mulher que

nasceu para a tragédia, talvez, apesar da

tendência a ser meio boba. À direita dela,

nesta mesa, eu, mais jovem naquela época, e

não um inválido; foi só a partir daquela

noite que virei um desvalido. À minha

frente, o menino Thomas — você sabia que

tive um sobrinho, que meu irmão tinha um

filho? Sem dúvida você já leu sobre ele.

Tinha dez anos e muito dos traços de personalidade mais contundentes do pai."

"Foi ele quem usou mais açúcar", disse a

sra. Wright.

"Infelizmente", disse o tio Julian. "Então,

ao lado do meu irmão, a filha Constance e

minha esposa, Dorothy, que me deu a honra

de juntar a parte dela com a minha, apesar de

eu achar que ela não imaginava nada tão

grave quanto arsênico nas amoras dela. A

outra filha, minha sobrinha Mary Katherine,

não estava à mesa.”

“Estava no quarto dela”, disse a sra.

Wright.

“Uma criança ótima de doze anos, que

mandaram para a cama sem jantar. Mas ela

não nos dava preocupação.”

Eu ri, e Constance disse a Helen Clarke,

“Merricat sempre caía em desgraça. Eu sempre subia pela escada dos fundos com

uma bandeja de jantar para ela depois que

meu pai saía da sala de jantar. Ela era uma criança terrível, desobediente”, e ela sorriu

para mim.

“Um ambiente insalubre”, disse Helen

Clarke. “A criança deve ser castigada pelas

transgressões, mas é preciso que ela sinta

que continua sendo amada. Eu jamais

toleraria a rebeldia infantil. E agora a gente

precisa mesmo…” Ela começou a vestir as

luvas de novo.

“… cordeirinho de leite assado com geleia

de hortelã feita com folhas da horta da

Constance. Batata em rodelas, ervilha fresca,

uma salada, de novo da horta da Constance.

Eu me lembro perfeitamente, madame.

Ainda é uma das minhas refeições prediletas. Também fiz, é claro, anotações

bem detalhadas de tudo o que diz respeito a

esse jantar e, a bem da verdade, àquele dia inteiro. Você vai logo ver que o jantar gira em torno da minha sobrinha. O verão estava

começando, a horta estava indo bem — o

clima estava uma delícia naquele ano, eu me

lembro; desde então não tivemos outro

verão como aquele, ou vai ver que estou

ficando velho. A gente contava com a

Constance para várias iguariazinhas que só

ela era capaz de proporcionar; é claro que

não me refiro a arsênico.”

“Bom, a amora foi uma parte importante.”

A sra. Wright parecia meio rouca.

“Que mente a sua, madame! Tão certeira,

tão infalível. Dá para perceber que você vai

me perguntar por que seria concebível que ela usasse arsênico. Minha sobrinha não é

capaz de tamanha sutileza, e por sorte o

advogado dela disse isso no julgamento.

Constance pode pôr as mãos numa gama assombrosa de substâncias fatais sem nem sequer sair de casa; ela poderia lhe fazer um molho de cicuta, membro da família da salsa que causa paralisia imediata e morte quando ingerida. Ela poderia ter feito uma geleia das adoráveis figueiras-do-inferno ou ervas-de-são-cristóvão, poderia ter salpicado na salada um Holcus lanatus, chamado de erva-lanar e cheio de ácido cianídrico. Tenho anotações sobre tudo isso, madame. A doce-amarga é parente do tomate; será que nós, algum de nós, teríamos a premonição de recusar caso Constance servisse isso para nós, temperado e em conserva? Ou pense então na família dos cogumelos, rica como é em tradição e armadilhas. Nós sempre gostamos de cogumelo — minha sobrinha faz uma omelete de cogumelo que só provando para acreditar, madame — e o tão

comum chapéu-da-morte…”

“Ela não devia ser a responsável por

cozinhar”, disse a sra. Wright com firmeza.

“Bom, é claro, essa é a raiz do nosso

problema. Claro que ela não devia estar

cozinhando se a intenção dela fosse destruir

todos nós com veneno; seria um altruísmo

cego da nossa parte incentivá-la a cozinhar

se fosse esse o caso. Mas ela foi inocentada.

Não só em relação ao ato como à intenção.”

“O que haveria de errado na sra.

Blackwood preparar a própria comida?”

“Faça-me o favor.” A voz de tio Julian tinha certo tremor, e soube qual era o gesto

que fazia apesar de não estar ao alcance dos

meus olhos. Ele teria levantado a mão, os

dedos afastados, e sorrido para ela por cima

dos dedos; era um gesto galante, típico de

tio Julian; eu já o vira usá-lo com Constance.

“Pessoalmente, eu preferiria arriscar o

arsênico”, declarou tio Julian.

“Precisamos ir para casa”, Helen Clarke anunciou. “Não sei o que deu na Lucille. Eu falei para ela antes de chegar que não era para mencionar esse assunto.”

“Este ano vou colher morangos silvestres”, Constance me disse. “Reparei numa faixa de terra razoável cheia deles perto da ponta da horta.”

“Que enorme falta de tato, a dela, e ela me deixa esperando.”

“… o açucareiro no aparador, o açucareiro pesado de prata cheio de açúcar. É herança de família; meu irmão dava grande valor a ele. Imagino que você esteja se perguntando sobre o açucareiro. Ainda está em uso?, você está se perguntando; foi lavado?, você pode muito bem questionar; foi bem lavado? Posso ir garantindo logo. Minha sobrinha Constance lavou antes de o médico ou a polícia chegar, e como você deve ter deduzido não foi um momento oportuno

para lavar o açucareiro. Os outros pratos usados no jantar ainda estavam na mesa, mas a minha sobrinha levou o açucareiro para a cozinha, esvaziou-o e esfregou-o muito bem com água fervente. Foi um gesto curioso."

“Tinha uma aranha dentro”, Constance

disse para a chaleira. Usamos um açucareiro enfeitado com rosas para os cubos de açúcar

do chá.

“… tinha uma aranha dentro, ela falou. Foi

isso o que ela falou para a polícia. Foi por isso que ela lavou.”

“Bom”, disse a sra. Wright, “me parece que

ela poderia ter pensado numa razão melhor.

Mesmo se fosse uma aranha de verdade...

bem, você não lava... quer dizer, você só tira

a aranha de dentro.”

“Que motivo você teria dado, madame?”

“Bom, eu nunca matei ninguém, então não

sei… quer dizer, não sei o que eu diria. A primeira coisa que me passasse pela cabeça,

imagino. Quer dizer, ela devia estar

chateada.”

“Garanto que as pontadas foram

horrendas; você disse que nunca sentiu o gosto de arsênico? Não é agradável. Eu sinto

muitíssimo por todos eles. Eu mesmo passei

vários

dias
com
dores
tenebrosas;
Constance teria, sem dúvida, demonstrado
profunda compaixão por mim, mas àquela
altura, é claro, ela estava totalmente
inacessível. Ela foi detida na mesma hora.”
A sra. Wright soava mais enérgica, numa
ansiedade quase involuntária. “Sempre
imaginei, desde que nos mudamos para cá,
que seria uma oportunidade incrível
conhecer vocês e descobrir o que aconteceu
de verdade, porque é claro que sempre existe
aquela dúvida, aquela à qual ninguém nunca
conseguiu responder; claro que nem
esperava conversar com vocês sobre isso, e
veja só.” Ouviu-se o ruído de uma cadeira da
sala de jantar sendo arrastada; estava claro que a sra. Wright tinha resolvido se
acomodar. “Primeiro”, ela disse, “ela
comprou o arsênico.”

“Para matar os ratos”, Constance disse para a chaleira, depois se virou e me lançou um sorriso.

“Para matar os ratos”, disse o tio Julian. “O único outro uso popular do arsênico é na taxidermia, e minha sobrinha não seria sequer capaz de fingir que tem algum conhecimento prático do assunto.”

“Ela preparou o jantar, ela pôs a mesa.”

“Confesso que estou surpresa com essa mulher”, declarou Helen Clarke. “Ela parece ser uma pessoa tão reservadinha.”

“Foi Constance quem viu eles morrendo que nem moscas — com o perdão da expressão — e só chamou o médico quando já era tarde demais. Ela lavou o açucareiro.”

“Tinha uma aranha dentro”, declarou Constance.

“Ela falou para a polícia que eles mereciam morrer.”

“Ela estava agitada, madame. Pode ser que

o comentário tenha sido mal interpretado.

Minha sobrinha não é uma pessoa cruel;

além disso, naquele momento ela achava que

eu era um deles, e apesar de eu merecer

morrer — todos merecemos, não é verdade?

—, nem de longe imagino que minha

sobrinha é quem deve dizer essas coisas."

"Ela falou para a polícia que foi tudo culpa

dela."

"Aí", disse tio Julian, "eu acho que ela

cometeu um erro. É bem verdade que no

começo ela achava que a comida dela tinha causado aquilo tudo, mas ao assumir toda a

culpa acho que foi impetuosa demais. Eu

teria aconselhado que não tomasse essa

atitude caso tivesse sido consultado; parece

autocomiseração."

"Mas a grande questão, sem resposta, é por

quê? Por que ela fez isso? Quer dizer, a não

ser que a gente concorde que Constance era

uma maníaca homicida…"

“Você conheceu ela, madame.”

“Eu o quê? Ah, meu Deus, sim. Esqueci

totalmente. Não consigo lembrar que aquela

jovenzinha bonita é na verdade… bom. Sua

genocida deve ter algum motivo, sr.

Blackwood, ainda que seja deturpado,

perverso... ah, valha-me Deus. Ela é uma

menina encantadora, sua sobrinha; nem

lembro quando foi que me afeiçoei a alguém como me afeiçoei a ela. Mas se ela é uma

maníaca homicida…”

“Estou indo embora.” Helen Clarke se

levantou e enfiou a bolsa enfaticamente

debaixo do braço. “Lucille”, ela chamou,

“estou indo embora. Já ultrapassamos todos

os limites do decoro; já passa das cinco.”

A sra. Wright saiu apressada da sala de

jantar, atormentada. “Mil desculpas”, ela

pediu. “Estávamos batendo papo e perdi a

noção da hora. Meu Deus.” Ela correu até a

cadeira para pegar a bolsa.

“Você nem tocou no chá”, eu disse,
querendo vê-la corar.
“Obrigada”, ela disse; olhou para baixo,
para a xícara, e corou. “Estava uma delícia.”
Tio Julian parou a cadeira de rodas no
meio do cômodo e juntou as mãos com alegria. Olhou para Constance e então
levantou os olhos para fitar um canto do
teto, sóbrio e modesto.
“Julian, adeus”, Helen Clarke disse
bruscamente. “Constance, desculpe por ter
ficado tanto tempo; foi imperdoável.
Lucille?”
A sra. Wright parecia uma criança que
sabe que será punida, mas não tinha se
esquecido dos bons modos. “Obrigada”, ela
disse a Constance, esticando a mão e
recolhendo-a rapidamente. “Foi muito
agradável. Adeus”, ela disse ao tio Julian.
Elas foram ao hall, e eu as segui para trancar
a porta depois que saíssem. Helen Clarke
deu partida no carro antes que a pobre

coitada da sra. Wright terminasse de entrar,

e a última coisa que ouvi da sra. Wright foi um gritinho quando o carro seguiu pela

rampa. Estava gargalhando quando voltei à

sala de visitas, me aproximei e beijei

Constance. “Um ótimo chá”, declarei.

“Que mulher insuportável.” Constance

encostou a cabeça no sofá e riu. “Malcriada,

pretensiosa, burra. Nunca vou entender por

que ela sempre volta aqui.”

“Ela quer te botar nos eixos.” Peguei a

xícara da sra. Wright e o bolinho de rum e

os levei até a bandeja de chá. “Coitadinha da

sra. Wright”, eu disse.

“Você estava caçoando dela, Merricat.”

“Um bocadinho, talvez. Não consigo me

segurar quando as pessoas têm medo;

sempre tenho vontade de botar mais medo

ainda nelas.”

“Constance?” Tio Julian virou a cadeira de rodas em sua direção. “Como eu me saí?”

“Foi soberbo, tio Julian.” Constance se

levantou e foi até ele e deu um leve toque em

sua velha cabeça. “Você não precisou das

suas anotações para nada.”

“Aconteceu de verdade?”, ele lhe

perguntou.

“Sem sombra de dúvida. Vou levar você

para o quarto para você olhar seus recortes

de jornal.”

“Acho que agora não. Foi uma tarde

excelente, mas acho que estou meio cansado.

Vou descansar até a hora do jantar.”

Constance empurrou a cadeira de rodas

corredor afora, e eu segui com a bandeja de

chá. Como tinha permissão para carregar

pratos sujos mas não lavá-los, pus a bandeja

na mesa da cozinha e fiquei observando Constance empilhar os pratos ao lado da pia

para lavar depois, varrer o jarro de leite

quebrado do chão e pegar as batatas para

começar a preparar o jantar. Por fim, tive de

lhe perguntar; a ideia me deixara gelada a

tarde inteira. “Você vai fazer o que ela

falou?”, perguntei. “O que a Helen Clarke

falou?”

Ela não fingiu não entender. Ficou ali

olhando as próprias mãos trabalhando e

sorriu de leve. “Não sei”, ela disse.

3

Uma mudança estava para acontecer

e ninguém além de mim sabia disso.

Constance talvez desconfiasse;

reparei que ela às vezes parava no jardim e olhava não para as plantas das quais cuidava,

e não para a nossa casa, mas para fora, em direção às árvores que escondiam a cerca, e

de vez em quando olhava por bastante

tempo e com curiosidade para a rampa de

carros, como se estivesse se perguntando

como seria percorrê-la até o portão. Eu a

observei. Na manhã de sábado, depois de Helen Clarke vir para o chá, Constance

olhou para a rampa de carros três vezes. Tio

Julian não estava bem na manhã de sábado,

após se exaurir no chá, e permaneceu na

cama em seu quarto quente ao lado da

cozinha, junto ao travesseiro olhando pela

janela, chamando vez por outra para que

Constance lhe desse atenção. Até Jonas

estava inquieto — fazia tempestade em copo

d’água, nossa mãe costumava dizer — e não

conseguia dormir sossegado; durante todos

aqueles dias em que a mudança estava por

vir, Jonas ficou agitado. Do sono profundo

ele despertava de súbito, levantando a cabeça

como se escutasse algo, e em seguida, de pé e

se movendo com uma leve agitação, ele subia

a escada correndo e atravessava as camas e

entrava e saía pelas portas e depois descia a escada e cruzava o corredor e subia na

cadeira da sala de jantar e dava a volta na mesa e percorria a cozinha e saía jardim

afora, onde desacelerava, vagando, e então

parava para lamber a pata e mexer a orelha e

dar uma olhada no dia. À noite o ouvíamos

correndo, o sentíamos passando por cima de

nossos pés quando estávamos deitados na

cama, uma tempestade em copo d’água.

Todos os augúrios indicavam mudanças.

Acordei numa manhã de sábado e pensei ouvi-los me chamando; eles querem que eu me levante, pensei antes de despertar de vez e lembrar que estavam mortos; Constance nunca me acordava. Quando me vesti e desci naquela manhã ela aguardava para fazer meu café, e eu lhe disse, “Imaginei ter ouvido eles me chamando agora de manhã”.

“Anda logo com o café”, ela disse. “Está um dia lindo de novo.”

Nas boas manhãs em que não precisava ir ao vilarejo, eu tinha meu trabalho para fazer após o café. Nas manhãs de quarta-feira eu sempre dava a volta na cerca. Era necessário examinar constantemente para ter certeza de que os arames não estavam rompidos e os portões estavam bem trancados. Conseguia fazer os consertos sozinha, enrolando o arame onde estava quebrado, apertando fios

soltos, e era um prazer saber, todas as
manhãs de quarta, que passaríamos mais
uma semana a salvo.
Nas manhãs de domingo eu examinava
minhas salvaguardas, a caixa com moedas de
dólares de prata que eu havia enterrado
perto do riacho, e a boneca enterrada no campo, e o livro pregado na árvore do
pinheiral; contanto que estivessem onde eu
os colocara, nada poderia vir para nos fazer
mal. Eu sempre enterrei coisas, desde
quando era pequena; lembro que uma vez
dividi o campo em quatro partes e enterrei
algo em cada uma delas para fazer a grama
crescer mais à medida que eu crescesse,
assim sempre conseguiria me esconder lá.
Uma vez enterrei seis bolinhas de gude azuis
no leito do riacho para que o rio mais além
secasse. “Aqui está um tesouro para você
enterrar”, Constance me dizia quando eu era
pequena, me dando uma moedinha ou uma
fita colorida; enterrei todos os meus dentes

de leite à medida que foram caindo um a

um, e quem sabe um dia não cresceriam na

forma de dragões. Nosso terreno inteiro era adubado com os tesouros que eu havia

enterrado, densamente povoado logo abaixo

da superfície pelas minhas bolas de gude e

meus dentes e minhas pedras coloridas,

todas talvez transformadas em pedras

preciosas a esta altura, aglomeradas sob o

solo em uma rede potente e firme que nunca

se afrouxou, mas resistiu para nos proteger.

Às terças e sextas-feiras eu ia ao vilarejo, e

na quinta-feira, o meu dia mais intenso,

entrava no sótão grandioso e vestia as

roupas deles.

Na segunda-feira nós arrumávamos a casa,

Constance e eu, indo de cômodo em

cômodo com esfregões e pano de chão,

tomando o cuidado de botar as coisinhas de

volta no lugar depois de tirarmos o pó,

jamais alterando a fileira perfeita das presilhas em padrão tartaruga da nossa mãe.

Toda primavera lavávamos e encerávamos a casa para o ano seguinte, mas às segundas fazíamos faxina; pouquíssima poeira entrava nos quartos deles, mas não podíamos deixar ficar nem esse pouquinho. Às vezes Constance tentava arrumar o quarto de tio Julian, mas tio Julian não gostava de ser incomodado e mantinha as coisas em seus lugares, e Constance precisava se contentar em lavar os copinhos que ele usava para tomar remédios e trocar a roupa de cama.

Eu não tinha permissão para entrar no quarto de tio Julian.

Nas manhãs de sábado eu ajudava Constance. Eu não tinha autorização para manusear facas, mas quando ela mexia no jardim eu cuidava de suas ferramentas, deixando-as reluzentes e limpas, e carregava cestas grandes de flores, vez por outra, ou verduras que

Constance
colhia
e
transformava em comida. O porão da casa
estava cheio de comida. Todas as mulheres
da família Blackwood haviam preparado
comida
e
se
orgulhado
de
fazer
contribuições à grande provisão do nosso
porão. Havia potes de geleia feita por
bisavós, com rótulos em letras fracas
desbotadas, já quase ilegíveis, e conservas
feitas por tias-avós e verduras colhidas pela
nossa avó, e até nossa mãe havia deixado
para trás seis potes de geleia de maçã.
Constance havia passado a vida inteira se
dedicando a fazer acréscimos à comida do

porão, suas fileiras e mais fileiras de potes

eram sem sombra de dúvida as mais bonitas, e reluziam em meio às outras.
“Você enterra

comida que nem eu enterro tesouros”, eu lhe

dizia às vezes, e uma vez ela me respondeu:

“A comida vem da terra e não se pode deixar

que ela fique lá apodrecendo; tem que se

fazer alguma coisa com ela”. Todas as

mulheres da família Blackwood tiraram a

comida que viera do solo e a conservaram,

de geleias e picles de cores intensas e

verduras e frutas em potes, marrons e

âmbares e verde musgo, ficavam enfileirados

no nosso porão e permaneceriam ali para

sempre, um poema feito pelas mulheres

Blackwood. Todo ano Constance e tio

Julian e eu comíamos a geleia ou a conserva

ou o picles que Constance preparava, mas

nunca tocávamos no que era das outras:

Constance dizia que aquilo nos mataria caso comêssemos.

Este sábado de manhã passei geleia de

damasco na minha torrada, e pensei em Constance preparando-a e guardando-a com carinho para que eu a comesse em alguma manhã ensolarada, jamais sonhando que uma mudança ocorreria antes que o pote fosse esvaziado.

“Merricat preguiçosa”, Constance me disse, “para de ficar aí sonhando enquanto come torrada; quero você no jardim neste dia lindo.”

Ela arrumava a bandeja de tio Julian, botando o leite quente em um jarro pintado com margaridas amarelas, e aparando a torrada para que ficasse pequenina, quente e quadrada; se algo parecesse grande, ou difícil de comer, tio Julian deixava no prato. Constance sempre levava a bandeja de tio Julian pela manhã porque ele sentia dores ao dormir e às vezes ficava acordado, deitado na escuridão esperando a primeira luz e o conforto de Constance com sua bandeja.

Certas noites, quando o coração lhe doía muito, ele tomava um comprimido a mais que o habitual e depois passava a manhã inteira deitado, grogue e melancólico, relutante em bebericar o leite quente, mas querendo ter a certeza de que Constance estaria ocupada na cozinha ao lado de seu quarto ou no jardim, onde poderia vê-la de seu travesseiro. Nas manhãs muito boas ela o levava à cozinha para tomar café, e ele se sentava na velha escrivaninha no canto, espalhando migalhas entre as anotações, estudando sua papelada enquanto comia. "Se eu for poupado", ele sempre dizia a Constance, "eu mesmo escrevo o livro. Se não, confie as minhas anotações a um cético digno que não se preocupe demais com a verdade."

Como eu queria ser mais gentil com tio Julian, esta manhã esperava que ele aproveitasse o café da manhã e depois fosse

para o jardim na cadeira de rodas e se

sentasse ao sol. “Quem sabe uma tulipa não

se abre hoje”, falei, olhando pela porta aberta

da cozinha para o sol radiante.

“Só amanhã, eu acho”, respondeu

Constance, que sempre sabia. “Use bota se

for passear hoje; ainda vai ter muita umidade

nos bosques.”

“Alguma coisa vai mudar”, falei.

“É a primavera, sua boba”, ela disse, e pegou a bandeja de tio Julian. “Não vai fugir

enquanto eu estiver fora; tem trabalho para

fazer.”

Ela abriu a porta de tio Julian, e eu a

escutei dar bom-dia a ele. Quando ele

retribuiu o bom-dia sua voz estava

envelhecida, e percebi que não estava bem.

Constance teria de ficar ao lado dele o dia inteiro.

“Seu pai já chegou em casa, menina?”, ele

perguntou para ela.

“Não, hoje não”, disse Constance. “Deixa

eu pegar outro travesseiro pra você. O dia está lindo.”

“Ele é um sujeito atarefado”, disse tio Julian. “Me traz um lápis, minha querida; quero fazer uma anotação sobre isso. Ele é um sujeito muito atarefado.”

“Toma um pouco de leite quente; vai te esquentar.”

“Você não é a Dorothy. É a minha sobrinha Constance.”

“Bebe.”

“Bom dia, Constance.”

“Bom dia, tio Julian.”

Resolvi que escolheria três palavras fortes, palavras de proteção firme, e contanto que essas palavras formidáveis nunca fossem ditas em voz alta nenhuma mudança ocorreria. Escrevi a primeira palavra — melodia — na geleia de damasco da minha torrada com o cabo da colher e depois enfiei a torrada na boca e comi bem depressa. Um

terço da segurança garantido. Constance saiu do quarto de tio Julian carregando a bandeja.

“Ele não está bem hoje”, disse ela. “Deixou boa parte do café e está exausto.”

“Se eu tivesse um cavalo alado poderia levar ele para a lua; ele ficaria mais confortável lá.”

“Mais tarde vou levar o tio Julian para tomar um sol, e quem sabe não faço uma gemada.”

“Tudo está seguro na lua.”

Ela me olhou, distante. “Folha de dente-de-leão”, ela disse. “E rabanete. Estava pensando em mexer na horta agora de manhã, mas não quero deixar o tio Julian. Espero que a cenoura…” Ela tamborilou sobre a mesa, refletindo. “Ruibarbo”, disse.

Levei os pratos que usei no café da manhã para a pia e os deixei lá; estava decidindo minha segunda palavra mágica, que pensei que poderia muito bem ser

Gloucester. Era

forte, e achei que serviria, embora

basicamente qualquer coisa pudesse passar

pela cabeça de tio Julian e nenhuma palavra

era de fato segura quando ele falava.

“Por que não fazer uma torta para o tio

Julian?”

Constance sorriu. “Quer dizer, por que

não fazer uma torta para a Merricat? Que tal

eu fazer uma torta de ruibarbo?”

“Jonas e eu detestamos ruibarbo.”

“Mas tem as cores mais lindas; nada fica

tão lindo na prateleira quanto uma geleia de

ruibarbo.”

“Então faz para a prateleira. Faz uma torta

de dente-de-leão pra mim.”

“Merricat boba”, disse Constance. Ela

usava o vestido azul, o sol formava desenhos no chão da cozinha e a cor começava a

transparecer no jardim lá fora. Jonas se

sentou no degrau, se lavando, e Constance

passou a cantar enquanto se dedicava a lavar a louça. Minha segurança estava em dois terços, com apenas uma palavra mágica para encontrar.

Mais tarde tio Julian continuava a dormir e Constance pensou em tirar cinco minutos para ir correndo até a horta e colher o que desse; me sentei à mesa da cozinha prestando atenção ao tio Julian para poder chamar Constance caso ele acordasse, mas quando ela voltou ele continuava quieto.

Comi

cenourinhas

doces

enquanto

Constance lavava e guardava as verduras.

“Vamos comer uma salada primavera”, disse ela.

“A gente come o ano inteiro. Comemos a primavera e o verão e o outono. A gente espera uma coisa brotar e come.”

“Merricat boba”, disse Constance.

Às onze e vinte segundo o relógio da cozinha ela tirou o avental, deu uma olhada em tio Julian e subiu, como sempre fazia, para seu quarto para aguardar que eu a chamasse. Fui à porta da frente e a destranquei e a abri no momento exato em que o carro do médico virava na rampa. Tinha pressa, sempre, e estacionou logo e correu escada acima; “Bom dia, srta. Blackwood”, ele disse, passando por mim e cruzando o corredor, e quando chegou à cozinha já tinha tirado o casaco e estava prestes a colocá-lo no espaldar de uma das cadeiras da cozinha. Foi direto ao quarto de tio Julian sem dar uma olhada para mim ou para a cozinha, e então, ao abrir a porta de tio Julian, de repente ficou tranquilo e afável. “Bom dia, sr. Blackwood”, ele disse, a voz serena, “como é que estão as coisas hoje?”

“Cadê aquele velho idiota?”, tio Julian questionou, como sempre fazia, “Por que o Jack Mason não veio?”.

O dr. Mason foi quem Constance chamou na noite em que todos morreram.

“O dr. Mason não podia vir hoje”, disse o médico, como sempre fazia. “Eu sou o dr. Levy. Sou eu quem vai examinar o senhor.”

“Preferia o Jack Mason.”

“Vou me esforçar.”

“Sempre falei que eu viveria mais que aquele velho idiota.” Tio Julian deu uma risadinha sutil. “Por que é que você está mentindo pra mim? Jack Mason morreu faz três anos.”

“Sr. Blackwood”, disse o médico, “é um prazer tê-lo como paciente.” Ele fechou a porta com bastante discrição. Pensei em usar digitalina como a terceira palavra mágica, mas era muito fácil que alguém a dissesse, e por fim me decidi por Pégaso.

Peguei um copo no armário, e disse a

palavra de forma bem nítida dentro do vidro, depois o enchi de água e bebi. A porta de tio Julian se abriu, e o médico ficou na soleira por um instante.

“Agora, lembre-se”, ele disse. “E vejo o senhor no próximo sábado.”

“Charlatão”, retrucou tio Julian.

O médico se virou, sorridente, e então o sorriso desapareceu e ele tornou a se apressar. Recolheu o casaco e tomou o rumo do corredor. Eu o segui e quando cheguei à porta da frente ele já descia os degraus.

“Adeus, srta. Blackwood”, despediu-se, sem olhar ao redor, e entrou no carro e deu logo partida, acelerando mais e mais até chegar ao portão e pegar a rodovia. Tranquei a porta da frente e fui ao pé da escada. “Constance?”, chamei.

“Já vai”, ela disse lá de cima. “Já vai, Merricat.”

Tio Julian estava melhor no fim daquele dia, e se sentou ao ar livre, ao sol quente da tarde, as mãos dobradas no colo, meio

sonhador. Eu me deitei perto dele, no banco

de mármore em que nossa mãe gostava de se

sentar, e Constance se ajoelhou na terra, as mãos enterradas como se ela estivesse

brotando, remexendo a terra e revirando-a,

tocando as plantas em suas raízes.

“A manhã estava linda”, tio Julian

declarou, a voz sem interrupção, “uma bela

manhã ensolarada, e nenhum deles sabia que

seria a última. Foi ela quem desceu primeiro,

minha sobrinha Constance. Acordei e ouvi

sua movimentação pela cozinha — eu

dormia lá em cima na época, ainda

conseguia subir a escada, e dormia com a

minha esposa no nosso quarto — e pensei,

que manhã linda, sem nem sonhar que seria

a última para eles. Em seguida ouvi meu

sobrinho — não, foi o meu irmão; meu

irmão foi o primeiro a descer depois da

Constance. Escutei o assobio dele.

Constance?”

“Pois não?”

“Qual era a canção que meu irmão

assobiava, e sempre no tom errado?”

Constance pensou, as mãos no solo, e

murmurou baixinho, e eu estremeci.

“Claro. Nunca tive cabeça boa para

música; conseguia me lembrar da aparência

das pessoas e do que diziam e do que faziam

mas nunca era capaz de me lembrar do que

cantavam. Foi meu irmão que desceu depois

da Constance, sem dar a mínima

importância, é claro, se acordaria alguém

com seus barulhos e assobios, sem nunca

pensar que talvez eu ainda estivesse

dormindo, apesar de que por ironia do

destino eu já estava acordado.” Tio Julian

suspirou e levantou a cabeça para lançar um

olhar curioso, uma vez, para o jardim. “Ele nunca soube que seria sua última manhã na

Terra. Acho que teria ficado mais quieto se

soubesse. Eu o escutei na cozinha com a

Constance e disse para minha esposa — ela
também estava acordada; o barulho dele fez
com que ela despertasse —, eu disse para
minha esposa, é melhor você se vestir; nós
moramos aqui com o meu irmão e a esposa
dele, afinal de contas, e temos de nos
lembrar de mostrar a eles que somos
cordiais e estamos loucos para ajudar no que
pudermos; se vista e vá encontrar Constance
na cozinha. Ela fez o que eu mandei; nossas
esposas sempre faziam o que mandavam,
apesar de minha cunhada ter ficado deitada
na cama até tarde; vai ver que ela teve a
premonição e quis aproveitar seu descanso
mundano enquanto fosse possível. Eu ouvi todos eles. Ouvi o menino descer. Pensei em
me vestir; Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Eu ainda conseguia me vestir naquela
época, sabe, apesar de aquele ter sido o
último dia. Ainda conseguia andar por aí

sozinho, e me vestir, e me alimentar, e não sentia dor. Eu dormia bem naquela época,

como um homem forte deve dormir. Eu não

era jovem, mas era forte e dormia bem e

ainda podia me vestir sozinho.”

“Quer uma manta para botar em cima da

perna?”

“Não, minha querida, eu agradeço. Você

tem sido uma boa sobrinha para mim,

apesar de eu ter alguns motivos para

imaginar que você foi uma filha

desobediente. Minha cunhada desceu antes de mim. Nosso café da manhã foi panqueca,

panqueca fininha e quente, e meu irmão

comeu dois ovos fritos, e minha esposa —

embora eu não a incentivasse a comer muito,

já que estávamos morando com o meu irmão

— comeu basicamente linguiça. Linguiça

caseira, feita pela Constance. Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Acho que se eu soubesse que seria o

último café da manhã teria deixado ela

comer mais linguiça. É uma surpresa,

pensando nisso agora, que ninguém tenha

desconfiado de que seria a última manhã

deles; talvez não ficassem de má vontade

porque minha esposa queria mais linguiça,

se fosse o caso. Meu irmão às vezes tecia

comentários sobre o que a gente comia,

minha esposa e eu; ele era um homem normal e nunca racionava a comida,

contanto que a gente não pegasse demais.

Ele ficou observando minha esposa se servir

de linguiça naquela manhã, Constance. Eu vi

que ele ficou olhando. Nós pegávamos bem

pouco dele, Constance. Ele comeu panqueca

e ovo frito e linguiça, mas senti que ele ia falar com a minha esposa; o menino comia

sem parar. Me agrada que o café da manhã

tenha sido especialmente bom naquele dia.”

“Posso fazer linguiça pra você na semana

que vem, tio Julian; acho que linguiça caseira

não lhe faria mal se você comesse bem

pouquinho.”

“Meu irmão nunca ficava de má vontade com a nossa comida se a gente não pegasse demais. Minha esposa ajudava a lavar a louça.”

“Eu me sentia muito grata a ela.”

“Ela poderia ter feito mais, eu penso hoje em dia. Ela divertia minha cunhada, e cuidava das nossas roupas, e ajudava com a louça de manhã, mas creio que o meu irmão achava que ela poderia fazer mais. Ele saiu depois do café para uma reunião de negócios com um sujeito.”

“Ele queria que construíssem uma pérgula; o plano dele era começar um parreiral.”

“Sinto muito por isso; a esta altura poderíamos estar comendo geleia feita das nossas próprias uvas. Eu sempre conseguia conversar melhor depois que ele saía; lembro que diverti as senhoras naquela manhã, e ficamos sentados aqui no jardim. Falamos de música; minha esposa era bem

musical apesar de nunca ter aprendido a tocar. Minha cunhada tinha um toque delicado; sempre se dizia que ela tinha um toque delicado, e em geral ela tocava à noite.

Não naquela noite, é claro. Ela não pôde tocar naquela noite. De manhã imaginamos que ela tocaria à noite como de praxe. Você se lembra que eu fui bem divertido no jardim naquela manhã, Constance?"

"Eu estava tirando as ervas daninhas da horta", declarou Constance. "Ouvi vocês todos dando risada."

"Eu estava muito divertido; agora fico feliz por isso." Ele se calou por um instante, entrelaçando e desentrelaçando os dedos.

Eu queria ser mais gentil com ele, mas não poderia entrelaçar seus dedos no lugar dele e não havia nada que pudesse lhe trazer, portanto fiquei quieta escutando-o falar.

Constance franziu a testa, fitando uma folha, e as sombras se movimentaram lentamente no gramado.

“O menino tinha ido a algum lugar”, tio Julian enfim disse com sua triste voz envelhecida. “O menino tinha ido a algum lugar — ele foi pescar, Constance?”

“Ele estava subindo num castanheiro.”

“Eu me lembro. Claro. Eu me lembro de tudo com muita nitidez, minha querida, e está tudo nas minhas anotações. Foi a última manhã de todas, e não gostaria de me esquecer. Ele estava subindo no castanheiro, berrando pra gente bem lá do alto da árvore, e ficou atirando raminhos até a minha cunhada levantar a voz para ele. Ela não gostava que os ramos caíssem no cabelo, e minha esposa também não gostava, mas ela jamais seria a primeira a se pronunciar.

Acho que a minha esposa era respeitosa com a sua mãe, Constance. Detestaria pensar que não era; a gente vivia na casa do meu irmão e comia a comida dele. Sei que meu irmão veio almoçar em casa.”

“Nós comemos torrada com queijo derretido”, disse Constance. “Passei a manhã inteira mexendo nas hortaliças e precisava preparar alguma coisa rápida para o almoço.”

“Foi torrada com queijo derretido o que a gente comeu. Volta e meia me pergunto por que o arsênico não foi posto na torrada. É uma questão interessante, e vou ser obrigado a tocar nela no meu livro. Por que o arsênico não foi posto na torrada? Eles perderiam algumas horas de vida naquele último dia, mas tudo acabaria bem mais cedo. Constance, se tem um prato que você prepara e que eu detesto com todas as minhas forças é a torrada com queijo. Nunca gostei de torrada com queijo.”

“Eu sei, tio Julian. Nunca faço para você.”

“Seria o mais conveniente para o arsênico. Eu me lembro de ter comido salada. De sobremesa tinha torta de maçã, uma sobra

da noite anterior.”

“O sol está se pondo.” Constance se

levantou e limpou a terra das mãos. “Se eu

não te levar lá para dentro, você vai passar frio.”

“Seria bem mais conveniente na torrada,

Constance. Esquisito que esse argumento

não tenha sido trazido à tona na época.

Arsênico não tem gosto, entende, mas eu juro que a torrada tem. Aonde é que estou

indo?”

“Você vai lá para dentro. Vai passar uma

hora descansando no quarto até a hora do

seu jantar, e depois do jantar vou tocar para

você, se você quiser.”

“Não posso desperdiçar o tempo, minha

querida. Tenho milhares de detalhes para

lembrar e pôr no papel e não tenho nem um

minuto sequer para perder. Detestaria

deixar de fora qualquer coisinha sobre o

último dia deles; meu livro tem que ser

finalizado. Eu acho que, no cômputo geral,

foi um dia agradável para todos eles, e é
claro que foi bem melhor por jamais terem
imaginado que seria o último. Acho que
estou com frio, Constance.”
“Daqui a pouco você já vai estar quentinho na cama.”
Fui atrás deles devagarinho, sem vontade
de abandonar o jardim onde escurecia; Jonas
veio atrás de mim, se aproximando da luz da
casa. Quando Jonas e eu entramos,
Constance estava fechando a porta do
quarto de tio Julian, e ela sorriu para mim.
“Ele já está quase dormindo”, disse baixinho.
“Quando eu estiver velha que nem o tio
Julian, você vai cuidar de mim?”
“Se eu ainda estiver por aqui”, ela
respondeu, e eu gelei. Sentei no meu canto
segurando
Jonas
e
observei-a
se

movimentando ligeira e silenciosamente

pela nossa cozinha iluminada. Em poucos

minutos me pediria para pôr a mesa para

nós três na sala de jantar e então após o

jantar já seria noite e afetuosamente nos sentaríamos juntas na cozinha onde éramos

resguardadas pela casa e ninguém do mundo

exterior via sequer uma luz.

4

Na manhã de domingo a mudança

estava um dia mais próxima.

Estava determinada a não pensar

nas minhas três palavras mágicas e não

deixaria que elas entrassem na minha mente,

mas a atmosfera de mudança estava tão forte

que não havia maneira de evitá-la; a

mudança pairava sobre a escada e a cozinha

e o jardim feito uma névoa. Não esqueceria

das minhas palavras mágicas: eram MELODIA

GLOUCESTER PÉGASO, mas eu me negava a

deixá-las entrar na minha mente. O clima não estava sossegado na manhã de domingo,

e imaginei que talvez Jonas enfim
conseguiria fazer tempestade em copo
d’água; o sol brilhava na cozinha, mas havia
nuvens se movendo com rapidez no céu e
uma leve brisa cortante entrando e saindo da
cozinha enquanto eu tomava meu café da
manhã.
“Usa a bota se for passear hoje”, Constance
me recomendou.
“Imagino que o tio Julian não vai se sentar
lá fora hoje: vai fazer frio demais pra ele.”
“Puro clima de primavera”, mencionou
Constance, e sorriu para o seu jardim.
“Eu te amo, Constance”, disse.
“Eu também te amo, Merricat, sua boba.”
“O tio Julian está melhor?”
“Acho que não. Levei a bandeja dele quando você ainda estava dormindo e achei
que ele parecia bem cansado. Ele falou que
tomou um comprimido a mais durante a
noite. Talvez esteja piorando.”
“Está preocupada com ele?”

“Estou. Muito.”

“Ele vai morrer?”

“Sabe o que foi que ele me disse esta

manhã?” Constance virou-se, encostando-se

à pia, e me encarou com tristeza. “Ele achou

que eu era a tia Dorothy, pegou minha mão

e falou, ‘É horrível ser velho, ficar deitado aqui pensando quando é que vai acontecer’.

Ele quase me assustou.”

“Você devia ter deixado que eu o levasse à

lua”, reclamei.

“Eu servi o leite quente, e ele se lembrou

de quem eu era.”

Imaginei

que

tio

Julian

estivesse

provavelmente muitíssimo feliz, com

Constance e tia Dorothy para cuidar dele, e

disse a mim mesma que coisas longas e finas

me lembrariam de ser mais gentil com tio

Julian; este seria um dia de coisas longas e finas, pois já havia encontrado um cabelo na

minha escova de dente, e um pedaço de fio

estava preso na lateral da minha cadeira e eu

enxergava uma lasca quebrada na escada dos

fundos. “Faz um pudim para ele”, sugeri.

“Talvez eu faça mesmo.” Ela pegou a

espátula longa e fina e deixou-a na pia. “Ou

uma xícara de chocolate. E pãezinhos para

ele comer com frango hoje à noite.”

“Você precisa de mim?”

“Não, minha Merricat. Pode ir andando, e

usa sua bota.”

O dia lá fora estava repleto de luzes

instáveis, e Jonas dançava por dentro e por

fora das sombras enquanto me seguia.

Quando eu corria Jonas corria, e quando eu

parava e ficava imóvel ele parava e me

lançava um olhar e então seguia

bruscamente em outra direção, como se não

nos conhecêssemos, e aí se sentava e

esperava por mim para correr de novo.

Íamos ao campo que hoje parecia um mar,

embora eu nunca tivesse visto o mar; o

gramado se movia sob a brisa e as sombras

das nuvens iam e voltavam e as árvores ao

longe se mexiam. Jonas desapareceu na

grama, tão alta que eu conseguia tocá-la com

as mãos enquanto caminhava, e ele fazia

pequenos movimentos tortuosos por conta

própria; por um instante a grama toda se curvava ao mesmo tempo sob a brisa e então

era possível ver um desenho feito pela

velocidade da corrida de Jonas. Comecei

numa ponta e percorri o campo na diagonal

em direção ao canto oposto, e no meio me

deparei com a pedra que cobria o local onde

a boneca foi enterrada; sempre conseguia

achá-la apesar de grande parte dos meus

tesouros enterrados ter se perdido para

sempre. A pedra estava intocada e portanto

a boneca estava a salvo. Estou andando

sobre tesouros enterrados, ponderei, com a

grama roçando minhas mãos e nada ao meu

redor além da extensão do campo com o

gramado ao vento e os pinheiros na

extremidade; atrás de mim estava a casa, e lá

longe, à esquerda, escondida pelas árvores e

quase fora do alcance da visão, a cerca de arame farpado erguida por nosso pai para

impedir a entrada das pessoas.

Quando saí do campo passei entre as

quatro macieiras que chamávamos de nosso

pomar e percorri a trilha em direção ao

riacho. Minha caixa de moedas de prata

enterrada à margem do riacho estava a salvo.

Perto do riacho, bem camuflado, estava um

dos meus esconderijos, eu havia criado com

todo o cuidado e usado bastante. Tinha

cortado dois ou três arbustos baixos e

aplainado o solo; por todos os lados havia

mais arbustos e galhos de árvores, e a

entrada estava coberta por um galho que

quase encostava no chão. Não era realmente

necessário que fosse tão secreto, já que

ninguém nunca me procurava ali, mas

gostava de deitar lá dentro com Jonas e saber que jamais seria encontrada. Usava folhas e

galhos como uma cama, e Constance tinha

me dado um lençol. As árvores ao redor e

acima eram tão grossas que sempre estava

seco ali embaixo, e na manhã de domingo eu

deitei com Jonas, escutando as histórias dele.

Todas as histórias de gatos começam com o

enunciado: “Minha mãe, que foi a primeira

felina, me contou a seguinte história”, e eu ficava deitada com a cabeça perto de Jonas e

prestava atenção. Não havia mudança por

vir, pensei enquanto estava ali, apenas a

primavera; era um erro ficar tão

amedrontada. Os dias seriam mais quentes,

e tio Julian se sentaria ao sol, e Constance riria quando mexesse no jardim, e seria

sempre igual. Jonas falava sem parar (“E

então cantamos! E então cantamos!”) e a folhagem se mexia lá em cima e seria sempre

igual.

Achei um ninho de serpente perto do

riacho e matei todos os filhotes; não gosto

de serpentes, e Constance nunca tinha me

pedido para não fazer isso. Voltava para

casa quando me deparei com um mau

presságio, muito mau, um dos piores. Meu

livro que estava pregado em uma árvore no

pinhal havia caído. Resolvi que o prego

tinha enferrujado e o livro — era um

caderninho do nosso pai, no qual ele

anotava o nome das pessoas que lhe deviam

dinheiro e das pessoas que tinham o dever,

ele achava, de lhe prestar favores — agora

era inútil como proteção. Eu o embalara por

completo em papel grosso antes de pregá-lo

à árvore, mas o prego enferrujara e caíra.

Achei que era melhor destruí-lo, para o caso

de agora ser ativamente ruim, e levar outra

coisa à árvore, quem sabe um xale da nossa mãe, ou uma luva. Era mesmo tarde demais, embora eu não estivesse consciente disso naquele momento; ele já estava a caminho de casa.

Quando achei o livro ele provavelmente já havia deixado a mala no correio e pedia informações sobre o caminho a tomar. A única coisa que Jonas e eu sabíamos então era que estávamos com fome, e corremos juntos em direção à casa, e entramos com a brisa na cozinha.

“É sério que você esqueceu da bota?”, Constance comentou. Tentou fechar a cara mas acabou rindo. “Como você é boba, Merricat.”

“O Jonas não tem bota. O dia está maravilhoso.”

“Quem sabe amanhã a gente não vai catar cogumelo.”

“Jonas e eu estamos com fome hoje.”

A essa altura ele já cruzava o vilarejo rumo à pedra preta, com todos o observando e se questionando e sussurrando enquanto passava.

Foi o último de nossos dias agradáveis e vagarosos, apesar de que, conforme tio Julian teria ressaltado, jamais suspeitaríamos naquele momento. Constance e eu almoçamos, rindo e sem nem sequer suspeitar de que ao mesmo tempo em que nos alegrávamos ele mexia no portão trancado e espiava entrada abaixo, e perambulava pelo bosque, por um tempo isolado pela cerca de nosso pai. A chuva começou quando estávamos na cozinha, e deixamos a porta da cozinha aberta a fim de contemplar a chuva enviesando na soleira da porta e banhando o jardim; Constance

estava contente, assim como qualquer bom jardineiro fica contente com a chuva. “Daqui a pouquinho a gente vai ver o colorido lá fora”, ela disse.

“Nós sempre vamos ficar aqui juntas, não vamos, Constance?”

“Você não quer sair daqui nunca, Merricat?”

“Para onde a gente iria?”, perguntei a ela.

“Qual lugar seria melhor para a gente do que este? Quem quer a gente, lá fora? O mundo está cheio de gente terrível.”

“Fico pensando nisso às vezes.” Ela ficou muito séria por um instante, depois se virou e me lançou um sorriso. “Não se preocupe, minha Merricat. Nada de ruim vai acontecer.”

Deve ter sido neste exato minuto que ele achou a entrada e começou a subir a rampa de carros, correndo sob a chuva, porque só me restava um ou dois minutos até vê-lo.

Poderia ter usado esse minuto para tantas

coisas: poderia ter avisado a Constance, de

alguma forma, ou poderia ter pensado em

uma palavra mágica nova, mais segura, ou

poderia ter empurrado a mesa contra a porta

da cozinha; na verdade, brinquei com a

minha colher e olhei para Jonas, e quando

Constance se arrepiou eu disse, “Vou pegar

o seu suéter”. Foi isso o que me levou ao hall

no instante em que ele subia os degraus. Eu

o vi pela janela da sala de jantar e por um instante, gelada, fui incapaz de respirar.

Sabia que a porta da frente estava trancada;

pensei primeiro nisso. “Constance”, falei

mansamente, sem me mexer, “tem alguém lá

fora. A porta da cozinha, rápido.” Imaginei

que tivesse me escutado porque ouvi seus

movimentos na cozinha, mas tio Julian tinha

acabado de chamar e ela foi vê-lo, deixando

o coração da nossa casa desprotegido. Corri

até a porta da frente e me encostei nela e ouvi os passos lá fora. Ele bateu, primeiro

baixinho e depois com firmeza, e me joguei

contra a porta, sentindo as batidas me

atingirem, consciente da proximidade dele.

Já sabia que ele era um dos ruins; vira seu rosto por um instante e ele era um dos ruins,

que rodeiam e rodeiam a casa, tentando

entrar, olhando pelas janelas, puxando e remexendo e roubando lembrancinhas.

Ele bateu de novo e em seguida chamou,

“Constance? Constance?”.

Bom, sempre sabiam o nome dela. Sabiam

o nome dela e de tio Julian e como ela

arrumava o cabelo e a cor dos três vestidos

que ela tivera de usar no tribunal e a idade que ela tinha e o jeito como falava e andava e

quando podiam examinavam bem seu rosto

para ver se estava chorando. “Quero falar

com a Constance”, ele disse de fora, como

sempre faziam.

Fazia bastante tempo que nenhum deles

aparecia, mas não tinha me esquecido da

sensação que me causavam. No começo,

estavam sempre ali, à espera de Constance,

querendo apenas vê-la. “Olha”, eles diziam,

se cutucando e apontando, “é aquela ali, aquela moça, é ela, a Constance.” “Não tem

cara de assassina, tem?”, diziam uns aos

outros; “escuta, você poderia tentar tirar

uma foto dela da próxima vez que ela

aparecer”. “Vamos levar umas flores dessas”,

combinavam em tom despreocupado; “pegar

uma pedra ou alguma coisa do jardim, a

gente pode levar para casa e mostrar para as

crianças.”

“Constance?”, ele disse lá de fora.

“Constance?” Tornou a bater. “Quero falar

com a Constance”, ele declarou, “tenho uma

coisa importante para falar para ela.”

Sempre tinham algo importante para dizer

a Constance, estivessem eles empurrando a

porta ou berrando do lado de fora ou

chamando no telefone ou escrevendo as

terríveis terríveis cartas. Às vezes queriam Julian Blackwood, mas nunca perguntavam

por mim. Eu fui mandada para a cama sem

jantar, não tive permissão para entrar no tribunal, ninguém tirou minha foto.

Enquanto olhavam Constance no tribunal eu estava deitada no catre do orfanato, fitando o teto, desejando que todos eles estivessem mortos, esperando Constance chegar e me levar para casa.

“Constance, você está me ouvindo?”, ele chamou lá de fora. “Por favor, me escuta só um minutinho.”

Imaginava se ele me ouvia respirar do outro lado da porta; sabia o que ele faria em seguida. Primeiro ele se afastaria da casa, protegendo os olhos da chuva, e ergueria o olhar para as janelas do segundo andar, esperando ver um rosto olhando para baixo. Depois caminharia junto à lateral da casa, seguindo a calçada que supostamente só era utilizada por Constance e por mim. Quando achasse a porta lateral, que não abríamos nunca, bateria nela, chamando Constance.

Às vezes iam embora se ninguém atendesse
nem à porta da frente nem à lateral; aqueles
que sentiam um leve constrangimento só
por estarem ali e gostariam de não ter se
dado ao trabalho de vir para começo de
conversa porque na verdade não havia nada
para ver e poderiam ter poupado o tempo
ou ido a outro lugar — eles geralmente
saíam correndo quando descobriam que não
entrariam para ver Constance, mas os
teimosos, os que eu desejava que morressem
e ficassem ali caídos na rampa dos carros,
davam voltas e mais voltas na casa, mexendo em cada porta e batendo nas janelas. “A
gente tem o direito de ver ela”, costumavam
gritar, “ela matou um monte de gente, não
matou?” Encostavam seus carros na escada e
estacionavam. A maioria trancava os carros
com todo o cuidado, certificando-se de que
todas as janelas estavam fechadas, antes de
bater na casa e chamar por Constance.

Faziam piqueniques no gramado e uns

tiravam fotos dos outros na frente da casa e

deixavam os cachorros correrem no jardim.

Escreviam seus nomes nas paredes e na

porta da frente.

“Olha”, ele disse lá de fora, “Você tem que

me deixar entrar.”

Eu o escutei descendo os degraus e

entendi que estava olhando para cima. As

janelas estavam todas trancadas. A porta lateral estava trancada. Sabia muito bem que

não devia espiar pelas vidraças estreitas que

ladeavam a porta; eles reparavam até nos

mínimos movimentos, e se eu encostasse um

dedinho na cortina da sala de jantar ele

correria em direção à casa, berrando, “Olha

ela aí, olha ela aí”. Eu me apoiei contra a porta da frente e imaginei abri-la para me

deparar com ele morto na rampa.

Ele erguia o olhar para a fachada

inexpressiva da casa que olhava para baixo

porque sempre deixávamos as persianas das

janelas do segundo andar fechadas; ele não

obteria resposta ali, e eu precisava pegar um

suéter para Constance antes que ela ficasse

mais arrepiada de frio. Era seguro ir lá em cima, mas eu queria voltar para perto de

Constance enquanto ele aguardasse lá fora, então corri escada acima e peguei o suéter da

cadeira do quarto de Constance e corri

escada abaixo e atravessei o corredor rumo à

cozinha e ele estava sentado à mesa na

minha cadeira.

“Eu tinha três palavras mágicas”, declarei,

segurando o suéter. “Eram MELODIA

GLOUCESTER PÉGASO, e estávamos a salvo

até elas serem ditas em voz alta.”

“Merricat”, disse Constance; ela se virou e

me olhou, sorridente. “É o nosso primo,

nosso primo Charles Blackwood. Reconheci

ele na hora: é igualzinho ao pai.”

“Bem, Mary”, ele disse. Levantou-se; era

mais alto agora que estava ali dentro, ele

crescia e crescia à medida que se aproximava

de mim. “Não vai dar um beijo no seu primo Charles?”

Atrás dele, a porta da cozinha estava escancarada; ele foi o primeiro a entrar e Constance lhe deu permissão. Constance se levantou; sabia muito bem que não devia tocar em mim, mas disse “Merricat, Merricat” com suavidade e esticou os braços na minha direção. Fui abraçada com força, enrolada em arame, não conseguia respirar e tive de correr. Joguei o suéter no chão e saí porta afora e fui até o riacho aonde eu sempre ia. Jonas me achou depois de um tempo e ficamos deitados juntos, abrigados da chuva pelas árvores amontoadas sobre nossas cabeças, ofuscantes e esplêndidas à sábia, possessiva maneira que as árvores têm de se imprensar. Olhei para trás, para as árvores, e escutei o som suave da água. Não havia nenhum primo, nenhum Charles Blackwood, nenhum intruso lá dentro. Era

porque o livro tinha caído da árvore; eu não tivera o cuidado de substituí-lo logo e nossa muralha de segurança rachara. Amanhã eu acharia um objeto poderoso e o pregaria à árvore. Adormeci ouvindo Jonas, no momento em que as sombras caíam. A certa altura da noite, Jonas me largou para ir caçar e meu sono acabou ficando um pouco menos pesado quando ele retornou, se apertando em mim para se esquentar.

"Jonas", eu disse, e ele ronronou, confortável. Quando acordei a cerração do início da manhã vagava levemente à margem do riacho, circundando meu rosto e me tocando. Fiquei deitada, rindo, sentindo o roçar quase imaginário da neblina nos meus olhos e erguendo o olhar para as árvores.

5

Quando entrei na cozinha, ainda arrastando a névoa do riacho, Constance arrumava a bandeja com

o café da manhã de tio Julian. Estava claro que tio Julian se sentia bem naquela manhã,

visto que Constance lhe serviria chá em vez

de leite quente; ele devia ter acordado cedo e

pedido chá. Eu me aproximei dela e pus

meus braços ao seu redor e ela se virou e me

abraçou.

“Bom dia, minha Merricat”, ela disse.

“Bom dia, minha Constance. O tio Julian acordou melhor hoje?”

“Muito, muito melhor. E o sol vai brilhar

depois da chuva de ontem. E vou fazer

mousse de chocolate para o seu jantar,

minha Merricat.”

“Eu te amo, Constance.”

“E eu amo você. Bem, o que você vai

querer de café da manhã?”

“Panqueca.

Aquelas

pequenininhas

quentes. E dois ovos fritos. Hoje meu cavalo

alado chega e eu vou te levar para a lua e na

lua nós vamos comer pétalas de rosas.”

“Algumas pétalas de rosas são venenosas.”

“Não na lua. É verdade que se pode

plantar folha?”

“Algumas folhas. Folhas peludas. Você

pode pôr na água e elas criam raízes e depois

você planta e elas viram uma planta. O tipo de planta que eram desde o princípio, claro,

não uma planta qualquer.”

“Sinto muito se é assim. Bom dia, Jonas.

Eu acho que você é uma folha peluda.”

“Como você é boba, Merricat.”

“Eu gosto de folha que vira uma planta

diferente. Toda peluda.”

Constance ria. “O tio Julian não vai tomar

o café nunca se eu te der ouvidos”, ela disse.

Constance pegou a bandeja e entrou no

quarto de tio Julian. “Chá quente a

caminho”, anunciou.

“Constance, minha querida. Que manhã

gloriosa, eu acho. Dia esplêndido para

trabalhar.”

“E para tomar banho de sol.”

Jonas se sentou na porta ensolarada,

lavando o próprio rosto. Eu sentia fome; talvez hoje fosse uma gentileza com tio

Julian eu botar uma pluma no gramado, no

lugar onde a cadeira de tio Julian ficaria; eu

não tinha permissão para enterrar objetos

no gramado. Na lua usávamos plumas no

cabelo e rubis nas mãos. Na lua tínhamos

colheres de ouro.

“Talvez hoje seja um bom dia para

começar um capítulo novo. Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Você acha que eu devo começar o

capítulo quarenta e quatro hoje?”

“Claro.”

“Algumas das primeiras páginas precisam

de um pente-fino. Uma obra como essa

nunca fica pronta.”

“Quer que eu penteie o seu cabelo?”

“Acho que hoje vou me pentear sozinho, obrigado. A cabeça de um homem deve

ser
da responsabilidade dele, afinal. Não tem
geleia.”
“Quer que eu pegue?”
“Não, porque estou percebendo que de
um jeito ou de outro comi toda a minha
torrada. Estou com vontade de almoçar um
fígado grelhado, Constance.”
“Assim será. Posso levar a sua bandeja?”
“Pode, obrigado. E eu vou pentear o
cabelo.”
Constance voltou para a cozinha e largou
a bandeja. “E agora vem o seu, minha
Merricat”, ela declarou.
“E do Jonas.”
“O Jonas tomou o café há muito tempo.”
“Você vai plantar uma folha para mim?”
“Um dia desses.” Ela virou a cabeça e escutou com atenção. “Ele ainda está dormindo”, constatou.
“Quem está dormindo? Posso ver o
crescimento?”

“O primo Charles ainda está dormindo”,

ela disse, e o dia desmoronou ao meu redor.

Vi Jonas na porta e Constance junto ao

fogão, mas eles não tinham cor. Eu não

conseguia respirar, eu estava amarrada com

força, tudo estava gelado.

“Ele era um fantasma”, eu disse.

Constance riu, e foi um som muito

distante. “Então tem um fantasma dormindo

na cama do pai”, ela retrucou. “E que comeu

um baita de um jantar ontem à noite.

Quando você saiu”, ela disse.

“Eu sonhei que ele veio. Dormi no chão e

sonhei que ele veio, mas depois sonhei que ele foi embora.” Eu estava tensa; quando

Constance acreditasse em mim eu poderia

respirar outra vez.

“Passamos um bom tempo conversando

ontem à noite.”

“Vai e olha”, pedi, sem respirar, “vai e olha:

ele não está lá.”

“Como você é boba, Merricat”, ela disse.

Eu não podia correr; precisava ajudar

Constance. Peguei meu copo e o estilhacei

no chão. “Agora ele vai embora”, declarei.

Constance veio até a mesa e se sentou à

minha frente, a expressão muito séria. Eu

queria dar a volta na mesa e abraçá-la, mas ela continuava sem cor. “Minha Merricat”,

ela falou devagar, “o primo Charles está

aqui. Ele é nosso primo. Enquanto o pai

dele estava vivo — era Arthur Blackwood, o irmão do pai — o primo Charles não podia

vir nos ver, ou tentar nos ajudar, porque o pai dele não deixava. O pai dele”, ela disse, e

deu um leve sorriso, “pensava muito mal da

gente. Ele se negou a tomar conta de você

durante o julgamento, sabia? E não permitia

que nossos nomes fossem mencionados na

casa dele.”

“Então por que você menciona o nome

dele na nossa casa?”

“Porque estou tentando explicar. Assim

que o pai dele morreu o primo Charles veio correndo nos ajudar.”

“De que forma ele vai nos ajudar? Nós somos muito felizes, não somos, Constance?”

“Muito felizes, Merricat. Mas por favor seja simpática com o primo Charles.”

Consegui respirar um pouco; tudo ficaria bem. Primo Charles era um fantasma, mas um fantasma que poderia ser afugentado.

“Ele vai embora”, eu disse.

“Imagino que o plano dele não seja ficar para sempre”, disse Constance. “Ele só veio fazer uma visita, afinal.”

Eu teria de achar algo, algum instrumento, para usar contra ele. “Tio Julian já viu ele?”

“Tio Julian sabe que ele está aqui, mas tio

Julian estava se sentindo mal demais ontem à noite para sair do quarto. Ele comeu o jantar na bandeja, só um pouquinho de sopa.

Fiquei contente quando ele pediu chá agora de manhã."

"Hoje a gente arruma a casa."

"Mais tarde, depois que o primo Charles acordar. E é bom eu varrer esses cacos de vidro antes de ele descer."

Fiquei observando-a varrer o vidro; hoje seria um dia cintilante, repleto de coisinhas brilhantes. Como não havia razão para apressar meu café da manhã, já que hoje eu só poderia sair depois que arrumássemos a casa, esperei, tomando leite devagarinho e olhando Jonas. Antes que eu terminasse tio Julian chamou Constance para ajudá-lo a se acomodar em sua cadeira, e ela o levou para a cozinha e o colocou diante de sua mesa e seus papéis.

"Eu realmente acho que eu devia começar o capítulo quarenta e quatro", ele disse,

batendo as mãos. “Vou iniciar, penso eu, com um leve exagero e em seguida partir para uma mentira rematada. Constance, minha querida?”

“Pois não, tio Julian?”

“Vou falar que minha esposa era linda.”

Todos nos calamos por um instante, intrigados com o ruído de um pé andando lá em cima onde antes sempre havia silêncio. Era desagradável, esse caminhar acima de nós. Constance sempre pisava com leveza, e tio Julian nunca andava; esses passos eram pesados e regulares e horríveis.

“É o primo Charles”, anunciou Constance, olhando para cima.

“De fato”, disse tio Julian. Foi cuidadoso ao arrumar um papel à sua frente e pegou um lápis. “Prevejo um deleite considerável a partir da convivência com o filho do meu irmão”, ele disse. “Quem sabe ele não forneça

alguns

detalhes

sobre

o

comportamento da família dele durante o julgamento. Embora, confesso, eu já tenha

feito anotações em algum lugar sobre a

possível conversa que talvez tenham

travado…” Ele se voltou para um dos

cadernos. “Desconfio que isso vá atrasar o

capítulo quarenta e quatro.”

Peguei Jonas e fui para o meu canto, e

Constance foi ao corredor encontrar

Charles quando ele desceu a escada. “Bom

dia, primo Charles”, ela disse.

“Bom dia, Connie.” Era a mesma voz que

ele usara na noite anterior. Eu me encolhi

ainda mais no meu canto quando ela o

trouxe para a cozinha, e tio Julian tocou nos

papéis e virou o rosto para a porta.

“Tio Julian. Que prazer finalmente

conhecê-lo.”

“Charles. Você é o filho do Arthur, mas parece meu irmão John, já falecido.”

“O Arthur também já é falecido. É por isso

que estou aqui.”

“Ele morreu rico, certo? Eu era o único

irmão sem jeito para ganhar dinheiro.”

“Na verdade, tio Julian, meu pai não

deixou nada.”

“Uma pena. O pai dele deixou uma quantia

digna de nota. Foi uma quantia digna de

nota, mesmo dividida entre nós três. Eu

sempre soube que minha parte acabaria

derretendo, mas não imaginaria que isso

fosse acontecer ao meu irmão Arthur.

Quem sabe sua mãe não era uma mulher

extravagante? Não me lembro muito bem

dela. Lembro que quando a minha sobrinha

Constance escreveu para o tio durante o

julgamento, foi a esposa dele quem respondeu pedindo que o laço familiar fosse rompido.”

“Eu quis vir antes, tio Julian.”

“Imagino. A juventude é sempre curiosa. E uma mulher com a enorme notoriedade da sua prima Constance seria percebida como uma figura romântica para um rapaz. Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Eu já tomei o café da manhã?”

“Já.”

“Então vou tomar outra xícara de chá. Este rapaz e eu temos muito o que discutir.”

Eu continuava sem conseguir enxergá-lo com nitidez, talvez porque fosse um fantasma, talvez porque fosse tão grande. O enorme rosto redondo, tão parecido com o de nosso pai, virou-se de Constance para tio Julian e voltou, sorrindo e abrindo a boca para falar. Eu me escondi no meu canto da melhor forma possível, mas por fim o rosto enorme se voltou para mim.

“Olha, é a Mary”, disse. “Bom dia, Mary.”

Baixei a cabeça em direção ao Jonas.

“Tímida?”, ele perguntou a Constance.
“Não importa. As crianças sempre
simpatizam comigo.”
Constance riu. “Não vemos muita gente
desconhecida”, ela justificou. Não estava
nem
um
pouco
desajeitada
ou
desconfortável; era como se tivesse esperado
a vida inteira pela chegada do primo
Charles, como se tivesse planejado
exatamente o que fazer e dizer, quase como
se na casa de sua vida sempre tivesse existido
um quarto reservado para o primo Charles.
Ele se levantou e se aproximou de mim. “É
um belo gato”, ele disse. “Ele tem nome?”
Jonas e eu o olhamos e então pensei que o
nome de Jonas talvez fosse a coisa mais
segura a lhe dizer primeiro. “Jonas”, declarei.

“Jonas? Ele é seu bichinho de estimação?”

“É”, respondi. Olhamos para ele, Jonas e eu, sem ousar piscar ou desviar o olhar. A enorme cara branca estava perto, ainda parecida com a de nosso pai, e a boca enorme sorria.

“Vamos ser bons amigos, você, Jonas e eu”, ele disse.

“O que você vai querer de café da manhã?”, Constance perguntou a ele, e sorriu para mim porque eu dissera a ele o nome de Jonas.

“O que você estiver servindo”, ele disse, enfim tirando os olhos de cima de mim.

“Merricat comeu panqueca.”

“Panqueca é uma ótima ideia. Um bom café da manhã em companhia agradável num belo dia; o que mais eu poderia querer?”

“Panqueca”, observou tio Julian, “é um prato muito apreciado nesta família, embora eu mesmo raramente coma: minha saúde só admite os alimentos mais leves e saborosos.

Panqueca foi a comida servida no café da

manhã do último…”

“Tio Julian”, interrompeu Constance,

“seus papéis estão caindo no chão.”

“Deixa que eu pego, senhor.” Primo

Charles se ajoelhou para recolher a papelada

e Constance anunciou, “Depois do café você

vai ver o meu jardim”.

“Um cavalheiro”, tio Julian disse, aceitando os papéis da mão de Charles. “Eu agradeço;

não posso pular para o lado oposto do

cômodo e me ajoelhar no chão e fico

satisfeito de ver alguém que pode. Creio que

você tenha coisa de um ano a mais que

minha sobrinha?”

“Tenho trinta e dois”, Charles disse.

“E a Constance tem aproximadamente

vinte e oito. Faz muito tempo que

abandonamos a observância de aniversários,

mas deve ser mesmo vinte e oito. Constance,

eu não devia falar tanto de barriga vazia.

Cadê o meu café?”

“Você terminou de comer há uma hora,

tio Julian. Estou fazendo uma xícara de chá

para você e panqueca para o primo Charles.”

“Charles é valente. A sua culinária, apesar

de sem dúvida ser de altíssima qualidade, tem certas desvantagens.”

“Não tenho medo de comer nada que a

Constance faz”, declarou Charles.

“Sério?”, indagou tio Julian. “Eu lhe dou os

parabéns. Estava me referindo ao impacto

que um prato pesado como panqueca tende

a causar em estômagos sensíveis. Imagino

que a sua referência tenha sido a arsênico.”

“Vem tomar seu café da manhã”,

Constance chamou.

Eu ria, embora Jonas escondesse meu

rosto. Charles levou mais de meio minuto

para pegar o garfo e não parava de sorrir

para Constance. Por fim, ciente de que

Constance e tio Julian e Jonas e eu o

observávamos, ele cortou um pedacinho de

panqueca e o levou em direção à boca, mas

lhe faltava coragem de comê-lo. Por fim, deixou o garfo com o pedacinho de

panqueca no prato e se virou para tio Julian.

“Sabe, eu andei pensando”, ele disse. “Quem

sabe durante a minha estadia não tenha

coisas que eu possa fazer por vocês —

escavar o jardim, talvez, ou fazer coisas na rua. Sou muito bom no trabalho duro.”

“Você jantou aqui ontem à noite e

acordou vivo hoje”, disse Constance; eu ria,

mas de repente ela parecia quase zangada.

“O quê?”, exclamou Charles. “Ah.” Ele

olhou para o garfo como se o tivesse

esquecido e por fim o pegou e enfiou o

pedaço de panqueca na boca rapidinho, e

mastigou e engoliu e ergueu os olhos para

Constance. “Uma delícia”, elogiou, e

Constance sorriu.

“Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Não acho que devo, no final das contas,

começar o capítulo quarenta e quatro hoje.

Acho melhor retomar o capítulo dezessete,

onde lembro de ter feito uma breve menção

ao seu primo e à família dele, e a atitude deles durante o julgamento. Charles, você é

um rapaz esperto. Estou ansioso para ouvir

sua história."

"Faz tanto tempo", disse Charles.

"Você devia ter feito anotações", retrucou

tio Julian.

"Quer dizer", Charles disse, "a gente não

pode esquecer essa história toda? Não faz

sentido manter essas lembranças vivas."

"Esquecer?", repetiu tio Julian. "Esquecer?"

"Foi uma época triste e horrível e não vai

fazer bem nenhum à Connie ficar falando disso."

"Rapaz, creio que você esteja desdenhando

do meu trabalho. Um homem não leva o

trabalho na brincadeira. Um homem tem

trabalho a fazer e faz. Lembre-se disso,

Charles."

“Só estou falando que não quero falar da
Connie e daquela época péssima.”
“Eu vou ser obrigado a inventar, a
romancear, a imaginar.”
“Eu me recuso a continuar essa discussão.”
“Constance?”
“Pois não, tio Julian?” Constance estava
muito séria.
“Aconteceu mesmo? Eu lembro que
aconteceu”, questionou tio Julian, os dedos
na boca.
Constance hesitou e depois disse, “É claro que sim, tio Julian”.
“Minhas anotações…” A voz de tio Julian
foi sumindo e ele fez um gesto em direção
aos papéis.
“Sim, tio Julian. Foi de verdade.”
Eu fiquei com raiva porque Charles
precisava ser gentil com tio Julian. Lembrei
que hoje deveria ser um dia de coisas que
brilhavam e de luz, pensei em achar algo
luminoso e belo para pôr ao lado da cadeira

de tio Julian.

“Constance?”

“Pois não?”

“Posso ir lá fora? Estou bem agasalhado?”

“Acho que sim, tio Julian.” Constance também estava pesarosa. Tio Julian balançava a cabeça para frente e para trás com tristeza e havia largado o lápis. Constance foi ao quarto de tio Julian e trouxe o xale, que pôs em seus ombros com toda a delicadeza. Agora Charles comia as panquecas com coragem e não erguia o olhar; fiquei me perguntando se ele se importava de não ter sido gentil com tio Julian.

“Agora você vai lá pra fora”, Constance disse baixinho ao tio Julian, “o sol vai estar quentinho e o jardim iluminado e você vai almoçar fígado grelhado.”

“Talvez não”, disse tio Julian. “Talvez seja melhor eu comer só um ovo.”

Constance o empurrou com carinho até a porta e moveu a cadeira vagarosamente na hora de descer os degraus. Charles tirou os olhos da panqueca, mas quando fez menção de se levantar para ajudar ela fez que não. “Vou botar você no seu cantinho especial”, ela disse a tio Julian, “onde dá para eu te ver o tempo todo e vou acenar cinco vezes por hora.”

Nós a escutávamos falar durante todo o tempo que empurrava tio Julian para o canto dele. Jonas me deixou e foi se sentar na porta e observá-los. “Jonas?”, Charles chamou, e Jonas se virou para ele. “A prima Mary não gosta de mim”, Charles disse a Jonas. Eu não gostava da maneira como falava com Jonas e não gostava do fato de que Jonas parecia prestar atenção nele. “O que eu posso fazer para a prima Mary gostar de mim?”, Charles perguntou, e Jonas me lançou um olhar ligeiro e voltou a mirar Charles. “Eu venho

visitar as minhas duas primas queridas”,

explicou Charles, “minhas duas primas queridas e meu velho tio que não via há

anos, e minha prima Mary não quer nem ser

educada comigo. O que você acha, Jonas?”

A pia cintilava, uma gota d’água inchava

antes de cair. Talvez se prendesse a

respiração até a gota cair Charles fosse

embora, mas eu sabia que não era verdade;

prender a respiração era fácil demais.

“Bem”, Charles disse a Jonas, “Constance

gosta de mim, e eu acho que é só isso que interessa.”

Constance apareceu na porta, esperou

Jonas se mexer e, como ele não se mexeu,

passou por cima dele. “Mais panqueca?”,

ofereceu a Charles.

“Não, obrigado. Estou tentando conhecer

melhor a minha priminha.”

“Não vai levar muito tempo para ela se afeiçoar a você.” Constance me olhava.
Jonas

tinha passado a se lavar, e por fim tive ideia

do que dizer.

“Hoje a gente arruma a casa”, declarei.

Tio Julian passou a manhã inteira dormindo

no jardim. Constance volta e meia ia até a

janela dos quartos dos fundos para dar uma

olhada nele enquanto trabalhávamos e

também parava, às vezes, com a flanela na

mão, como se estivesse se esquecendo de

voltar e tirar o pó da caixa de joias da nossa

mãe, que abrigava as pérolas, e seu anel de safira, e o broche de diamantes. Só olhei

pela janela uma vez, e vi tio Julian de olhos

fechados e Charles de pé ao seu lado. Era

feio pensar em Charles andando no meio

das hortaliças e debaixo das macieiras e no gramado onde tio Julian dormia.

“Hoje a gente deixa pra lá o quarto do pai”,

anunciou Constance, “porque o Charles está

morando nele.” Um tempo depois ela disse,

como se estivesse ponderando o assunto,

“Me pergunto se seria correto eu usar as

pérolas da mãe. Nunca usei pérolas”.

“Elas sempre ficaram na caixa”, respondi.

“Você vai ter que tirar elas de lá.”

“Como se alguém fosse se importar”, disse Constance.

“Eu me importaria, se você ficasse mais bonita.”

Constance riu, e disse, “Agora eu que sou a boba. Para que eu iria querer usar pérolas?”.

“Elas ficam melhor na caixa, que é o lugar delas.”

Charles tinha fechado a porta do quarto para que eu não pudesse olhar lá dentro, porém me perguntei se ele havia mexido nas coisas de nosso pai ou posto um chapéu ou lenço ou luva na cômoda, ao lado das escovas de prata de nosso pai. Questionei se ele teria espiado o armário ou as gavetas. O quarto dele ficava na parte da frente de casa, e eu imaginava se Charles tinha olhado para baixo através da janela e para o gramado e a longa rampa até a rodovia, e se tinha vontade

de ir até a rodovia e ir embora para casa.

“Quanto tempo Charles levou para chegar aqui?”, perguntei a Constance.

“Acho que umas quatro ou cinco horas”, ela respondeu. “Ele chegou ao vilarejo de ônibus e veio andando até aqui.”

“Então ele também vai levar umas quatro ou cinco horas para chegar em casa?”

“Imagino que sim. Quando for embora.”

“Mas antes ele vai ter de ir andando até o vilarejo?”

“A não ser que você o leve no seu cavalo alado.”

“Não tenho cavalo alado”, retruquei.

“Ah, Merricat”, disse Constance. “Charles não é um homem ruim.”

Os espelhos cintilavam, e dentro da caixa de joias de nossa mãe os diamantes e as pérolas reluziam na escuridão. Constance projetava sombras de ambos os lados do corredor ao ir à janela para olhar tio Julian e lá fora as folhas jovens se mexiam rápido

debaixo do sol. Charles só havia entrado
porque a magia se rompera; se eu pudesse
vedar de novo a proteção em torno de Constance e impedir a entrada de Charles
ele teria de ir embora da casa. Cada toque
que dera em nossa casa precisava ser
apagado.
“Charles é um fantasma”, declarei, e
Constance suspirou.
Lustrei a maçaneta do quarto de nosso pai
com a minha flanela e pelo menos um dos
toques de Charles foi erradicado.
Depois de arrumarmos os quartos do
segundo andar, descemos juntas, levando
nossas flanelas e vassoura e pá e esfregão
como um par de bruxas indo para casa. Na
sala de visitas tiramos o pó das poltronas de
pés dourados e da harpa, e tudo brilhava
para nós, até o vestido azul no retrato de
nossa mãe. Tirei o pó dos adornos tipo bolo
de noiva com um pano na ponta da vassoura, cambaleante, olhando para cima e fingindo

que o teto era o chão e eu varria, pairando em movimento no espaço, olhando para

minha vassoura, leve e voadora, até o

ambiente rodar vertiginosamente e eu estar

de novo olhando do chão para cima.

“Charles ainda não conhece este cômodo”,

disse Constance. “A mãe se orgulhava tanto

dele; eu tinha que ter mostrado a ele logo de

cara.”

“Posso almoçar sanduíche? Eu quero ir até

o riacho.”

“Mais cedo ou mais tarde você vai ter que

se sentar à mesa com ele, Merricat.”

“Hoje à noite, no jantar. Prometo.”

Tiramos a poeira da sala de jantar e do

aparelho de chá de prata e dos espaldares

altos de madeira das cadeiras. De poucos em poucos minutos Constance ia à cozinha

para olhar tio Julian pela porta dos fundos, e

uma vez a escutei rir e pedir, “Cuidado com

a lama aí embaixo”, e soube que estava

falando com Charles.

“Onde foi que você deixou o Charles
sentar ontem à noite, no jantar?”, perguntei
de repente.
“Na cadeira do pai”, ela respondeu, e em
seguida, “Ele tem todo o direito de sentar ali.
Ele é o convidado, e é até parecido com o
pai.”
“Ele vai se sentar lá esta noite?”
“Vai, Merricat.”
Limpei bem a cadeira de nosso pai,
embora fosse de pouca serventia já que
Charles se sentaria nela outra vez de noite.
Eu teria de limpar a prataria toda.
Quando acabamos de arrumar a casa
voltamos à cozinha. Charles estava sentado à
mesa fumando cachimbo e olhando para
Jonas, que retribuía o olhar. A fumaça de
cachimbo
na
nossa
cozinha

era

desagradável, e eu não gostava que Jonas

olhasse para Charles. Constance saiu pela

porta dos fundos para pegar tio Julian, e o ouvimos dizer, “Dorothy? Eu não estava

dormindo, Dorothy”.

“A prima Mary não gosta de mim”,

Charles comentou com Jonas novamente.

“Fico me perguntando se a prima Mary sabe

como é que eu acerto as contas com quem

não gosta de mim. Posso ajudar com a

cadeira, Constance? O cochilo foi bom, tio?”

Constance preparou sanduíches para

Jonas e para mim, e os comemos em uma árvore: me sentei em uma forquilha baixa e

Jonas se acomodou em um galhinho ao meu

lado, de olho nos pássaros.

“Jonas”, eu disse a ele, “você não dê mais

ouvidos ao primo Charles”, e Jonas me fitou

numa estupefação de olhos arregalados, pois

eu tentava tomar decisões por ele. “Jonas”,

expliquei, “ele é um fantasma”, e Jonas

fechou os olhos e virou a cara.

Era importante escolher o instrumento

exato para afugentar Charles. Uma magia

imperfeita, ou usada de forma incorreta, só

poderia causar mais desastres à nossa casa.

Pensei nas joias de minha mãe, visto que este

era o dia de dar brilho às coisas, mas talvez

elas não fossem tão fortes em um dia opaco,

e Constance se zangaria se eu as tirasse da

caixa em que deveriam ficar, se ela mesma havia se decidido contra. Pensei nos livros,

sempre muito protetores, mas o livro de

meu pai havia caído da árvore e permitido a

entrada de Charles: talvez, então, os livros

fossem impotentes contra Charles. Então

me recostei no tronco da árvore e pensei em

magia: caso Charles não tivesse partido dali

a três dias eu estilhaçaria o espelho do hall.

Ele se sentou à minha frente no jantar, na

cadeira de nosso pai, com sua enorme cara

branca encobrindo a prataria no bufê às suas

costas. Ele ficou olhando Constance cortar o frango de tio Julian e colocá-lo da maneira certa no prato, e observou quando tio Julian deu a primeira garfada e revirou a comida na boca várias vezes.

“Aqui um pãozinho, tio Julian”, disse Constance. “Come o miolo que é molinho.”

Constance tinha se esquecido e colocado molho na minha salada, mas de qualquer modo eu não comeria com aquela enorme cara branca me assistindo. Jonas, proibido de comer frango, estava sentado no chão ao lado da minha cadeira.

“Ele sempre come com vocês?”, Charles perguntou, indicando tio Julian com a cabeça.

“Quando ele se sente bem o suficiente”, respondeu Constance.

“Não sei como você aguenta”, disse Charles.

“Pois eu te digo, John”, de repente tio

Julian disse a Charles, “os investimentos já
não são o que eram na época em que o pai
ganhou o dinheiro dele. Ele era um sujeito
sagaz, mas nunca entendeu que as coisas mudam.”
“Com quem é que ele está falando?”,
Charles perguntou a Constance.
“Ele acha que você é o irmão dele, John.”
Charles passou um longo minuto
encarando tio Julian, depois balançou a
cabeça e voltou para o frango.
“Essa cadeira à sua esquerda era a da
minha finada esposa, rapaz”, declarou tio
Julian. “Eu me lembro muito bem da última
vez que ela se sentou aí; nós…”
“Nada disso”, decretou Charles, e ele
ergueu o dedo para tio Julian; ele segurava o
frango com as mãos para comê-lo, e os
dedos brilhavam por conta da gordura. “Nós
não vamos mais falar disso, tio.”
Constance estava satisfeita comigo porque
eu tinha me sentado à mesa e quando eu olhava em sua direção ela sorria. Sabia

que
eu não gostava de comer na frente de ninguém, e guardou meu prato e me serviria na cozinha depois; ela não se lembrava, eu percebia, de que tinha botado molho na minha salada.

“Reparei hoje de manhã”, disse Charles, fitando a travessa de frango e examinando-a com atenção, “que tem um degrau quebrado lá nos fundos. Que tal eu arrumar para vocês um dia desses? Seria bom eu fazer jus à minha estadia.”

“Seria muita gentileza da sua parte”, respondeu Constance. “Aquele degrau é um estorvo já faz bastante tempo.”

“E eu quero ir ao vilarejo comprar tabaco para o meu cachimbo, então posso comprar o que vocês precisarem.”

“Mas eu vou ao vilarejo na terça-feira”, expliquei, espantada.

“Vai?” Ele me olhou do lado oposto da

mesa, a enorme cara branca virada direto para mim. Fiquei calada; lembrei que andar até o vilarejo era o primeiro passo no caminho de Charles de volta para casa.

“Merricat, minha querida, acho que se Charles não se importar a ideia pode ser boa. Nunca fico totalmente tranquila enquanto você está no vilarejo.” Constance riu. “Vou te dar a lista, Charles, e o dinheiro, e você vai ser o entregador das compras.”

“Você guarda dinheiro em casa?”

“É claro.”

“Não me parece muito sensato.”

“Está no cofre do pai.”

“Mesmo assim.”

“Eu te garanto, senhor”, tio Julian disse, “fiz questão de examinar os livros a fundo antes de me comprometer. Não existe possibilidade de eu ter sido enganado.”

“Então estou tirando a tarefa da priminha Mary”, disse Charles, me encarando de

novo. “Você vai ter que achar alguma outra coisa para ela fazer, Connie.”

Eu tinha verificado o que dizer a ele antes de ir para a mesa. “A Amanita phalloides”, eu lhe disse, “tem três toxinas diferentes. Tem a amanita, que age devagar e é a mais potente. Tem a faloidina, que tem ação imediata, e tem a falina, que dissolve os glóbulos vermelhos, embora seja a menos potente. Os primeiros sintomas só aparecem de sete a doze horas após a ingestão, em certos casos só após vinte e quatro ou até mesmo quarenta horas. Os sintomas começam com dores estomacais lancinantes, calafrios, vômito…”

“Escuta”, disse Charles. Ele deixou o frango no prato. “Você pare com isso”, ordenou.

Constance ria. “Ah, Merricat”, ela disse, rindo entre uma palavra e outra, “você é boba mesmo. Ensinei a ela”, explicou a Charles, “que tem cogumelos perto do

riacho e no campo e fiz com que aprendesse quais são os que matam. Ah, Merricat."

"A morte ocorre de cinco a dez dias após a ingestão", concluí.

"Não vejo muita graça nisso", disse Charles.

"Como você é boba, Merricat", disse Constance.

6

A casa não estava segura só porque Charles tinha saído para ir ao vilarejo; em primeiro lugar, Constance lhe dera a chave do portão. No começo havia uma chave para cada um de nós; nosso pai tinha uma chave, e nossa mãe, e as chaves eram deixadas em uma prateleira ao lado da porta da cozinha. Quando Charles partiu em direção ao vilarejo,

Constance lhe deu uma chave, talvez a chave de nosso pai, e uma lista de compras, e o dinheiro para pagar o que ele compraria.

“Você não devia guardar dinheiro em casa desse jeito”, ele recomendou, segurando-o com força na mão por um instante antes de enfiar a mão no bolso de trás e pegar a carteira. “Mulheres sozinhas que nem vocês não deviam guardar dinheiro dentro de casa.”

Eu o observava do meu canto na cozinha, mas não deixava Jonas se aproximar de mim enquanto Charles estivesse em casa. “Tem certeza de que anotou tudo?”, ele perguntou a Constance. “Detesto fazer duas viagens.”

Esperei Charles estar bem longe, talvez quase chegando à pedra preta, e então disse, “Ele esqueceu os livros da biblioteca”.

Constance me encarou por um tempo.

“Dona Malvadeza”, repreendeu. “Você queria que ele esquecesse.”

“Como é que ele saberia dos livros da biblioteca? O lugar dele não é nesta casa; ele não tem nada a ver com os nossos livros.”

“Você sabia”, disse Constance, olhando dentro do bule sobre o fogão, “eu acho que daqui a pouco a gente vai poder colher alface; o clima continuou bem quente.”

“Na lua”, comecei, e então parei.

“Na lua”, Constance repetiu, virando-se para me dar um sorriso, “tem alface o ano inteiro, não é?”

“Na lua a gente tem tudo. Alface, e torta de abóbora e Amanita phalloides. Tem plantas com pelugem de gato e cavalos dançando com as asas. Todas as trancas são fortes e bem fechadas e não existe fantasma. Na lua o tio Julian ficaria bem e o sol brilharia todos os dias. Você usaria as pérolas da nossa mãe e cantaria, e o sol brilharia o tempo todo.”

“Queria poder ir à sua lua. Será que devo começar a fazer o biscoito de gengibre

agora? Vai esfriar se o Charles demorar.”

“Eu vou estar aqui para comer”, anunciei.

“Mas o Charles falou que adora biscoito

de gengibre.”

Eu construía uma casinha em cima da

mesa com os livros da biblioteca, apoiando

um deitado sobre a beirada de outros dois.

“Bruxa velha”, eu disse, “você tem uma casa

de biscoito de gengibre.”

“Não tenho, não”, disse Constance.

“Tenho uma casa linda onde moro com a

minha irmã Merricat.”

Ri dela: estava preocupada com o bule no

fogão e tinha farinha no rosto. “Quem sabe ele não volta nunca mais”, eu disse.

“Ele tem que voltar; vou fazer biscoito de

gengibre para ele.”

Como Charles se apropriara da minha

função nas manhãs de terça eu fiquei sem ter

o que fazer. Pensei em ir até o riacho, mas não tinha nenhum motivo para imaginar que

o riacho sequer estaria lá, já que nunca o

visitava nas manhãs de terça; será que as pessoas do vilarejo estariam me esperando, lançando olhares para ver se eu estava chegando, trocando cutucadas, e então se virariam estupefatas ao avistar Charles? Será que o vilarejo inteiro iria hesitar e desacelerar, perplexo ante a falta da srta. Mary Katherine Blackwood? Soltei uma risadinha ao pensar em Jim Donell e nos meninos da família Harris espiando a rua com ansiedade para ver se eu estava chegando.

"Qual é a graça?", Constance perguntou, virando-se para ver.

"Estava pensando que você podia fazer um homenzinho de gengibre e eu poderia dar o

nome de Charles e comê-lo.”

“Ah, Merricat, faça-me o favor.”

Dava para perceber que Constance ia ficar irritada, um tanto por minha causa e um tanto por causa do gengibre, então achei melhor fugir. Já que era uma manhã livre, e me causava apreensão atravessar as portas, poderia ser um bom momento para procurar um instrumento para usar contra Charles, e parti escada acima; o cheiro dos biscoitos de gengibre no forno me seguiu até quase a metade do caminho. Charles havia deixado sua porta aberta, não escancarada, mas o bastante para eu conseguir enfiar minha mão.

Quando empurrei um pouquinho a porta se abriu toda e olhei o quarto de nosso pai, que agora era de Charles. Ele tinha arrumado a cama, reparei; a mãe devia ter ensinado. A mala estava em cima de uma cadeira, mas fechada; havia objetos dele na

cômoda em que os pertences de nosso pai sempre haviam ficado; vi o cachimbo de Charles, e um lenço, coisas que Charles havia tocado e usado, sujando o quarto de nosso pai. Uma gaveta da cômoda estava um pouco aberta e pensei de novo em Charles revirando as roupas de nosso pai. Andei de fininho pelo quarto porque não queria que Constance me ouvisse lá embaixo, e olhei na gaveta aberta. Imaginei que Charles não ficaria contente em saber que o peguei examinando os objetos de nosso pai, e algo daquela gaveta talvez tivesse um poder extraordinário, já que estaria carregado da culpa de Charles. Não me surpreendi ao descobrir que ele andava olhando as joias de nosso pai; dentro da gaveta havia uma caixa de couro que abrigava, eu sabia, um relógio e uma corrente feita de ouro, além de abotoaduras, e um anel de sinete. Eu não encostaria nas joias de nossa mãe, mas

Constance não disse nada sobre as joias de nosso pai, não tinha nem entrado naquele quarto para arrumá-lo, então pensei em abrir a caixa e tirar alguma coisa. O relógio estava ali, numa caixinha própria, apoiado num forro de cetim e sem funcionar, e a corrente do relógio estava enrolada ao lado.

Eu não encostaria no anel; a ideia de um anel em torno do meu dedo sempre me deu a sensação de estar amarrada com força, pois anéis não tinham abertura para escapar, mas gostava da corrente do relógio, que retorcia e enroscava na minha mão quando eu a segurava. Devolvi a caixa de joias à gaveta com cuidado, e fechei a gaveta, e saí do quarto, e fechei a porta, e levei a corrente do relógio para o meu quarto, onde ela tornou a se enrolar sobre o travesseiro em uma pilha dourada adormecida.

Minha intenção era enterrá-la, mas tive pena quando pensei em quanto tempo ficara

ali na escuridão da caixa na gaveta de nosso

pai, e pensei que ela havia conquistado um

lugar alto, onde poderia brilhar ao sol, e resolvi pregá-la à árvore da qual o livro caíra.

Enquanto Constance fazia biscoito de

gengibre na cozinha e tio Julian dormia no

quarto e Charles entrava e saía de lojas do vilarejo, eu estava deitada na minha cama

brincando com a minha corrente de ouro.

“Essa é a corrente de ouro do relógio do

meu irmão”, reconheceu tio Julian, se

inclinando para a frente com curiosidade.

“Imaginei que ele tivesse sido enterrado com

ela.”

A mão de Charles tremia quando ele a

esticou; dava para ver o tremor contra o

amarelo da parede às suas costas. “Numa

árvore”, ele comentou, a voz também

trêmula. “Achei pregada a uma árvore, pelo

amor de Deus. Que tipo de casa é esta?”

“Não tem importância”, disse Constance.

“Sério, Charles, não tem importância.”

“Não tem importância? Connie, esse treco

é feito de ouro.”

“Mas ninguém quer.”

“Uma das argolas está amassada”, Charles

disse, lamentando-se pela corrente. “Eu

poderia ter usado; que jeito infernal de

tratar um objeto valioso. A gente poderia ter

vendido”, disse a Constance.

“Mas por quê?”

“Eu não tinha dúvida de que ele tinha sido

enterrado com ela”, disse tio Julian. “Ele

nunca foi de dar as coisas fácil assim.

Imagino que nunca ficou sabendo que eles

tinham guardado isso pra ele.”

“Vale dinheiro”, disse Charles, explicando

cuidadosamente a Constance. “É uma

corrente de relógio de ouro, é possível que valha uma boa grana. Quem é sensato não

sai por aí pregando objetos valiosos como

esse em árvores.”

“O almoço vai esfriar se você ficar aí se

preocupando com isso.”

“Vou botar ela de volta na caixa, que é o lugar dela”, declarou Charles. Ninguém além de mim reparou que ele sabia onde estivera guardada. “Mais tarde”, ele disse, olhando para mim, “a gente descobre como é que foi parar na árvore.”

“Foi a Merricat quem pôs lá”, esclareceu Constance. “Por favor, senta para almoçar.”

“Como é que você sabe? Sobre Mary?”

“Ela sempre faz isso.” Constance sorriu para mim. “Como você é boba, Merricat.”

“Faz mesmo?”, disse Charles. Ele se aproximou devagar da mesa, me encarando.

“Ele era um homem muito apegado a si mesmo”, disse tio Julian. “Dado a se enfeitar, e não muito asseado.”

A cozinha estava silenciosa; Constance estava no quarto de tio Julian, colocando-o na cama para o cochilo da tarde. “Para onde a pobre prima Mary iria se a irmã botasse ela

pra fora?”, Charles perguntou a Jonas, que

escutou silenciosamente. “O que a pobre

prima Mary faria se Constance e Charles

não a amassem?”

Não sei por que me pareceu que eu

poderia simplesmente pedir para Charles ir

embora. Talvez eu achasse que precisaria lhe

pedir educadamente apenas uma vez; talvez

a ideia de ir embora simplesmente não

tivesse lhe passado pela cabeça e fosse

necessário incuti-la. Resolvi que pedir a Charles que fosse embora seria a próxima

medida a tomar, antes que estivesse por

todos os cantos da casa e se tornasse

impossível de erradicar. A casa já tinha o

cheiro dele, de seu cachimbo e sua loção de

barbear, os ruídos dele ecoavam nos

cômodos o dia inteiro; o cachimbo às vezes

estava em cima da mesa da cozinha e as luvas

ou a bolsinha de fumo ou as constantes

caixas de fósforos se espalhavam nos nossos

cômodos. Ele ia ao vilarejo todas as tardes e

voltava com jornais que deixava em qualquer

lugar, até mesmo na cozinha, onde

Constance poderia vê-los. Uma faísca do

cachimbo tinha deixado uma queimadura

pequenina no brocado de rosas de uma

poltrona da sala de visitas; Constance não

havia reparado, e pensei em não lhe contar porque esperava que a casa, machucada, o

rejeitaria por conta própria.

“Constance”, chamei em uma manhã

radiante; calculei que fazia três dias que

Charles estava na nossa casa; “Constance, ele

falou alguma coisa sobre ir embora?”

Ela se aborrecia cada vez mais comigo

quando eu queria que Charles fosse embora;

antes Constance sempre ouvia e sorria e se

zangava apenas quando Jonas e eu éramos

maldosos, mas agora ela volta e meia me

franzia a testa, como se de algum modo eu

lhe parecesse diferente. “Já te falei”, ela me disse, “já te falei várias vezes que não quero

mais ouvir bobagens sobre Charles. Ele é nosso primo e foi convidado a nos visitar e provavelmente vai embora quando se sentir pronto para ir."

"Ele deixa o tio Julian mais indisposto."

"Ele só está tentando impedir que o tio Julian pense em coisas tristes o tempo todo. E eu concordo com ele. O tio Julian devia se animar."

"Por que ele devia se animar se vai morrer?"

"Não tenho cumprido meu dever", afirmou Constance.

"Não entendo o que você está querendo dizer."

"Fico escondida aqui", Constance disse devagar, como se não tivesse muita certeza da ordem certa das palavras. Ficou parada ao lado do fogão ao sol com cor no cabelo e nos olhos e sem sorrir, e disse devagar,

"Deixei o tio Julian passar o tempo todo

vivendo no passado e sobretudo revivendo aquele dia horrível. Deixei você correr solta;

quanto tempo faz que não penteia o

cabelo?”

Não podia me permitir ficar brava, e

principalmente ficar brava com Constance,

mas desejei a morte de Charles. Constance

precisava de mais proteção do que nunca, e

se eu ficasse brava e desviasse o olhar ela poderia muito bem se perder. Eu disse com

muito cuidado, “Na lua…”.

“Na lua”, Constance disse, e eu dei uma

risada desagradável. “Foi tudo culpa minha”,

ela declarou. “Não me dei conta de como

estava errada, deixando as coisas rolarem

sem freio porque queria me esconder. Não

foi justo nem com você nem com o tio

Julian.”

“E Charles também está consertando o degrau quebrado?”

“Tio Julian devia estar no hospital, com

enfermeiras para cuidar dele. E você…” Ela

de repente arregalou os olhos, como se

tornasse a ver sua antiga Merricat, e então esticou os braços para mim. “Ah, Merricat”, ela disse, e soltou uma risadinha. “Olha só eu te repreendendo; que boba eu sou.”

Eu me aproximei e a envolvi com os braços. “Eu te amo, Constance.”

“Você é uma boa menina, Merricat”, ela disse.

Foi então que larguei dela e fui lá fora conversar com Charles. Eu sabia que não gostaria de conversar com ele, mas era quase tarde demais para pedir educadamente e achava que devia pedir uma vez só. Até o jardim tinha virado uma paisagem estranha com a presença de Charles nele; eu o via parado debaixo das macieiras e as árvores pareciam tortas e pequenas ao lado dele. Saí pela porta da cozinha e andei devagar até ele.

Tentava pensar bem de Charles, já que se não fosse assim nunca conseguiria falar com gentileza, mas sempre que pensava em sua

enorme cara branca me lançando um largo
sorriso do outro lado da mesa ou me
observando sempre que me mexia tinha
vontade de bater nele até que fosse embora,
tinha vontade de pisoteá-lo depois que
estivesse morto, e vê-lo caído morto na
grama. Portanto tornei minha mente
benevolente em relação a Charles e me
aproximei dele devagar.
“Primo Charles?”, chamei, e ele se virou
para me olhar. A imagem dele morto me veio à cabeça. “Primo Charles?”
“Oi?”
“Resolvi te pedir para por favor ir
embora.”
“Tudo bem”, ele disse. “Você pediu.”
“Você por favor vai embora?”
“Não”, ele respondeu.
Não consegui pensar em nada mais a
dizer. Reparei que usava a corrente de
relógio de ouro de nosso pai, mesmo com a
argola torta, e eu soube sem ver que o

relógio do nosso pai estava em seu bolso.

Pensei que amanhã estaria usando o anel de

sinete de nosso pai, e fiquei pensando se

faria Constance botar as pérolas de nossa

mãe.

“Fica longe do Jonas”, ordenei.

“A bem da verdade”, ele disse, “daqui a um mês, quem será que ainda vai estar aqui?

Você”, ele disse, “ou eu?”

Voltei correndo para casa e fui direto para

o quarto de nosso pai, onde martelei com

um sapato o espelho em cima da cômoda até

ele rachar de ponta a ponta. Depois fui para

o meu quarto e deitei a cabeça no peitoril da

janela e dormi.

Nessa época estava me lembrando de ser

mais gentil com tio Julian. Estava triste

porque ele passava cada vez mais tempo no

quarto, tomando o café da manhã e também

almoçando na bandeja e comendo apenas a

janta na sala sob o olhar desdenhoso de

Charles.

“Não dá pra você dar comida pra ele ou

coisa assim?”, Charles perguntou a Constance. “Ele está todo sujo de comida.”

“Não era minha intenção”, disse tio Julian,

olhando para Constance.

“Tem que usar um babador”, decretou

Charles, aos risos.

Enquanto Charles estava sentado na

cozinha pela manhã, comendo muito

presunto e batata e ovos fritos e pãezinhos

quentes e rosquinhas e torradas, tio Julian

cochilava no quarto diante do leite quente e

às vezes, quando chamava Constance,

Charles dizia, “Fala pra ele que você está

ocupada; você não tem que ir correndo

sempre que ele molha a cama; ele gosta é de

ser servido”.

Eu sempre tomava o café da manhã antes

de Charles naquelas manhãs ensolaradas, e

se ele descesse antes de eu terminar, levava o meu prato para fora e me sentava no

gramado sob o castanheiro. Uma vez levei para o tio Julian uma nova folha do castanheiro e a coloquei no peitoril de sua janela. Parei lá fora, embaixo do sol, e olhei para ele deitado no quarto escuro e tentei pensar em maneiras de ser mais gentil. Pensei nele deitado ali sozinho, sonhando sonhos do velho tio Julian, e fui à cozinha e disse a Constance, “Você pode fazer um bolinho macio para o tio Julian comer no almoço?”.

“Ela está ocupada demais”, Charles declarou de boca cheia. “Sua irmã trabalha que nem uma escrava.”

“Pode fazer?”, perguntei a Constance.

“Desculpe”, respondeu Constance. “Tenho muita coisa pra fazer.”

“Mas o tio Julian vai morrer.”

“A Constance está muito ocupada”, disse Charles. “Vai embora, vai brincar.”

Segui Charles uma tarde em que ele foi ao

vilarejo. Parei junto à pedra preta, já que não

era um dos meus dias de ir ao vilarejo, e

observei Charles percorrer a rua principal.

Ele parou e conversou um minutinho com

Stella, parada sob a luz do sol em frente à cafeteria, e ele comprou um jornal; quando

o vi se sentar no banco com os outros

homens dei meia-volta e fui para casa. Se eu

fosse ao vilarejo para fazer compras outra

vez, Charles seria um dos sujeitos que

assistiria à minha passagem. Constance

mexia no jardim e tio Julian dormia na

cadeira ao sol, e quando me sentei no meu

banco em silêncio Constance indagou, sem olhar para mim, “Por onde você andava,

Merricat?”.

“Passeando. Cadê o meu gato?”

“Eu acho”, disse Constance, “que nós

vamos ter que te proibir de passear. Está na

hora de você sossegar um pouco.”

“Esse ‘nós’ quer dizer você e Charles?”

“Merricat.” Constance se virou para mim,

sentando-se sobre os calcanhares e
entrelaçando as mãos à frente do corpo.
“Até pouco tempo atrás eu nunca tinha me
dado conta do erro que cometi ao deixar
que você e tio Julian se escondessem aqui
comigo. A gente devia ter encarado o
mundo e tentado levar uma vida normal; tio
Julian devia ter passado esses anos todos no
hospital, com boa assistência e enfermeiras
para ajudar. A gente devia ter vivido que nem as outras pessoas. Você deveria…” Ela
se calou e abanou as mãos, indefesa. “Você
deveria ter amigos homens”, disse por fim, e
então caiu na risada porque soava engraçado
até mesmo para ela.
“Eu tenho Jonas”, retruquei, e nós duas
rimos e tio Julian acordou de repente e deu
uma risada que parecia um cacarejo fino.
“Você é a pessoa mais boba que já vi na
vida”, eu disse a Constance, e saí para
procurar Jonas. Enquanto eu perambulava

Charles voltou à nossa casa; trouxe o jornal e uma garrafa de vinho para o jantar e o lenço de nosso pai que eu usava para amarrar o portão com firmeza, visto que Charles tinha a chave.

“Eu poderia ter usado esse lenço”, ele reclamou com irritação, e o escutei da horta, onde achei Jonas dormindo em um emaranhado de brotos de alface. “É uma peça cara, e eu gostei das cores.”

“Era do pai”, Constance explicou.

“E falando nisso”, aproveitou Charles. “Um dia desses eu quero dar uma olhada no resto das roupas dele.” Ele se calou por um minuto; imaginei que provavelmente estivesse se sentando no meu banco. Então prosseguiu, calmamente. “E também”, ele disse, “já que estou aqui, preciso examinar a papelada do seu pai. Pode ser que tenha alguma coisa importante.”

“Não a minha papelada”, tio Julian retrucou. “Esse rapaz não vai encostar o

dedo na minha papelada.”

“Ainda nem vi o escritório do seu pai”,

Charles comentou.

“A gente não usa. A gente não toca em

nada que tem lá.”

“A não ser o cofre, claro”, acrescentou

Charles.

“Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Eu quero que depois você fique com a

minha papelada. Ninguém mais deve

encostar

na

minha

papelada,

está

entendendo?”

“Sim, tio Julian.”

Eu não tinha permissão para abrir o cofre

em que Constance guardava o dinheiro de

nosso pai. Tinha permissão para entrar no

escritório, mas eu não gostava e nem sequer

tocava

na

maçaneta.

Esperava

que

Constance não abrisse o escritório para

Charles; ele já tinha o quarto de nosso pai, afinal, e o relógio de nosso pai e sua corrente

de ouro e seu anel de sinete. Eu estava

ponderando que ser um demônio e um

fantasma devia ser bem difícil, mesmo para

Charles; se ele acabasse esquecendo, ou

deixasse a máscara cair por um instante,

seria logo reconhecido e mandado embora;

precisava tomar o cuidado extremo de usar

sempre a mesma voz e apresentar o mesmo

rosto e a mesma postura sem nenhuma

derrapada; precisava estar sempre atento

para não se trair. Eu ficava imaginando se ele

retomaria sua verdadeira forma quando

morresse. Quando esfriou e percebi que

Constance levaria tio Julian para dentro,

deixei Jonas dormindo no maço de alface e

voltei para casa. Quando entrei na cozinha

tio Julian estava ensandecido mexendo nos papéis em cima da mesa, tentando juntá-los

numa pilha, e Constance descascava batatas.

Dava para escutar Charles se movimentando

lá em cima, e por um instante a cozinha

ficou quentinha e radiante e clara.

“Jonas está dormindo na alface”, comentei.

“Não tem nada mais gostoso do que pelo

de gato na minha salada”, Constance disse

em tom afável.

“Já passou da hora de eu ter uma caixa”, tio

Julian anunciou. Recostou-se e olhou com

raiva para os papéis. “Isso tudo tem de ser posto

numa

caixa

neste

minuto.

Constance?”

“Pois não, tio Julian; vou achar uma caixa

para você.”

“Se eu botar todos os meus papéis em uma

caixa e botar a caixa no meu quarto, aquele rapaz horrível não vai ter como encostar

neles. Ele é um rapaz horrível, Constance.”

“Na verdade, tio Julian, o Charles é muito

agradável.”

“Ele é desonesto. O pai dele era desonesto.

Meus dois irmãos eram desonestos. Se ele

tentar pegar os meus papéis você tem de

impedir; não posso permitir que mexam

com meus papéis e não vou tolerar

intrusões. Você tem de avisar para ele,

Constance. Ele é um canalha.”

“Tio Julian…”

“No sentido puramente metafórico, posso

lhe garantir. Meus dois irmãos casaram com

mulheres muitíssimo cabeças-duras. Trata-

se apenas de uma palavra usada — entre os

homens, minha querida; peço desculpas por

sujeitá-la a uma palavra dessas — para classificar um sujeito indesejável.”

Constance se virou sem falar e abriu a

porta que dava para a escada do porão e as

fileiras e mais fileiras de alimentos em

conserva bem lá no fundo de nossa casa.

Desceu a escada sem fazer barulho, e

ouvíamos Charles se mexendo lá em cima e

Constance se mexendo lá embaixo.

“Guilherme de Orange era um canalha”,

tio Julian falou sozinho; pegou um

pedacinho de papel e fez uma anotação.

Constance voltou do porão com uma caixa

trazida para tio Julian. “Aqui uma caixa

limpa”, ela disse.

“Para quê?”, tio Julian indagou.

“Para você guardar seus papéis.”

“Aquele rapaz não pode tocar na minha

papelada, Constance. Não vou admitir que aquele rapaz mexa na minha papelada.”

“É tudo minha culpa”, Constance

decretou, virando-se para mim. “Ele devia estar num hospital.”

“Vou botar minha papelada nessa caixa, Constance, minha querida, se você fizer a bondade de entregá-la para mim.”

“Ele se diverte um pouco”, eu disse a Constance.

“Eu devia ter feito tudo diferente.”

“Não teria sido gentil botar o tio Julian num hospital.”

“Mas eu vou ter que botar se eu…” e Constance se calou de repente e tornou a se concentrar na pia e nas batatas. “Ponho nozes no molho de maçã?”, ela perguntou.

Fiquei bem quieta, prestando atenção ao que ela quase disse. O tempo se esgotava, se contraía em torno de nossa casa, me esmagando. Imaginei que seria a hora de estraçalhar o espelho grande do hall, mas os pés de Charles desciam pesadamente a escada e atravessavam o corredor e adentravam a cozinha.

“Ora, ora, está todo mundo aqui”, ele disse. “O que vai ter para o jantar?”

Naquela noite Constance tocou para nós na sala de visitas, a curva alta da harpa lançando sombras no retrato de nossa mãe e as notas suaves se espalhando no ar feito pétalas. Ela tocou “Over the Sea to Skye” e “Flow Gently, Sweet Afton” e “I Saw a Lady”, além de outras canções que nossa mãe tocava, mas eu não lembro dos dedos de nossa mãe encostarem nas cordas com tanta leveza, com tanto respiro na melodia. Tio Julian se manteve desperto, ouvindo e sonhando, e nem mesmo Charles teve a audácia de pôr os pés em cima da mobília na sala de visitas, embora a fumaça do cachimbo vagueasse contra o teto de bolo de noiva e ele se remexesse enquanto Constance tocava.

“Que toque delicado”, tio Julian comentou uma vez. “Todas as mulheres da família Blackwood tinham talento no toque.”

Charles parou ao lado da lareira para bater
o cachimbo na grade. “Uma beleza”, elogiou,
pegando uma das estatuetas de Dresden.
Constance parou de tocar, e ele se virou para
olhá-la. “É valiosa?”
“Não muito”, disse Constance. “Minha
mãe gostava delas.”
Tio Julian disse, “A minha predileta sempre foi ‘Bluebells of Scotland’;
Constance, minha querida, você poderia…”.
“Agora não”, Charles disse. “Agora
Constance e eu queremos conversar, tio.
Temos planos para traçar.”

7

Quinta-feira era o dia em que eu
tinha mais energia. Era o dia certo
para me resolver com Charles. De
manhã Constance decidiu fazer biscoitos
condimentados para o jantar; era uma pena,
pois se algum de nós soubesse disso poderia
ter lhe dito que não se desse ao trabalho, que
quinta-feira seria o último dia. Nem mesmo

tio Julian desconfiou, entretanto; ele se sentiu um pouco mais forte ao despertar na quinta-feira, e no final da manhã Constance o levou à cozinha, que cheirava bastante a biscoitos condimentados, e ele continuou a botar sua papelada na caixa. Charles pegara o martelo e achara pregos e uma tábua e martelava sem dó nem piedade o degrau quebrado; da janela da cozinha dava para ver que se saía muito mal e fiquei satisfeita; desejei que o martelo golpeasse seu dedão. Permaneci na cozinha até ter certeza de que todos ficariam onde estavam por um tempo e então subi a escada e entrei no quarto de nosso pai, andando de fininho para que Constance não notasse que eu estava ali. A primeira atitude a tomar era parar o relógio de nosso pai, no qual Charles deu corda. Sabia que não o estava usando enquanto arrumava o degrau quebrado porque não estava de corrente, e achei o relógio e a

corrente e o anel de sinete no quarto de nosso pai junto com a bolsinha de tabaco de

Charles e quatro caixinhas de fósforos. Não

tinha permissão para tocar em fósforos, mas

de qualquer modo não teria tocado nos

fósforos de Charles. Peguei o relógio e

escutei seu tique-taque, porque Charles dera

corda; eu não podia fazê-lo voltar

totalmente para onde estava antes porque

ele o mantivera funcionando fazia dois ou

três dias, mas girei a coroa para trás até ouvir

um estalidozinho queixoso do relógio e o

tique-taque cessou. Quando tive a certeza

de que ele jamais conseguiria fazê-lo

tiquetaquear outra vez, coloquei-o com

delicadeza onde o havia encontrado; uma

coisa, pelo menos, foi liberada do feitiço de

Charles, e pensei que eu enfim tinha

rompido sua tensa pele de invulnerabilidade.

Não precisava me preocupar com a

corrente, que estava quebrada, e não gostava

do anel. Eliminar Charles de tudo o que ele

havia tocado era quase impossível, mas me

parecia que caso alterasse o quarto de nosso

pai, e talvez depois a cozinha e a sala de visita e o escritório, e para concluir o jardim,

Charles se perderia, isolado do que

reconhecia, e teria de admitir que essa não

era a casa que tinha vindo visitar e assim

teria de ir embora. Alterei o quarto de nosso

pai bem rápido e quase sem fazer barulho.

Durante a noite eu tinha saído no escuro e

trazido uma enorme cesta cheia de pedaços

de madeira, galhos quebrados, folhas e cacos

de vidro e metal do campo e do bosque.

Jonas foi e voltou comigo, divertindo-se

com a nossa caminhada silenciosa enquanto todos dormiam. Quando alterei o quarto de

nosso pai tirei os livros da escrivaninha e as

cobertas da cama, e pus meus vidros e metais

e madeiras e galhos e folhas nos espaços

vazios. Como não podia botar os objetos

que foram de nosso pai no meu quarto,

carreguei-os escada acima sem fazer
barulho, até o sótão, onde todos os outros
pertences dele eram guardados. Derramei
um jarro de água na cama de nosso pai:
Charles não poderia mais dormir ali. O
espelho sobre a cômoda já estava
estilhaçado: não refletiria Charles. Ele não
seria capaz de achar livros ou roupas e
ficaria perdido em um quarto de folhas e
galhos quebrados. Arranquei as cortinas e as
joguei no chão: agora Charles teria de olhar
lá para fora e ver a rampa que ia para longe e depois a estrada.
Olhei o quarto com deleite. Um demônio-
fantasma não teria facilidade em ficar ali. Eu
estava de volta ao meu quarto, deitada na
cama e brincando com Jonas quando escutei
Charles lá embaixo, no jardim, gritando para
Constance. “Já chega”, ele dizia, “já chega
mesmo.”
“O que foi agora?”, Constance indagou;
ela foi até a porta da cozinha e escutei tio Julian dizendo de algum canto,

“Manda esse
rapaz tolo parar de berrar”.
Olhei rapidamente; era óbvio que o
degrau quebrado tinha sido demais para
Charles porque o martelo e a tábua estavam
no chão e o degrau continuava quebrado;
Charles subia a rampa, vindo do riacho, e
carregando alguma coisa; me questionava o que teria achado dessa vez.
“Você já ouviu falar de coisa parecida?”, ele
dizia; embora já estivesse perto, continuava a
gritar. “Olha isso, Connie, olha só isso aqui.”
“Imagino que seja da Merricat”, declarou
Constance.
“Não é da Merricat nem nada disso. É
dinheiro.”
“Eu lembro”, disse Constance. “Moedas de
prata. Lembro que ela enterrou.”
“Deve ter uns vinte ou trinta dólares aqui;
é um absurdo.”
“Ela gosta de enterrar coisas.”
Charles ainda gritava, sacudindo minha

caixa de moedas com violência. Me
perguntei se a deixaria cair; gostaria de ter visto Charles no chão, se arrastando à procura das minhas moedas.
“O dinheiro não é dela”, ele vociferava, “ela
não tem o direito de esconder.”
Fiquei me perguntando como ele tinha
achado a caixa onde eu a enterrara; vai ver que Charles e dinheiro se achavam independentemente
da
distância
que
houvesse entre eles, ou vai ver que Charles
andava
empenhado
em
escavar
sistematicamente cada centímetro de nosso
terreno. “Isso é terrível”, ele gritava, “terrível; ela não tem o direito.”
“Não faz mal a ninguém”, respondeu
Constance. Era perceptível que estava
confusa e em algum canto da cozinha tio

Julian batucava e chamava.

“Como é que você sabe que não tem mais?”, Charles exibiu a caixa em tom acusatório. “Como é que você sabe que aquela menina maluca não enterrou milhares de dólares por aí, em lugares onde a gente nunca vai achar?”

“Ela gosta de enterrar coisas”, Constance justificou. “Estou indo, tio Julian.”

Charles seguiu-a porta adentro, ainda segurando a caixa ternamente. Cogitei enterrar a caixa de novo depois que ele fosse embora, mas não estava contente. Fui ao patamar da escada e observei Charles cruzar o corredor em direção ao escritório; estava claro que botaria minhas moedas de prata no cofre de nosso pai. Desci a escada correndo e sem fazer barulho e saí pela cozinha. “Como você é boba, Merricat”, Constance me disse quando passei; espalhava biscoitos condimentados em longas fileiras para que esfriassem.

Eu pensava em Charles. Poderia transformá-lo em mosquito e jogá-lo numa teia de aranha e vê-lo enredado e indefeso e se debatendo, preso no corpo de um mosquito agonizante; poderia desejar sua morte até que ele morresse. Poderia amarrá-lo a uma árvore e deixá-lo lá até que virasse tronco e a casca cobrisse sua boca. Poderia enterrá-lo na cova onde minha caixa de moedas de prata estivera segura até ele chegar; se estivesse debaixo da terra eu poderia andar sobre ele pisando forte.

Ele não havia sequer se dado ao trabalho de tampar a cova. Dava para imaginar ele andando por lá e notando o ponto onde o solo fora revirado, parando para revirá-lo e depois escavando como um louco com as mãos, fechando a cara e por fim ganancioso e escandalizado e ofegante ao encontrar minha caixa de moedas de prata. “Não põe a culpa em mim”, eu disse ao buraco; teria de

achar outra coisa para enterrar ali e queria que pudesse ser Charles.

A cova acomodaria com delicadeza a

cabeça dele. Gargalhei quando descobri uma

pedra redonda do tamanho certo, e desenhei

um rosto com a unha e a enterrei no buraco.

“Adeus, Charles”, me despedi. “Da próxima

vez vê se não fica pegando as coisas dos

outros.”

Fiquei perto do riacho por mais ou menos

uma hora; estava perto do riacho quando

Charles enfim subiu e entrou no quarto que

não era mais dele e não era mais de nosso

pai. Por um instante pensei que Charles

tinha estado no meu abrigo, mas nada estava fora do lugar, como estaria se Charles

tivesse ido ali para procurar alguma coisa.

Mas ele chegara perto o suficiente para me

incomodar, e por isso, tirei a grama e as

folhas do lugar onde eu geralmente dormia e

balancei meu cobertor, e renovei tudo. Lavei

a pedra lisa onde às vezes fazia minhas

refeições e pus um galho melhor na entrada.
Me perguntava se Charles voltaria em busca
de mais moedas de prata e me perguntava se
ele iria gostar das minhas seis bolinhas de
gude azuis. Por fim senti fome e voltei para
a nossa casa, e lá na cozinha estava Charles,
ainda aos berros.
“Não dá pra acreditar nisso”, ele dizia,
agora já bem estridente, “simplesmente não
dá pra acreditar.”
Eu me perguntava por quanto tempo Charles continuaria a gritar. Ele fazia um
ruído sombrio na nossa casa, e sua voz ficava
cada vez mais fina e aguda; talvez se berrasse
por bastante tempo começasse a guinchar.
Sentei no degrau da cozinha ao lado de
Jonas e imaginei que talvez Constance caísse
na risada se Charles guinchasse para ela.
Nunca aconteceu, contudo, porque assim
que ele viu que eu estava sentada no degrau
ele se calou por um instante e depois, ao
falar, baixou o tom da voz e diminuiu seu

ritmo.

“Quer dizer que você voltou”, ele

constatou. Não se aproximou de mim, mas

senti sua voz como se estivesse vindo ao meu

encontro. Não olhei para ele; olhei para

Jonas, que olhava para ele.

“Ainda não resolvi o que é que eu vou fazer com você”, ele declarou. “Mas seja o

que for, você não vai esquecer.”

“Não mexe com ela, Charles”, Constance

pediu. Tampouco gostei da voz dela porque

estava esquisita e eu sabia que ela estava

indecisa. “De qualquer modo, é tudo culpa

minha.” Era sua nova forma de pensar.

Pensei em ajudar Constance, quem sabe

fazê-la rir. “Amanita pantherina”, recitei,

“Altamente venenosa. Amanita rubescens,

comestível e boa. A Cicuta maculata é a

cicuta-da-europa, uma das plantas silvestres

mais tóxicas se ingerida. A Apocynum

cannabinum não é uma planta venenosa de

grande importância, mas a beladona…”

“Para com isso”, disse Charles, ainda

calmo.

“Constance”, eu disse, “viemos para casa para o almoço, o Jonas e eu.”

“Primeiro você vai ter que se explicar para

o primo Charles”, Constance decretou, e eu

gelei.

Charles estava sentado à mesa da cozinha,

a cadeira afastada e virada de frente para

mim na soleira da porta. Constance estava

atrás dele, encostada na pia. Tio Julian

estava na mesa dele, mexendo nos papéis.

Havia fileiras e mais fileiras de biscoitos

condimentados esfriando e a cozinha ainda

cheirava a canela e noz-moscada. Eu me

perguntei se Constance daria um biscoito a

Jonas junto com o jantar, mas é claro que

não fez isso porque esse foi o último dia.

“Agora escuta”, Charles disse. Ele descera

com um punhado de galhos e terra, talvez a

fim de provar a Constance que realmente estavam em seu quarto, ou talvez

porque

fosse limpá-lo de punhado em punhado; os

galhos e a terra pareciam deslocados em

cima da mesa da cozinha, e imaginei que

talvez um dos motivos para Constance

parecer tão triste fosse a terra em sua mesa

limpa. “Agora escuta”, Charles disse.

“Não dá para eu trabalhar aqui se o rapaz

não parar de falar”, reclamou tio Julian.

“Constance, manda ele fazer um pouco de

silêncio.”

“Você também”, Charles disse naquela voz

suave. “Eu já aguentei muito de vocês dois.

Um de vocês emporcalhou o meu quarto e

saiu por aí enterrando dinheiro e o outro

nem lembra qual é o meu nome.”

“Charles”, eu disse a Jonas. Como era eu

quem enterrava dinheiro, sem dúvida, não era a que não lembrava do nome dele; o

pobre coitado do velho tio Julian não podia

enterrar nada e não conseguia se lembrar do

nome de Charles. Eu me lembraria de ser mais gentil com tio Julian. “Você vai dar um biscoito para o tio Julian comer no jantar?”, perguntei a Constance. “E vai dar um para o Jonas também?”

“Mary Katherine”, Charles disse, “vou te dar uma chance de se explicar. Por que foi que você fez essa bagunça no meu quarto?”

Não havia razão para lhe responder. Ele não era Constance, e tudo que eu falasse para ele talvez o ajudasse a retomar seu tênue domínio sobre nossa casa. Fiquei sentada na porta e brinquei com as orelhas de Jonas, que se agitavam e tremelicavam quando eu fazia cócegas.

“Responda”, ordenou Charles.

“Quantas vezes vou precisar te dizer, John, que eu não sei absolutamente nada sobre esse assunto?” Tio Julian bateu a mão na mesa e espalhou os papéis. “É uma briga entre as moças e não me diz respeito. Não

me envolvo nas briguinhas bobas da minha esposa e recomendo fortemente que você também aja assim. Não é correto que homens dignos façam ameaças e represálias porque as moças se desentenderam. Você perde credibilidade, John, perde credibilidade."

"Cala a boca", disse Charles; ele estava gritando de novo, e fiquei satisfeita.

"Constance", ele continuou, baixando um pouco o tom de voz, "essa situação é um horror. Quanto antes você sair dela, melhor."

"… não vou admitir que meu próprio irmão me mande calar a boca. Nós vamos embora da sua casa, John, se é isso mesmo o que você quer. Eu lhe peço, no entanto, que reflita. Minha esposa e eu…"

"É culpa minha, tudo isso", Constance

disse. Achei que ela fosse chorar. Era

impensável que Constance chorasse de novo

depois de todos esses anos, mas eu estava

tensa, estava gelada, e não podia me mexer

para ir ao seu encontro.

“Você é perverso”, eu disse a Charles.

“Você é um fantasma e um demônio.”

“Mas que diabos?”, Charles retrucou.

“Não dê atenção”, Constance lhe disse.

“Não dê ouvidos às bobagens da Merricat.”

“Você é um sujeito muito egoísta, John, talvez seja até um salafrário, e gosta demais

dos bens mundanos; às vezes me pergunto,

John, se você é um cavalheiro de verdade.”

“Isto aqui é um hospício”, Charles

declarou com convicção. “Constance, isto

aqui é um hospício.”

“Vou limpar o seu quarto agorinha

mesmo. Charles, por favor, não fique bravo.”

Constance me encarou com fúria, mas eu

estava tensa e não a via.

“Tio Julian.” Charles se levantou e foi até onde estava tio Julian, sentado à mesa dele.

“Você não encoste nos meus papéis”, ordenou tio Julian, tentando cobri-los com as mãos. “Fica longe dos meus papéis, seu canalha.”

“O quê?”, indagou Charles.

“Peço desculpas”, tio Julian disse a Constance. “Este não é o linguajar adequado aos seus ouvidos, minha querida. Só mande esse rapazinho canalha ficar longe dos meus papéis.”

“Olha”, Charles disse a tio Julian, “vou te dizer que já estou por aqui. Não vou encostar nesses seus papéis idiotas e eu não sou o seu irmão John.”

“É claro que você não é o meu irmão John: você é um centímetro mais baixo que ele. Você é um rapazinho canalha, e gostaria que voltasse para o seu pai, que, para minha vergonha, é meu irmão Arthur, e diga a ele que fui eu que mandei. Diante da sua mãe, se

você quiser; ela é uma cabeça-dura mas não
tem essa coisa de sangue. Ela desejava que a
relação familiar fosse cortada. Portanto, não
faço objeção a que você repita do meu elevado linguajar na frente dela."
"Isso tudo já foi esquecido, tio Julian;
Constance e eu…"
"Eu acho que você se esqueceu de si
mesmo, rapaz, para usar esse tom de voz
comigo. Acho bom que você esteja
arrependido, mas já me tomou tempo
demais. Por favor, fique em completo
silêncio de agora em diante."
"Só depois que eu tiver terminado com a
sua sobrinha Mary Katherine."
"Minha sobrinha Mary Katherine está
morta faz tempo, rapaz. Não sobreviveu à
morte da família; imaginei que você
soubesse."
"O quê?", Charles se virou furioso para
Constance.
"Minha sobrinha Mary Katherine morreu no orfanato, de abandono, durante o

julgamento da irmã pelo assassinato. Mas ela
não é muito relevante para o meu livro,
então podemos dar o assunto por
encerrado.”
“Ela está sentada logo ali.” Charles agitou
os braços, o rosto vermelho.
“Rapaz.” Tio Julian largou o lápis e se
virou um pouco para ficar de frente para
Charles. “Creio que eu já tenha deixado bem
claro para você a importância do meu
trabalho. Você prefere me interromper o
tempo inteiro. Para mim chega. Ou você se
cala ou se retira deste cômodo.”
Eu ria de Charles e até Constance estava
sorrindo. Charles ficou olhando para tio
Julian, e tio Julian, examinando a papelada,
disse para si mesmo, “Que cachorrinho mais impertinente”, e então,
“Constance?”.
“Pois não, tio Julian?”
“Por que enfiaram meus papéis nesta
caixa? Vou ter que tirar tudo de dentro dela

e reorganizar. Esse rapaz chegou perto dos meus papéis? Chegou?”

“Não, tio Julian.”

“Ele acha mesmo que é o rei da cocada preta, né? Quando é que ele vai embora?”

“Eu não vou embora”, afirmou Charles. “Vou ficar.”

“Impossível”, retrucou tio Julian. “Não temos espaço. Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Vou querer costeleta para o almoço. Uma bela costeletazinha, bem grelhada. Talvez um cogumelo.”

“Sim”, Constance respondeu com alívio, “vou começar a fazer o almoço.” Como se estivesse feliz de finalmente prepará-lo, ela foi à mesa para limpar a terra e as folhas que Charles deixara ali. Arrastou-as para dentro de um saquinho de papel e jogou o saquinho na lata de lixo, e depois voltou com um pano e esfregou a mesa. Charles olhou para ela e

para mim e para tio Julian. Estava nitidamente confuso, incapaz de entender qualquer coisa que via ou ouvia; era uma imagem prazerosa, ver as primeiras reviravoltas do demônio capturado, e senti muito orgulho de tio Julian. Constance sorriu para Charles, feliz porque ninguém mais gritava; ela não iria chorar agora e talvez ela também estivesse vislumbrando o demônio tenso, porque disse, “Você parece cansado, Charles. Vai dar uma descansada até a hora do almoço”.

“Dar uma descansada onde?”, ele questionou e continuava bravo. “Não vou mexer nem um dedo até que alguma atitude seja tomada a respeito dessa menina.”

“A Merricat? Pra que tomar alguma atitude? Eu falei que vou limpar seu quarto.”

“Você não vai nem castigá-la?”

“Me castigar?” Eu estava ali de pé, tremendo contra o batente da porta. “Me castigar? Você está falando em me mandar

para a cama sem jantar?”

E corri. Corri até chegar ao campo, bem no meio do gramado, onde era seguro, e me sentei ali, a grama mais alta do que minha cabeça, me escondendo. Jonas me achou e ficamos sentados juntos onde ninguém jamais seria capaz de nos ver.

Passado bastante tempo me levantei porque sabia aonde ir. Iria à casa de veraneio. Não chegava perto da casa de veraneio fazia seis anos, mas Charles deixara o mundo sombrio, e somente a casa de veraneio daria conta. Jonas não me seguiria; ele não gostava da casa de veraneio e quando me viu entrando na trilha coberta de folhagem que ia até lá tomou outro rumo como se tivesse algo importante a fazer e fosse me encontrar em algum lugar mais tarde. Ninguém gostava muito da casa de veraneio, eu lembrava. Nosso pai fizera o planejamento, e seu intuito era levar o riacho

até lá perto e construir uma pequena

cachoeira, mas alguma coisa tinha entrado

na madeira e na pedra e na tinta quando a

casa foi construída e a estragara. Uma vez nossa mãe viu um rato na porta, olhando

para dentro, e depois disso nada era capaz

de persuadi-la a entrar lá, e onde nossa mãe

não ia, ninguém mais ia.

Eu nunca tinha enterrado nada por ali. O

solo estava preto e úmido e nada que fosse

enterrado ficaria muito confortável. As

árvores se espremiam contra as laterais da

casa de veraneio e respiravam com força em

seu telhado, e as pobres flores outrora

plantadas ali ou haviam morrido ou se

transformado em enormes coisas silvestres

de mau gosto. Quando parei ao lado da casa

e olhei para ela, achei que era o lugar mais feio que eu já tinha visto; lembrei que nossa

mãe tinha feito um pedido sério para que

botassem fogo nela.

No interior tudo era umidade e trevas.

Não gostava de sentar no chão de pedras, mas não havia outro lugar; antigamente, me lembrei, havia cadeiras e talvez até uma mesinha, mas agora não existiam mais, tinham sido levadas embora ou apodrecido. Sentei no chão e na minha cabeça coloquei todos eles nos lugares corretos, no círculo ao redor da mesa de jantar. Nosso pai se sentava à cabeceira. Nossa mãe na outra ponta. Tio Julian se sentava do lado da nossa mãe, e nosso irmão Thomas ficava do outro lado; ao lado do meu pai se acomodavam tia Dorothy e Constance. Eu me sentava entre Constance e tio Julian, no lugar à mesa que me era de direito, que cabia só a mim. Aos poucos comecei a ouvi-los conversando.

"… para comprar um livro para Mary Katherine. Lucy, Mary Katherine não devia ganhar um livro novo?"

"Mary Katherine devia ter tudo o que desejasse, meu querido. Nossa filha mais amada tem que ter tudo o que quiser."

“Constance, a sua irmã precisa da
manteiga. Passa logo pra ela, por favor.”
“Mary Katherine, nós te amamos.”
“Você não deve nunca ser castigada. Lucy,
você tem que garantir que Mary Katherine
nossa filha mais amada jamais seja
castigada.”
“Mary Katherine nunca se permitiria fazer
nada de errado; não existe nenhuma
necessidade de deixá-la de castigo.”
“Ouvi
falar,
Lucy,
que
crianças
desobedientes são mandadas para a cama
sem jantar como forma de castigo. Não se
deve permitir uma coisa dessas com a nossa Mary Katherine.”
“Concordo plenamente, meu querido.
Mary Katherine não deve ser castigada
nunca. Não deve nunca ser mandada para a

cama sem jantar. Mary Katherine jamais vai fazer alguma coisa que mereça castigo.”

“Nossa amada, nossa queridíssima Mary Katherine tem que ser protegida e tratada com carinho. Thomas, dê o seu jantar à sua irmã; ela quer comer mais.”

“Dorothy... Julian. Levantem-se quando a nossa amada filha se levantar.”

“Curvem-se todos diante de nossa adorada Mary Katherine.”

8

Precisava voltar para o jantar; era essencial que me sentasse à mesa de jantar com Constance e tio Julian e Charles. Era inimaginável que se sentassem, comessem o jantar e conversassem e passassem as travessas de um para o outro e vissem meu lugar vazio. Quando Jonas e eu percorremos a trilha e atravessamos o jardim na escuridão que se acumulava, olhei para a casa com toda a abundância de amor que

continha em mim; era uma casa boa, e em

breve estaria limpa e desanuviada de novo.

Parei um instante, observando, e Jonas

roçou minha perna e falou baixinho, em tom

de curiosidade.

“Estou olhando a nossa casa”, expliquei, e

ele ficou parado ao meu lado, olhando

comigo. O telhado se projetava firmemente

contra o céu, e as paredes se encontravam de

forma compacta, e as janelas brilhavam de

uma maneira sombria; era uma casa boa e

quase limpa. A luz vinha da janela da

cozinha e das janelas da sala de jantar; estava

na hora do jantar deles, e eu precisava

chegar. Queria estar dentro de casa, com a

porta bem fechada.

Quando abri a porta da cozinha para

entrar, senti logo que a casa ainda abrigava raiva, e me admirei por alguém conseguir

manter uma emoção por tanto tempo; da cozinha, ouvia sua voz com nitidez, falando

sem parar.

“… precisa dar um fim nela”, ele dizia, “as coisas não podem continuar desse jeito.”

Pobre Constance, pensei, tendo de escutar e escutar e ver a comida esfriar. Jonas se adiantou e entrou na sala de jantar antes de mim, e Constance disse, “Aí está ela”.

Parei na porta da sala e observei com atenção por um instante. Constance usava cor-de-rosa e o cabelo estava preso de um jeito bonito; ela sorriu para mim quando olhei para ela, e entendi que estava cansada de escutar. A cadeira de rodas de tio Julian estava bem próxima da mesa, e senti pena ao ver que Constance pusera o guardanapo sob o queixo dele; era uma tristeza que tio Julian não pudesse comer livremente. Ele comia bolo de carne, além da ervilha que Constance guardara em conserva num dia perfumado de verão; Constance cortara o bolo de carne em pedacinhos pequenos e tio Julian amassava o bolo e as ervilhas com a colher e misturava tudo antes de tentar

enfiá-la na boca. Ele não escutava, mas a voz não parava.

“Então quer dizer que você resolveu voltar, não é? E foi bem na hora, mocinha: sua irmã e eu estamos tentando resolver como lhe ensinar uma lição.”

“Vai lavar o rosto, Merricat”, Constance pediu com delicadeza. “E pentear o cabelo; não queremos que você se sente à mesa desarrumada, e seu primo Charles já está zangado com você.”

Charles apontou o garfo para mim.

“Melhor eu te dizer logo, Mary, que suas artimanhas acabaram para sempre. Sua irmã e eu decidimos que já basta de esconderijos e destruições e mau humor.”

Não gostava que me apontassem garfos e não gostava do som da voz nunca cessando; queria que ele botasse comida no garfo e o enfiasse na boca e sufocasse.

“Vai logo, Merricat”, disse Constance, “seu

jantar vai esfriar.” Ela sabia que eu não

jantaria sentada à mesa e que mais tarde

serviria meu jantar na cozinha, mas achei

que ela não queria que Charles se lembrasse

disso e tivesse mais sobre o que reclamar.

Sorri para ela e fui para o corredor, a voz ainda falando às minhas costas. Fazia muito

tempo que tamanha quantidade de palavras

não era enunciada na nossa casa, e demoraria para que todas fossem limpas.

Pisei forte ao subir a escada para que

ouvissem que sem dúvida eu estava subindo,

mas quando cheguei ao patamar meus

passos se tornaram tão suaves quanto os de

Jonas, que estava atrás de mim.

Constance tinha limpado o quarto onde

ele estava vivendo. Parecia bem vazio

porque ela só fizera tirar as coisas; ela não tinha nada para pôr de volta porque eu tinha

carregado tudo para o sótão. Sabia que as

gavetas da cômoda estavam vazias, e o

guarda-roupa, e as estantes de livros. Não

havia espelho, e um relógio quebrado e uma

corrente amassada jaziam sozinhos em cima da cômoda. Constance tinha tirado a roupa de cama molhada, e eu imaginava que ela tivesse secado e virado o colchão porque a cama tinha sido forrada novamente. As cortinas compridas sumiram, talvez para serem lavadas. Ele estivera deitado na cama, pois estava desarrumada, e o cachimbo, ainda queimando, estava na mesa ao lado da cama; supus que estivesse deitado ali quando Constance o chamou para jantar, e me perguntei se ele teria percorrido com os olhos o quarto alterado de novo e de novo, tentando achar algum objeto familiar, na esperança de que talvez o ângulo da porta do guarda-roupa ou da lâmpada no teto lhe trouxesse tudo de volta. Fiquei sentida porque Constance teve de virar o colchão sozinha; em geral eu ajudava, mas talvez ele tivesse aparecido e se oferecido para virá-lo por ela. Ela tinha até levado um pires limpo

para o cachimbo dele; nossa casa não tinha cinzeiros, e quando ele estava tentando

achar lugares onde deixar o cachimbo

Constance pegou um par de pires lascados

na prateleira da despensa e os ofereceu para

que ele apoiasse o cachimbo. Os pires eram

cor-de-rosa com folhas douradas na borda:

eram do jogo mais antigo de que eu me

lembrava.

“Quem usava?”, perguntei a Constance

quando ela os levou para a cozinha. “Onde

estão as xícaras deles?”

“Nunca os vi em uso; são de antes de eu vir

para a cozinha. Uma bisavó comprou com o

dote e eles foram usados e quebrados e

substituídos e acabaram guardados na

prateleira mais alta da despensa; tem só esses

pires e três pratos de jantar.”

“Eles têm de ficar na despensa”, reclamei.

“Não circulando pela casa.”

Constance os dera a Charles e agora

estavam espalhados, em vez de passarem

seus tempinhos guardados decentemente

numa prateleira. Um estava na sala de visitas

e outro na sala de jantar e um, cogitei, no escritório. Não eram frágeis, pois o que

estava no quarto agora não tinha rachado

apesar de o cachimbo sobre ele estar aceso.

Soube o dia inteiro que acharia algo ali;

arrastei o pires e o cachimbo da mesa para a

cesta de lixo e eles caíram suavemente em

cima dos jornais que ele havia trazido para

casa.

Estava refletindo sobre meus olhos; um

dos meus olhos — o esquerdo — via tudo

dourado e amarelo e laranja, e o outro olho

via tons de azul e cinza e verde; vai ver que um olho era para a luz do dia e o outro era

para a noite. Se todas as pessoas do mundo

enxergavam cores diferentes a partir de

olhos diferentes talvez ainda houvesse

inúmeras cores novas a serem inventadas. Eu

tinha ido até a escada para descer antes de lembrar e ter de voltar para lavar e pentear o

cabelo. “Por que você demorou tanto?”, ele questionou quando me sentei à mesa. “O que andou fazendo lá em cima?”

“Você faz um bolo pra mim com glacê rosa?”, pedi a Constance. “Com folhas douradas nas bordas? O Jonas e eu vamos dar uma festa.”

“Talvez amanhã”, disse Constance.

“Nós vamos ter uma longa conversa depois do jantar”, anunciou Charles.

“Solanum dulcamara”, eu disse para ele.

“O quê?”, ele disse.

“Doce-amarga”, explicou Constance.

“Charles, por favor, deixa isso para depois.”

“Para mim, chega”, ele declarou.

“Constance?”

“Pois não, tio Julian?”

“Limpei o meu prato.” Tio Julian achou uma migalha de bolo de carne no

guardanapo e a enfiou na boca. “O que eu

tenho agora?”

“Quem sabe um pouco mais, tio Julian? É

um prazer ver você com tanto apetite.”

“Eu me sinto bem melhor hoje. Não me

sentia tão disposto há dias.”

Fiquei contente por tio Julian estar bem e

sabia que ele estava feliz por ter sido tão indelicado

com

Charles.

Enquanto

Constance cortava outra fatia pequena de bolo de carne, tio Julian olhava para Charles

com um brilho maligno nos velhos olhos, e

percebi que ia fazer um comentário ferino.

“Rapazinho”, ele por fim começou, mas

Charles de repente virou a cabeça para olhar

o corredor.

“Estou sentindo cheiro de queimado”,

disse Charles.

Constance parou e ergueu a cabeça e se

virou para a porta da cozinha. “É o fogão?”,

ela disse e se levantou rápido para ir à

cozinha.

“Rapazinho…”

“Sem

dúvida

tem

alguma

coisa

queimando.” Charles foi olhar no corredor.

“Dá para sentir daqui”, ele anunciou. Me

perguntei para quem ele achava que estava

falando: Constance estava na cozinha e tio Julian pensava no que iria dizer, e eu havia deixado de escutar. “Está com cheiro de

queimado”, disse Charles.

“Não é o fogão.” Constance ficou na porta

da cozinha e olhou para Charles.

Charles se virou e se aproximou de mim.

“Se foi alguma coisa que você fez…”, ele

disse.

Eu ri porque estava claro que Charles

tinha medo de subir e seguir a fumaça; então Constance disse, “Charles… o seu cachimbo…” e ele virou e correu escada acima. “Eu pedi tanto a ele”, Constance declarou.

“Será que daria início a um incêndio?”, perguntei a ela, e então Charles berrou lá de cima, berrou, pelo que ouvi, com o som exato de um gaio-azul no bosque. “É o Charles”, eu disse educadamente a Constance, e ela correu até o corredor e olhou para cima. “Era isso?”, indagou, “Charles, era isso?”

“Fogo”, Charles anunciou, tropeçando escada abaixo, “Corre, corre: a porcaria da casa está pegando fogo”, ele gritou na cara de Constance, “e você não tem telefone.”

“Meus papéis”, disse tio Julian. “Tenho que juntar meus papéis e levar para um lugar seguro.” Ele se impeliu contra a beirada da mesa para afastar a cadeira. “Constance?”

“Corre”, mandou Charles, agora na porta

da frente, brigando com a tranca, “corre, idiota.”

“Não tenho corrido muito nos últimos anos, rapazinho. Não vejo motivo para essa histeria; dá tempo de eu juntar meus papéis.”

Agora Charles segurava a porta aberta e se virou no umbral para chamar Constance.

“Não tente carregar o cofre”, ele disse, “põe o dinheiro num saco. Eu volto assim que conseguir socorro. Não entra em pânico.”

Ele correu, e o ouvíamos gritar, “Fogo! Fogo! Fogo!” ao correr em direção ao vilarejo.

“Santo Deus”, exclamou Constance, quase achando graça. Em seguida, segurou a cadeira de tio Julian para ajudá-lo a ir para o quarto, e eu entrei no meu quarto e olhei para o segundo andar. Charles deixara a porta do quarto de nosso pai aberta, e eu vi o movimento do fogo lá dentro. O fogo arde para cima, pensei; vai queimar as coisas deles

no sótão. Charles também deixou a porta da

frente aberta, e um fio de fumaça descia a escada e avançava lá para fora. Não via a

menor necessidade de agir com rapidez ou

correr aos berros pela casa porque o fogo

não parecia se apressar. Me perguntava se

poderia subir a escada e fechar a porta do

quarto de nosso pai e manter o fogo lá

dentro, integralmente pertencente a Charles,

mas quando comecei a subir os degraus vi

um dedo de chama se esticar para tocar o

tapete do corredor e um objeto pesado se

espatifou no quarto de nosso pai. Agora não

haveria nada de Charles ali; até o cachimbo

devia ter sido consumido.

“Tio Julian está juntando a papelada”,

Constance explicou, entrando no corredor

para ficar ao meu lado. Estava com o xale de

tio Julian no braço.

“A gente vai ter de sair”, constatei. Sabia que ela estava assustada, então disse, “A

gente pode ficar na varanda, atrás das

videiras, na escuridão”.

“Nós tínhamos arrumado tudo outro dia

mesmo”, ela disse. “Não tem o direito de

pegar fogo.” Ela começou a tremer como se

estivesse zangada, e eu segurei sua mão e a conduzi pela porta da frente e assim que

viramos para trás para mais uma olhada as

luzes surgiram na rampa de carros com o

barulho repulsivo das sirenes e fomos

detidas na soleira da porta, sob a luz.

Constance encostou o rosto em mim para se

esconder, e então apareceu Jim Donell, o

primeiro a saltar do caminhão de bombeiros

e subir a escada correndo. “Saiam do

caminho”, ele ordenou, e nos empurrou e

entrou na nossa casa. Guiei Constance pela varanda, rumo ao canto onde as videiras

cresciam em abundância, e ela se dirigiu ao

cantinho e se apertou contra as videiras.

Segurei sua mão com força, e juntas

assistimos à numerosa infantaria de homens

atravessando o umbral de nossa porta,

arrastando as mangueiras, levando sujeira e confusão e perigo para dentro de nossa casa. Mais luzes surgiram na rampa e subiram os degraus, e a frente da casa ficou branca e pálida e desconfortável por estar tão claramente visível; nunca havia sido iluminada. O barulho era demais para eu ouvi-lo todo ao mesmo tempo, mas em algum lugar do barulho estava presente a voz de Charles, ainda incessante. “Pega o cofre no escritório”, ele repetia milhares de vezes.

A fumaça se espremia porta afora, passando por entre os homenzarrões que avançavam porta adentro. “Constance”, sussurrei, “Constance, não olha para eles.”

“Eles estão me vendo?”, ela sussurrou de volta. “Tem alguém olhando?”

“Eles estão todos olhando o fogo. Fica bem quietinha.”

Olhei com cuidado por entre as videiras.

Havia uma longa fila de carros e o caminhão

de

bombeiros

do

vilarejo,

todos

estacionados o mais perto possível da casa, e

todo mundo do vilarejo estava ali,

levantando a cabeça e observando. Vi caras

risonhas e caras que pareciam assustadas, e

então alguém bradou, bem pertinho de nós,

“E as moças, e o velho? Alguém viu?”.

“Eles foram avisados várias vezes”, Charles berrou de algum lugar, “eles estão bem.”

Tio Julian manejava a cadeira de rodas

bem o suficiente para sair pela porta dos

fundos, pensei, mas o fogo não parecia se

aproximar da cozinha ou do quarto de tio

Julian; eu via as mangueiras e ouvia os

homens gritarem, e estavam todos na escada

e nos quartos do segundo andar com vista

para a frente da casa. Eu não poderia cruzar

a porta da frente, e mesmo se pudesse largar

Constance ali não teria como dar a volta até

a porta dos fundos sem descer os degraus

sob a luz, com todos assistindo. “Tio Julian

ficou

assustado?”,

murmurei

para

Constance.

“Acho que ele ficou irritado”, ela disse.

Poucos minutos depois continuou, “A gente

vai ter que esfregar um bocado para o hall ficar limpo outra vez”, e suspirou. Fiquei

satisfeita porque ela pensava na casa e se

esquecia das pessoas ali fora.

“E o Jonas?”, disse a ela; “cadê ele?”

Percebi que ela dava um leve sorriso na

escuridão das videiras. “Ele também ficou

irritado”, ela disse. “Saiu pela porta dos

fundos quando eu levei o tio Julian para

dentro para ele pegar os papéis.”

Estávamos bem. Tio Julian era bem capaz de esquecer que havia um incêndio caso se interessasse pela papelada, e praticamente não havia dúvida de que Jonas assistia sob as sombras das árvores. Quando terminassem de apagar o incêndio de Charles eu levaria Constance de volta para dentro e poderíamos começar a limpar a casa de novo. Constance estava mais sossegada, embora houvesse um número cada vez maior de carros subindo a rampa e o tamborilar interminável de pés indo e voltando do umbral de nossa porta. Tirando Jim Donell, que usava um capacete que o proclamava “Chefe”, era impossível identificar qualquer outra pessoa, assim como não era possível ligar um nome a nenhuma das caras diante de nossa casa,

olhando para cima e rindo do incêndio.

Tentei pensar com clareza. A casa pegava

fogo; havia fogo dentro de nossa casa, mas

Jim Donell e os outros homens, anônimos,

de capacete e capas de chuva curiosamente

tinham capacidade de destruir o fogo que

percorria os ossos de nossa casa. Era o

incêndio de Charles. Quando ficava atenta

especialmente ao fogo eu conseguia ouvi-lo, um ruído quente cantarolado lá em cima,

mas acima e em torno dele, extinguindo-o,

havia as vozes dos homens lá dentro e as

vozes das pessoas assistindo de fora e o

barulho distante de carros na rampa. Ao

meu lado, Constance estava quieta, às vezes

olhando para os homens que entravam na

casa, mas de modo geral tampando os olhos

com as mãos; estava agitada, pensei, mas não

corria nenhum risco. Vez por outra dava

para ouvir uma voz se sobrepor as outras;

Jim Donell berrava uma instrução ou

alguém na multidão bradava. “Por que não deixar queimar?”, uma voz feminina disse bem alto, aos risos; e “Pega o cofre no escritório do primeiro andar”, era Charles, a salvo entre o povo da frente.

“Por que não deixar queimar?”, a mulher insistia em gritar, e um dos homens misteriosos que entrava e saía pela nossa porta da frente se virou e acenou e abriu um sorriso. “Nós somos os bombeiros”, ele justificou, “nós temos que apagar.”

“Deixa queimar”, a mulher gritou.

A fumaça estava em todo lugar, densa e feia. Às vezes, quando eu olhava, os rostos das pessoas eram turvados pela fumaça, e ela vinha da porta da frente em assustadoras ondas. Uma hora aconteceu um colapso dentro da casa e as vozes falavam rápido e com urgência, e os rostos ali fora se revelavam felizes na fumaça, as bocas abertas. “Pega o cofre”, Charles gritava em desespero, “uns dois ou três de vocês têm

que ir pegar o cofre no escritório; a casa inteira vai explodir.”

“Deixa queimar”, a mulher gritou.

Estava com fome e queria meu jantar, e me perguntava quanto tempo poderiam fazer o incêndio durar antes de apagá-lo e irem embora e Constance e eu podermos voltar lá para dentro. Um ou dois dos meninos do vilarejo margeava a varanda, perigosamente próximo de onde estávamos, mas olhava apenas para dentro, não para a varanda, e tentava ficar na ponta dos pés e ver além dos bombeiros e das mangueiras. Estava cansada e queria que aquilo tudo acabasse. Percebi então que a luz diminuía, os rostos no gramado estavam menos nítidos, e um novo tom se apossava do barulho; as vozes lá dentro pareciam mais firmes, menos ríspidas, quase satisfeitas, e as vozes de fora estavam mais baixas, e decepcionadas.

“Está se apagando”, alguém disse.

“Sob controle”, outra voz acrescentou.

“Mas causou muito estrago.” Houve

risadas. “Sem dúvida fez uma bagunça nessa

casa velha.”

“Devia ter sido destruída pelo fogo anos

atrás.”

“E com elas dentro.”

Referem-se a nós, pensei, a Constance e a

mim.

“Então... alguém viu elas?”

“Não demos essa sorte. Os bombeiros

botaram elas para fora.”

“Que pena.”

A luz estava quase apagada. As pessoas ao

ar livre agora estavam à sombra, os rostos

estreitos e escuros, com apenas os faróis dos

carros a iluminá-los; vi o lampejo de um sorriso, e em outro ponto uma mão

levantada para acenar, e as vozes

continuaram a lamentar.

“Está quase acabado.”

“Belo incêndio.”

Jim Donell saiu pela porta da frente.

Todos o reconheciam por causa do

tamanho e do capacete que dizia CHEFE.

“Diga lá, Jim”, alguém berrou, “por que você

não deixou queimar?”

Ele ergueu as mãos para calar todo

mundo. “O incêndio acabou, pessoal”,

anunciou.

Com muito cuidado, ele levantou os

braços e tirou o capacete que dizia CHEFE e,

com todos observando, caminhou devagar

pelos degraus e foi ao caminhão de

bombeiros e pôs o capacete no banco da frente. Em seguida se curvou, procurando

atentamente, e por fim, com todos

observando, pegou uma pedra. Em silêncio

absoluto ele virou lentamente e então

levantou o braço e lançou a pedra contra

uma das janelas grandes da sala de visitas de

nossa mãe. Um muro de gargalhadas surgiu

e cresceu atrás dele e então, primeiro os

garotos nos degraus e depois os outros
homens e por fim as mulheres e as crianças
pequenas, se moveram como uma onda em
direção à nossa casa.
“Constance”, chamei, “Constance”, mas ela
tampava os olhos com as mãos.
A outra janela da sala de visitas se
estilhaçou, desta vez de dentro para fora, e vi
que foi destruída pela luminária que sempre
ficava ao lado da cadeira de Constance na sala de visitas.
Sobrepondo-se a tudo isso, o mais
horrível, estava a gargalhada. Vi uma das
estatuetas de Dresden ser atirada e se
quebrar no parapeito da varanda, e outra
caiu e não se quebrou e rolou pelo gramado.
Escutei a harpa de Constance ser derrubada
com um lamento musical, e o som do que eu
sabia se tratar de uma cadeira sendo
esmagada contra a parede.
“Escutem”, Charles disse de algum lugar,
“será que alguns de vocês não podem me

ajudar com este cofre?”

Logo depois, em meio aos risos, alguém

começou, “Merricat, disse Constance, você

não quer uma xícara de chá?”. Era ritmada e

persistente. Sou a lua, pensei, por favor me

deixe ser a lua. Então escutei o barulho dos pratos se quebrando e naquele instante me

dei conta de que estávamos diante das

janelas grandes da sala de jantar e eles

estavam chegando bem perto.

“Constance”, eu disse, “a gente tem que

fugir.”

Ela fez que não, o rosto coberto pelas

mãos.

“Daqui a pouquinho eles acham a gente.

Por favor, Constance querida; foge comigo.”

“Não posso”, ela disse, e logo ali ao nosso

lado, da janela da sala de jantar, um berro emergiu, “Merricat, disse Constance, você

não quer ir dormir?”, e puxei Constance um

segundo antes de a janela se quebrar;

imaginei que tivessem atirado uma cadeira

nela, talvez a cadeira da sala de jantar onde nosso pai se sentava e Charles se sentava.

“Corre”, eu disse, incapaz de ficar quieta no meio de toda aquela barulheira, e puxando Constance pela mão eu avancei rumo aos degraus. Quando ficamos sob a luz ela jogou o xale de tio Julian no rosto para escondê-lo.

Uma menininha saiu pela porta da frente carregando alguma coisa, e a mãe, logo atrás, segurou-a pela parte de trás do vestido e deu tapas em suas mãos. “Não enfia esse troço na boca”, a mãe berrou, e a menininha largou um punhado dos biscoitos condimentados de Constance.

“Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?”

“Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?”

“Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar.”

Tínhamos de descer os degraus e entrar

no bosque para ficarmos seguras; não era
longe, mas os faróis dos carros iluminavam
o gramado. Eu me perguntava se Constance
escorregaria e cairia ao correr em meio à luz,
mas precisávamos chegar ao bosque e não
havia outro jeito. Hesitamos perto da
escada, nenhuma de nós ousando ir em
frente, mas as janelas estavam sendo
quebradas e lá dentro atiravam nossos
pratos e nossos copos e nossa prataria e até
as panelas que Constance usava para
cozinhar; eu me perguntava se meu
banquinho no canto da cozinha já teria sido
destruído.
Enquanto
permanecíamos
imóveis por mais um minuto, um carro
subia a rampa e mais outro vinha atrás; pararam diante da casa, jogando mais luz
sobre o gramado. “Mas que diabo, o que é
que está acontecendo aqui?”, exclamou Jim
Clarke, saltando do primeiro carro, e Helen

Clarke, do outro lado, abriu a boca e ficou encarando tudo. Gritando e empurrando, e sem nos ver, Jim Clarke cruzou a nossa porta e entrou na nossa casa, “Mas que diabo dos infernos, o que é que está acontecendo aqui?”, ele não parava de repetir, e do lado de fora Helen Clarke não nos viu, apenas ficou olhando fixamente para nossa casa. “Seus malucos”, Jim Clarke berrou lá dentro, “seu bando de malucos bêbados.” O dr. Levy saiu do segundo carro e avançou em direção à casa. “Será que todo mundo aqui enlouqueceu?”, Jim Clarke dizia lá dentro, e houve um surto de gargalhadas. “Você não quer uma xícara de chá?”, alguém gritou lá dentro, e eles riram. “Tem que derrubar tijolo por tijolo”, alguém disse.

O médico subiu a escadinha correndo e nos empurrou para o lado sem olhar. “Onde está Julian Blackwood?”, perguntou a uma mulher junto à porta, e a mulher respondeu,

“Está lá no cemitério, com a terra a engolir”.

Estava na hora; segurei firme na mão de

Constance e descemos os degraus com

cuidado. Ainda não correria porque temia

que Constance caísse, assim eu a levei

devagar escadinha abaixo; ninguém podia

nos ver além de Helen Clarke, e ela estava

contemplando a casa. Às nossas costas,

ouvia Jim Clarke gritar; ele tentava fazer as

pessoas saírem da nossa casa, e antes de

chegarmos ao último degrau, escutamos vozes atrás de nós.

“Aí estão elas”, alguém bradou, e acho que

foi Stella. “Aí estão elas, aí estão elas, aí estão elas”, e eu comecei a correr, mas Constance

tropeçou e eles nos cercaram por todos os

lados, empurrando e gargalhando e

tentando se aproximar para ver. Constance

tampava o rosto com o xale de tio Julian

para que não pudessem vê-la, e por um

instante ficamos imóveis, presas pela

sensação das pessoas ao nosso redor.

“Ponham elas de volta dentro de casa e recomecem o incêndio.”

“Nós arrumamos tudo direitinho para vocês, meninas, como vocês sempre quiseram.”

“Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?”

Durante um minuto terrível pensei que iriam juntar as mãos e dançar em volta de nós, cantando. Vi Helen Clarke ao longe, espremida contra a lateral do carro; ela chorava e dizia algo e embora não desse para escutá-la em meio ao barulho sabia que estava dizendo, “Eu quero ir para casa, por favor, quero ir para casa”.

“Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?”

Tentavam não encostar em nós; sempre que me virava eles recuavam um pouco; uma vez, por entre dois ombros, vi Harler do ferro-velho perambulando na varanda de

nossa casa, catando coisas e colocando-as de

lado numa pilha. Eu me mexi um pouco,

segurando firme a mão de Constance, e

quando recuaram nós saímos correndo de repente, em direção às árvores, mas a esposa

de Jim Donell e a sra. Mueller se postaram

diante de nós, rindo e esticando os braços,

então paramos. Eu me virei e dei um puxão

em Constance, e corremos, mas Stella e os

meninos da família Harris passaram na

nossa frente, gargalhando, e os meninos

Harris berrando, “Lá no cemitério, com a

terra a engolir”, e paramos. Depois me virei

em direção à casa, correndo de novo e

puxando Constance atrás de mim, e Elbert o

comerciante e sua esposa gananciosa

estavam lá, esticando os braços para nos

deter, quase dançando juntos, e paramos.

Então fui para o lado, e Jim Donell parou à

nossa frente, e paramos.

“Ah não, disse Merricat, você vai me

envenenar”, Jim Donell disse polidamente, e eles nos rodearam de novo, fazendo um

círculo e tomando o cuidado de se

manterem fora do nosso alcance. “Merricat,

disse Constance, você não quer ir dormir?”

Acima de tudo havia a gargalhada,

praticamente abafando o canto e os gritos e

os uivos dos meninos da família Harris.

“Merricat, disse Constance, você não quer

uma xícara de chá?”

Constance se segurava em mim com uma

das mãos e com a outra tampava o rosto

com o xale de tio Julian. Percebi uma

abertura no círculo ao nosso redor e de

novo corri em direção às árvores, mas todos

os meninos Harris estavam lá, um no chão

de tanto gargalhar, e paramos. Tornei a me

virar e corri para a casa, mas Stella se

adiantou, e paramos. Constance se atrapalhava e eu me perguntava se cairíamos

no chão na frente deles, ficaríamos deitadas

ali onde poderiam nos pisotear com suas

danças, e fiquei imóvel: não tinha como

deixar que Constance caísse na frente deles.

“Agora chega”, Jim Clarke disse da

varanda. Sua voz não era alta, mas todos

escutaram. “Já basta”, ele disse. Houve um

breve silêncio respeitoso, e então alguém

disse, “Lá no cemitério, com a terra a

engolir”, e a gargalhada se ergueu.

“Escutem o que vou dizer”, pediu Jim

Clarke, levantando a voz, “escutem o que

vou dizer. Julian Blackwood morreu.”

Então enfim fizeram silêncio. Após um

instante Charles Blackwood disse do meio

da multidão ao nosso redor: “Ela matou

ele?”. Eles se afastaram de nós, dando passos pequenos e lentos, recuando, até haver um

amplo espaço vazio à nossa volta e

Constance nitidamente tapando o rosto

com o xale de tio Julian. “Ela matou ele?”, Charles Blackwood tornou a perguntar.

“Ela não matou”, disse o médico, parado

na soleira da porta de nossa casa. “Julian

morreu como eu sempre soube que morreria; fazia muito tempo que ele vinha esperando.”

“Agora vão embora em silêncio”, Jim Clarke disse. Começou a pegar as pessoas pelos ombros, empurrando-as de leve pelas costas, virando-as para seus carros e a rampa. “Vão logo”, ele pediu, “Houve uma morte nesta casa.”

O silêncio era tamanho, apesar das muitas pessoas andando pelo gramado e se retirando, que ouvi Helen Clarke lamentar, “Coitado do Julian”.

Dei um passo cauteloso rumo à escuridão, puxando Constance um pouquinho para que me seguisse. “Coração”, o médico afirmou da varanda, e eu subi mais um degrau. Ninguém se virou para nos olhar. Portas de carros bateram suavemente e motores foram ligados. Olhei para trás uma vez. Um grupinho estava parado em torno do médico na escadinha. A maioria das luzes

se voltava para outra direção, descendo a rampa de carros. Quando sentia as sombras das árvores incidirem sobre nós, fui rápida; mais um passo e entramos. Puxando Constance, me precipitei embaixo das árvores, na escuridão; ao sentir meus pés deixarem a grama da entrada e tocarem o macio solo musguento da trilha que atravessava o bosque e ao me dar conta de que as árvores nos cercavam, eu estanquei e pus os braços ao redor de Constance.

“Acabou tudo”, anunciei, e a apertei com força. “Está tudo bem”, eu disse, “agora está tudo bem.”

Conhecia o caminho nas trevas ou na luz. Teve um momento em que pensei que bom foi ter arrumado meu esconderijo e o renovado, pois agora seria aprazível para Constance. Eu a cobriria de folhas, como as crianças de uma história, e a manteria em segurança e quentinha. Talvez cantasse para ela e lhe contasse histórias; lhe traria frutas

coloridas e amoras e água em um copo de

folha. Um dia iríamos à lua. Achei a entrada

do meu esconderijo e conduzi Constance até lá e a levei ao canto onde havia uma pilha

nova de folhas e um cobertor. Empurrei-a

com delicadeza até ela se sentar e tirei o xale

de tio Julian da mão dela e a cobri com ele.

Um ronronado baixinho veio do canto e

entendi que Jonas ficara me esperando ali.

Pus galhos na entrada; mesmo se viessem

com luzes não nos veriam. Não era uma

escuridão total; conseguia enxergar a

sombra que era Constance, e quando

encostei a cabeça vi duas ou três estrelas,

brilhando ao longe entre as folhas e os

galhos e sobre a minha cabeça.

Uma das estatuetas de Dresden de nossa

mãe se quebrou, pensei, e falei em voz alta para Constance, “Vou pôr morte na comida

deles todos e ver eles morrendo”.

Constance se agitou, e as folhas farfalharam. “Que nem você fez antes?”, ela

indagou.

Nós duas nunca tínhamos falado do

assunto, nem sequer uma vez em seis anos.

“Isso”, respondi após um instante, “que

nem eu fiz antes.”

9

Em algum momento durante a noite

uma ambulância surgiu e levou tio

Julian embora, e me perguntei se

teriam sentido falta de seu xale, enrolado em

volta de Constance enquanto ela dormia. Vi

as luzes da ambulância se virando na rampa

de carros, com a luzinha vermelha no alto, e

escutei os ruídos distantes da partida de tio

Julian, as vozes falando com suavidade

devido à presença do morto, e as portas se

abrindo e fechando. Nos chamaram duas ou

três vezes, talvez para perguntar se poderiam levar tio Julian, mas suas vozes eram brandas

e ninguém entrou no bosque. Sentei à

margem do riacho, desejando ter sido mais

gentil com tio Julian. Ele acreditara que eu estava morta, e agora era ele quem estava

morto; curvem-se diante de nossa adorada
Mary Katherine, pensei, ou morrerão.
A água corria com sonolência na
escuridão e eu me perguntava que tipo de
casa teríamos agora. Talvez o fogo tivesse
destruído tudo e voltássemos no dia
seguinte e descobríssemos que os últimos
seis anos haviam sido queimados e eles nos
aguardavam, sentados em torno da mesa da
sala de jantar esperando Constance lhes
servir o jantar. Talvez nos pegássemos na
casa Rochester, ou morando no vilarejo ou
em um barco no rio ou na torre no alto de um morro; talvez o fogo pudesse ser
convencido a se reverter e abandonar nossa
casa e em vez disso destruir o vilarejo; talvez
agora os moradores estivessem todos
mortos. Talvez o vilarejo fosse na verdade
um grande jogo de tabuleiro, com os
quadradinhos bem demarcados, e eu tivesse
conseguido passar a casa em que estava
escrito “Incêndio; volte ao Começo”, e agora

estivesse nos últimos espaços, faltando só

mais uma rodada para chegar em casa.

A pelugem de Jonas cheirava a queimado.

Hoje era o dia de Helen Clarke vir para o

chá, mas hoje não haveria chá, pois teríamos

de arrumar a casa, embora não fosse o dia

normal de arrumação da casa. Queria que

Constance tivesse preparado sanduíches

para levarmos ao riacho, e me perguntava se Helen Clarke tentaria vir para o chá apesar

da casa não estar pronta. Resolvi que dali em

diante eu não teria permissão para entregar

xícaras de chá.

Quando começou a clarear ouvi

Constance se mexer nas folhas e fui para o

meu esconderijo para estar perto dela

quando acordasse. Quando abriu os olhos,

olhou primeiro as árvores sobre sua cabeça e

depois para mim, e sorriu.

“Finalmente estamos na lua”, informei a

ela, e ela sorriu.

“Achei que tinha sonhado com aquilo

tudo”, ela disse.

“Aconteceu de verdade”, respondi.

“Coitado do tio Julian.”

“Eles vieram de noite e o levaram embora,

e nós ficamos aqui na lua.”

“Fico contente de estar aqui”, ela disse.

“Obrigada por ter me trazido.”

Havia folhas em seu cabelo e terra no

rosto, e Jonas, que me seguira até o

esconderijo, a encarava, surpreso; nunca

tinha visto Constance de rosto sujo. Por um

instante ela ficou em silêncio, sem mais

sorrir, retribuindo o olhar de Jonas, se

dando conta de que estava suja, e então ela disse, “Merricat, o que é que a gente vai

fazer?”.

“Primeiro a gente tem que arrumar a casa,

apesar de não ser o dia certo.”

“A casa”, ela disse. “Ah, Merricat.”

“Não jantei ontem à noite”, eu lhe disse.

“Ah, Merricat.” Ela se recostou e se desvencilhou logo do xale de tio Julian e das folhas; “Ah, Merricat, pobrezinha”, ela exclamou. “Vamos correndo”, e ela se esforçou para se levantar.

“Primeiro é melhor você lavar o rosto.”

Ela foi ao riacho e molhou o lenço e esfregou o rosto enquanto eu balançava o xale de tio Julian e o dobrava pensando em como tudo estava esquisito e do avesso esta manhã; nunca tinha tocado no xale de tio Julian. Já percebia que as regras seriam diferentes, mas era estranho dobrar o xale de tio Julian. Mais tarde, pensei, eu voltaria ali ao meu esconderijo e o limparia, e poria folhas novas.

“Merricat, você vai morrer de fome.”

“Temos que ficar de olho”, expliquei, segurando a mão dela para desacelerá-la. “A gente tem que ir sem fazer barulho e com muito cuidado; pode ser que alguns deles ainda estejam por aí, esperando.”

Entrei na trilha primeiro, caminhando em

silêncio, com Constance e Jonas atrás de mim. Constance não pisava com a suavidade que eu conseguia ter, mas fez pouquíssimo barulho e é claro que Jonas não fez ruído nenhum. Tomei o rumo que dava do bosque até os fundos da casa, perto da horta, e quando cheguei aos limites do bosque parei e detive Constance enquanto olhávamos com atenção se ainda havia alguém por perto. Em um primeiro instante vimos apenas a horta e a porta da cozinha, exatamente como antes, e então Constance perdeu o fôlego e disse, “Ah, Merricat”, com um gemidinho, e eu fiquei perfeitamente imóvel, pois a parte de cima de nossa casa havia sumido.

Lembrei que tinha ficado parada olhando nossa casa com amor na véspera, e pensado em como sempre tinha sido tão alta, alcançando as árvores. Hoje a casa terminava na soleira da porta da cozinha em um

pesadelo de madeira negra e retorcida; vi

parte da moldura de uma janela ainda

amparando a vidraça quebrada e pensei: essa

era a minha janela; eu olhava por essa janela

quando estava no meu quarto.

Não havia ninguém ali, e nenhum barulho.

Caminhamos juntas bem devagar em

direção à casa, tentando entender sua feiura

e ruína e vergonha. Percebi que as cinzas

tinham caído entre as plantas da horta; a

alface teria de ser lavada para que eu pudesse

comê-la, além dos tomates. O fogo não fora

para aquele lado, mas tudo, a grama e as macieiras e o banco de mármore no jardim

de Constance, tinha um ar fumegante e tudo

estava

sujo.

À

medida

que

nos

aproximávamos da casa víamos com mais clareza que o fogo não havia atingido o térreo, mas havia se contentado com os quartos e o sótão. Constance hesitou na porta da cozinha, mas já a abrira milhares de vezes antes e sem dúvida ela reconheceria o toque de sua mão, então ela pegou o ferrolho e o levantou. A casa pareceu estremecer quando ela abriu a porta, embora mais uma brisa dificilmente fosse capaz de esfriá-la agora. Constance teve de empurrar a porta para abri-la, mas nenhuma viga queimada despencou, e não houve, como eu meio que imaginei que haveria, uma súbita precipitação do todo, como se a casa, aparentemente sólida mas na verdade feita apenas de cinzas, pudesse se dissolver com um toque.

“Minha cozinha”, Constance disse. “Minha cozinha.”

Ela parou na porta, observando. Pensei que de algum modo não tínhamos achado o

caminho certo no meio da noite, que de algum modo tínhamos nos perdido e voltado por meio da brecha errada no tempo, ou a porta errada, ou o conto de fadas errado. Constance pôs a mão no batente da porta para se equilibrar, e repetiu, “Minha cozinha, Merricat”.

“Meu banquinho continua ali”, constatei.

O obstáculo que dificultava a abertura da
porta era a mesa da cozinha, caída de lado.
Endireitei-a e fomos lá para dentro. Duas das cadeiras foram quebradas, e o chão
estava um horror, com pratos e copos
estilhaçados e caixas de comida destruídas e
papéis das prateleiras rasgados. Potes de
geleia e calda e ketchup tinham sido atirados
contra a parede. A pia em que Constance
lavava a louça estava cheia de vidros
quebrados, como se copo atrás de copo
tivesse sido jogado ali metodicamente, um
seguido do outro. Gavetas de prataria e
utensílios de cozinha foram puxados e
quebrados na mesa e nas paredes, e a
prataria que estava na casa havia gerações de
esposas dos Blackwood estava torta e
espalhada pelo chão. Toalhas de mesa e
guardanapos embainhados pelas mulheres
da família Blackwood e lavados e passados
inúmeras vezes, remendados e acarinhados, foram arrancados do aparador da sala de

jantar e arrastados até a cozinha. Parecia que toda a riqueza e os tesouros escondidos de nossa casa haviam sido descobertos e rasgados e maculados; vi pratos quebrados que tinham saído das prateleiras mais altas do armário da cozinha, e nosso açucareiro pequeno com rosas estava praticamente aos meus pés, as asas desaparecidas. Constance se abaixou e pegou uma colher de prata. “É a estampa que foi usada no casamento da nossa avó”, ela disse, e pôs a colher em cima da mesa. Em seguida, falou “As conservas” e se virou rumo ao porão; a porta estava fechada, e eu esperava que talvez não as tivessem visto, ou que talvez não tivessem tido tempo de descer a escada. Constance escolheu bem onde pisar e abriu a porta do porão e olhou para baixo. Pensei nos potes e mais potes tão belamente conservados em montes de cacos grudentos no porão, mas Constance desceu um ou dois degraus e

declarou, “Não, está tudo bem: não tocaram em nada aqui”. Ela fechou a porta e abriu caminho até a pia para lavar as mãos e secá-las num pano de prato pego do chão.

“Primeiro, seu café da manhã”, ela disse.

Jonas se sentou na entrada sob a luz do sol cada vez mais forte, olhando a cozinha com assombro; chegou a levantar os olhos para mim uma vez, e me perguntei se ele achava que Constance e eu tínhamos feito aquela bagunça. Vi uma xícara que não estava quebrada, peguei e coloquei em cima da mesa, e então pensei em procurar mais objetos que poderiam ter escapado. Lembrei que uma das estatuetas de Dresden de nossa mãe havia se salvado ao rolar pelo gramado e me perguntei se tinha se escondido bem e se preservado; eu a procuraria mais tarde.

Nada estava em ordem, nada fora planejado; não era um dia qualquer.

Constance foi ao porão e voltou com os

braços cheios. “Sopa de legumes”, ela disse,
quase cantando, “e geleia de morango, e
canja de galinha, e bife em salmoura.” Ela
arrumou os potes na mesa da cozinha e se
virou devagar, olhando para o chão.
“Pronto”, disse enfim, e foi ao canto para
recolher uma panelinha de molho. Então,
numa sacada repentina, largou a panelinha e
foi à despensa. “Merricat”, ela chamou em
meio a risos, “eles não viram a farinha no
barril. Nem o sal. Nem as batatas.”
Acharam o açúcar, pensei. O assoalho
estava arenoso e praticamente vivo sob meus
pés, e eu pensei é claro; é claro que iriam procurar o açúcar e se divertir à beça; vai ver
que tinham jogado punhados de açúcar uns
nos outros, berrando, “Açúcar Blackwood,
açúcar Blackwood, quer provar?”.
“Eles mexeram nas prateleiras da
despensa”, Constance prosseguiu, “nos
cereais e nos temperos e nos enlatados.”

Caminhei lentamente pela cozinha,

observando

o

chão.

Imaginei

que

provavelmente tivessem derrubado coisas às

braçadas, visto que latas de comida estavam

espalhadas e amassadas como se atiradas ao

ar, e as caixas de cereais e chás e biscoitos amassadas sob os pés e abertas pelos rasgos.

As latas de temperos estavam todas juntas, jogadas em um canto, fechadas; imaginei

ainda sentir o cheiro fraco dos biscoitos

condimentados de Constance e em seguida

vi alguns deles, esmigalhados no chão.

Constance saiu da despensa carregando

um pão. “Olha só o que eles não acharam”,

ela disse, “e tem ovo e leite e manteiga na geladeira.” Como não tinham encontrado a

porta do porão, não tinham encontrado a

geladeira logo ali dentro, e fiquei contente

por não terem descoberto os ovos para misturá-los à bagunça do chão. De uma só vez vi três cadeiras quebradas e as pus no lugar que lhes cabia, em volta da mesa. Jonas estava acomodado no meu canto, no meu banco, nos observando. Tomei canja de galinha em uma xícara sem asa e Constance lavou uma faca para espalhar manteiga no pão. Apesar de não ter notado naquela hora, o tempo e a estrutura sistemática de nossos dias passados haviam terminado; não sei quando achei as três cadeiras e quando comi o pão com manteiga, se achei as cadeiras e depois comi pão ou se comi primeiro ou até se fiz as duas coisas ao mesmo tempo. Constance se virou de repente e largou a faca; se dirigiu à porta fechada do quarto de tio Julian e então deu meia-volta, sorrindo de leve. “Tive a impressão de ouvir ele acordar”, ela disse, e tornou a se sentar.

Ainda não tínhamos saído da cozinha.

Ainda não sabíamos quanto da casa nos

restava ou o que talvez nos aguardasse atrás

das portas da sala de jantar e do corredor.

Ficamos na cozinha, em silêncio, gratas pelas cadeiras e a canja de galinha e o sol que

entrava pela porta, e ainda despreparadas

para ir em frente.

“O que é que eles vão fazer com tio

Julian?”, perguntei.

“Vão fazer um funeral”, Constance

explicou com tristeza. “Você se lembra dos

outros?”

“Eu estava no orfanato.”

“Eles me deixaram ir aos funerais dos

outros. Eu lembro. Vão fazer um funeral

para o tio Julian, e os Clarke vão

comparecer, e os Carrington, e certamente a

pequena sra. Wright. Vão trocar palavras

sobre a tristeza que estão sentindo. Vão

ficar olhando se a gente está lá.”

Eu os senti olhando se a gente estava lá e estremeci.

“Vão enterrá-lo junto com os outros.”

“Eu queria enterrar alguma coisa pelo tio Julian”, declarei.

Constance se calou, observando os dedos inertes e longos sobre a mesa. “O tio Julian morreu, e os outros”, ela concluiu. “Boa parte da nossa família se foi, Merricat; só restou a gente.”

“Jonas.”

“Jonas. Agora a gente vai se trancafiar mais do que nunca.”

“Mas hoje é o dia em que a Helen Clarke aparece para o chá.”

“Não”, ela respondeu. “De novo não. Não aqui.”

Enquanto ficássemos ali quietas na cozinha seria possível adiar a verificação do resto da casa. Os livros da biblioteca continuavam na prateleira, intocados, e eu imaginei que ninguém tivesse sentido

vontade de tocar nos livros que pertenciam à biblioteca; havia multa, afinal de contas, pela destruição de bens da biblioteca.

Constance, que sempre dançava, agora parecia não querer nem se mexer; ficou sentada à mesa da cozinha com as mãos esticadas à sua frente, sem olhar a destruição ao redor, e quase sonhando, como se nunca tivesse acreditado que havia acordado naquela manhã. “Temos que arrumar a casa”, eu lhe disse em tom relutante, e ela me lançou um sorriso.

Quando senti que não poderia mais esperá-la, disse, “Vou dar uma olhada”, e me levantei e fui até a porta da sala de jantar. Ela me observou, imóvel. Ao abrir a porta da sala de jantar senti o odor chocante de umidade e madeira queimada e destruição, e vidro das janelas largas caído no chão e o aparelho de chá de prata derrubado do aparador e transformado em figuras grotescas, irreconhecíveis. As cadeiras

também estavam quebradas; me lembrava de terem pegado as cadeiras e as lançado contra as janelas e paredes. Atravessei a sala de jantar e entrei no hall. A porta da frente estava escancarada, e o sol matutino formava desenhos no chão do hall, encostando nos cacos de vidro e tecidos rasgados; passado um minuto reconheci no pano a cortina da sala de visitas que nossa mãe fizera com quatro metros de comprimento. Não havia ninguém lá fora; fiquei parada diante da porta aberta e vi que o gramado estava marcado por pneus de carros e os pés que haviam dançado, e por onde as mangueiras tinham passado havia poças e lama. A varanda estava imunda, e me lembrei da pilha organizada de móveis parcialmente quebrados que Harler o sucateiro tinha montado na noite anterior. Fiquei pensando se ele planejara vir hoje com uma caminhonete e recolher tudo o que pudesse, ou se tinha feito a pilha apenas porque

adorava enormes pilhas de objetos
quebrados e não resistia a empilhar sucata
sempre que achava. Esperei junto à porta
para ter certeza de que ninguém me
observava e então desci os degraus correndo
rumo ao gramado e achei a estatueta inteira
de Dresden de nossa mãe no lugar onde fora
escondida, nas raízes de um arbusto; pensei em levá-la para Constance.
Ela continuava sentada quietinha à mesa
da cozinha, e quando pus a estatueta de
Dresden à sua frente, ela a contemplou por
um instante e depois a pegou nas mãos e a
apertou contra a bochecha. “Foi tudo culpa
minha”, ela afirmou. “De um jeito ou de
outro foi tudo culpa minha.”
“Eu te amo, Constance”, eu disse.
“E eu amo você, Merricat.”
“E você pode fazer aquele bolinho para o
Jonas e para mim? Glacê rosa, com folhas
douradas na borda?”
Ela balançou a cabeça e por um momento

imaginei que não fosse me responder, e então ela respirou fundo e se levantou.

“Primeiro”, anunciou, “vou limpar esta cozinha.”

“O que é que você vai fazer com isto aqui?”, perguntei a ela, tocando na estatueta de Dresden com a pontinha do dedo.

“Botar de volta no lugar dela”, ela disse, e fui atrás quando ela abriu a porta do corredor e foi do corredor até a porta da sala de visitas. O corredor estava menos emporcalhado do que os quartos, pois havia menos coisa a estraçalhar, mas havia fragmentos tirados da cozinha, e pisamos em colheres e pratos jogados ali. Entrei em choque quando chegamos à sala de visitas e vimos o retrato de nossa mãe nos olhando graciosamente com sua sala destruída ao seu redor. O acabamento branco de bolo de noiva foi escurecido pela fumaça e pela fuligem e jamais ficaria limpo outra vez;

gostei de ver a sala de visitas ainda menos do que a cozinha e a sala de jantar, já que

sempre a mantínhamos tão limpa, e nossa

mãe amava aquele cômodo. Eu me perguntei

quem tinha derrubado a harpa de Constance

e me lembrei de ter ouvido seu som ao cair.

O brocado de rosas nas poltronas estava

rasgado e sujo, manchado pelas marcas dos

pés molhados que as chutaram e as

estamparam no sofá. As janelas dali também

estavam quebradas, e com a cortina

arrancada estávamos visíveis para o lado de

fora.

“Acho que dá para fechar as persianas”, eu

disse, enquanto Constance hesitava na

porta, sem vontade de avançar sala adentro.

Entrei na varanda pela janela quebrada,

pensando que ninguém jamais chegara ali

daquele jeito, e descobri que era fácil destravar as persianas. Elas eram tão altas

quanto as janelas; originalmente, a intenção

era de que um homem com uma escada

fechasse as persianas quando o verão
acabasse e a família fosse para a casa na
cidade, mas tantos anos haviam transcorrido
desde que as persianas foram fechadas que
os ganchos tinham enferrujado, e eu precisei
apenas sacudir as pesadas persianas para
puxar os ganchos da parede da casa.
Balancei as persianas para fechá-las, mas só
conseguia alcançar o ferrolho mais baixo
para travá-las; havia mais dois ferrolhos bem
acima da minha cabeça; talvez uma noite eu
fosse ali com uma escada, mas a trava mais
baixa teria de segurá-las por enquanto.
Depois de fechar as persianas de ambas as
janelas altas da sala de visitas, percorri a varanda e entrei, com formalidade, pela
porta da frente e na sala de visitas onde
agora
Constance
estava
parada
na

semiescuridão, sem a luz do sol. Constance

foi à cornija da lareira e pôs a estatueta de Dresden no lugar sob o retrato de nossa

mãe, e por um breve minuto o espaçoso

cômodo escuro se uniu de novo, como

deveria ser, e então se despedaçou para

sempre.

Tínhamos de tomar cuidado ao andar por

causa dos objetos quebrados no chão. O

cofre de nosso pai estava ao lado da porta da

sala de visitas, e eu ri e até Constance sorriu,

já que não havia sido aberto e era óbvio que

fora impossível levá-lo para além daquele

ponto. “Loucura”, disse Constance, que

tocou o cofre com o dedo do pé.

Nossa mãe sempre ficava contente quando

as pessoas admiravam sua sala de visitas, mas

agora ninguém poderia se aproximar das

janelas e olhar para dentro, e ninguém jamais

tornaria a vê-la. Constance e eu fechamos a

porta da sala de visitas ao sair e depois não

voltamos a abri-la. Constance esperava ao

lado da porta da frente enquanto eu ia

novamente à varanda e fechava as persianas

sobre as janelas altas da sala de jantar, e então entrei e trancamos a porta da frente e

estávamos a salvo. O corredor estava escuro,

com duas linhas estreitas de luz do sol

entrando pelas duas vidraças estreitas nas

laterais da porta; podíamos olhar lá fora

através do vidro, mas ninguém via lá dentro,

nem olhando de pertinho, pois o corredor

estava na escuridão. Acima de nós, a escada estava preta e levava às trevas ou a quartos queimados com, o que era incrível,

pontinhos de céu aparecendo. Até agora, o

telhado sempre nos escondera do céu, mas

eu não achava que havia alguma maneira de

ficarmos vulneráveis do alto, e fechei a

mente contra a ideia de criaturas aladas

silenciosas saindo de árvores para se

empoleirarem nas vigas queimadas e

quebradas de nossa casa, espiando lá

embaixo. Imaginei que seria sensato fazer

uma barricada na escada colocando alguma

coisa — uma cadeira quebrada, quem sabe

— na frente dela. Um colchão, encharcado e

imundo, estava no meio da escada; era lá que

haviam ficado com as mangueiras e lutado

para o fogo recuar e estancar. Parei ao pé da

escada, olhando para cima, me perguntando aonde nossa casa teria ido, as paredes e

assoalhos e as camas e as caixas de objetos no sótão; o relógio de nosso pai fora

consumido pelo fogo, além das caixinhas em

padrão tartaruga. Sentia o sopro de ar na

minha face; vinha do céu que eu enxergava,

mas tinha cheiro de fumaça e ruína. Nossa

casa era um castelo, com torres e aberta ao

céu.

“Volta para a cozinha”, Constance pediu.

“Não posso ficar aqui.”

Assim como crianças caçando conchas, ou

duas senhorinhas revirando folhas mortas à

procura de moedinhas, arrastávamos os pés

no chão da cozinha, mexendo no lixo de

coisas quebradas a fim de achar algo ainda inteiro e útil. Depois de examinarmos a cozinha de cabo a rabo e na diagonal, acumulamos uma pilha pequena de objetos úteis sobre a mesa, e havia coisas suficientes para nós duas. Havia duas xícaras com asas e várias sem, e meia dúzia de pratos, e três tigelas. Conseguimos salvar todas as latas de comida intactas e as latas de condimentos foram organizadas na prateleira delas.

Achamos boa parte da prataria e também endireitamos boa parte da melhor maneira possível e colocamos de volta nas gavetas corretas. Como todas as noivas da família Blackwood tinham levado suas pratarias e louças e artigos de banho e mesa para a casa, sempre tivemos dezenas de facas de manteiga e conchas de sopa e pás de bolo; os melhores talheres de nossa mãe ficavam em uma caixa à prova de embaçamento no aparador da sala de jantar, mas eles os haviam encontrado e espalhado no chão.

Uma de nossas xícaras inteiras era verde

com o interior amarelo pálido, e Constance disse que eu poderia ficar com ela. “Nunca vi ninguém usando”, ela disse. “Imagino que a avó ou a tia-bisavó de alguém tenha trazido esse jogo para a casa porque foi a louça do casamento. Antes tinha pratos combinando.” A xícara escolhida por Constance era branca com flores laranja, e um dos pratos combinava com ela. “Lembro de quando usávamos esses pratos”, Constance disse; “eles eram os pratos do dia a dia quando eu era pequenininha. A melhor louça naquela época era branca com bordas douradas. Então a mãe comprou novas louças melhores, e a louça branca e dourada passou a ser usada no dia a dia e estes pratos floridos foram para a prateleira da despensa junto com os outros conjuntos dos quais só

sobrava a metade. Nestes últimos anos

sempre usei a louça que a mãe usava no dia a

dia, a não ser quando Helen Clarke vinha

tomar chá. Nós vamos fazer as refeições

feito damas", ela disse, "usando xícaras com

asas."

Quando juntamos tudo o que queríamos e

poderíamos usar, Constance pegou a

vassoura pesada e empurrou todo o entulho

para a sala de jantar. "Agora a gente não

precisa mais ver", ela disse. Limpou o

corredor para que pudéssemos ir da cozinha

para a porta da frente sem atravessar a sala de jantar e depois fechamos todas as portas

que davam na sala de jantar e nunca mais as

abrimos. Pensei na estatueta de Dresden pequenina e corajosa sob o retrato de nossa

mãe na sala de visitas escura e lembrei que jamais voltaríamos a espaná-la. Antes de

Constance varrer o tecido rasgado que era a

cortina da sala de visitas eu pedi que ela me

cortasse um pedaço do cordão que

antigamente a abria e fechava, e ela cortou

um pedaço com borla dourada na ponta; me

perguntava se seria o objeto certo a enterrar

em homenagem ao tio Julian.

Quando

terminamos

e

Constance

esfregou o piso da cozinha nossa casa

pareceu limpa e nova; da porta da frente à

porta da cozinha tudo estava asseado e

varrido. Tantas coisas haviam sumido da

cozinha que ela parecia vazia, mas

Constance pôs nossas xícaras e pratos e

tigelas na prateleira, e achou uma caçarola para servir o leite de Jonas, e estávamos

bastante seguras. A porta da frente estava

trancada e a porta da cozinha estava

trancada e aferrolhada e estávamos sentadas

à mesa tomando leite em nossas duas xícaras

e Jonas bebia de sua caçarola quando

ouvimos batidas na porta da frente.

Constance correu para o porão e eu me contive só até ter a certeza de que a porta da cozinha estava aferrolhada, então fui atrás dela. Nos sentamos na escada do porão, no escuro, e prestamos atenção. Ao longe, na porta da frente, as batidas continuavam, e depois uma voz chamou, “Constance? Mary Katherine?”.

“É Helen Clarke”, Constance disse num sussurro.

“Você acha que ela veio para o chá?”

“Não. Nunca mais.”

Assim como nós duas sabíamos que ela faria, ela deu a volta na casa chamando nossos nomes. Quando bateu na porta da cozinha, prendemos a respiração, nenhuma das duas se mexendo, já que a metade de cima da porta da cozinha era de vidro e sabíamos que ela poderia ver lá dentro, mas estávamos seguras na escada do porão e ela

não conseguiria abrir a porta.

“Constance? Mary Katherine? Vocês estão

aí dentro?” Ela sacudiu a maçaneta como as

pessoas fazem quando querem que a porta

se abra e pensam em pegá-la desprevenida e

entrar de fininho antes que a trava se ajuste.

“Jim”, ela chamou, “eu sei que elas estão lá dentro. Dá para ver que tem alguma coisa no

fogão. Você tem que abrir a porta”, ela mandou, levantando a voz. “Constance, vem

aqui conversar comigo; eu quero te ver. Jim”,

ela disse, “elas estão lá dentro e estão me ouvindo, eu sei disso.”

“Tenho certeza de que elas estão te

ouvindo”, Jim Clarke concordou. “Deve

estar dando para te ouvir lá do vilarejo.”

“Mas eu tenho certeza de que elas

entenderam mal o pessoal de ontem à noite;

tenho certeza de que Constance ficou

chateada, e eu preciso falar para elas que

ninguém quis ofender. Constance, me

escuta, por favor. Nós queremos que você e

a Mary Katherine venham para a nossa casa

até a gente resolver o que fazer com vocês.

Está tudo bem, de verdade; vamos esquecer

tudo o que aconteceu.”

“Você acha que ela vai derrubar a casa?”, sussurrei para Constance, e Constance balançou a cabeça sem dizer nada.

“Jim, acha que dá para você arrombar a

porta?”

“Com certeza não. Deixa as duas em paz,

Helen, elas vão sair quando estiverem

prontas.”

“Mas Constance leva essas coisas tão a

sério. Garanto que ela está amedrontada.”

“Deixa as duas em paz.”

“Não se pode deixar as duas sozinhas, essa

é a pior atitude possível para elas. Eu quero

que saiam daí e venham para casa comigo,

onde posso cuidar delas.”

“Parece que elas não querem ir”, Jim

Clarke disse.

“Constance? Constance? Eu sei que você

está aí dentro; vem abrir a porta.”

Pensei que poderíamos muito bem botar um pano ou um papelão para cobrir a janela da porta da cozinha; seria simplesmente insuportável lidar com Helen Clarke volta e meia espiando e vendo panelas no fogão. Podíamos prender as cortinas em cima das janelas da cozinha, e talvez se as janelas fossem todas cobertas pudéssemos ficar quietas em volta da mesa quando Helen Clarke viesse bater na porta e não precisássemos nos esconder na escada do porão.

“Vamos embora”, Jim Clarke pediu. “Elas não vão te atender.”

“Mas eu quero levá-las para casa comigo.”

“A gente fez o que pôde. A gente volta outra hora, quando elas estiverem com mais vontade de te ver.”

“Constance? Constance, por favor, me responde.”

Constance suspirou e tamborilou com

irritação e quase sem fazer barulho no corrimão da escada. “Queria que ela fosse logo”, ela disse no meu ouvido, “a minha sopa vai ferver.”

Helen Clarke chamou diversas vezes, dando a volta na casa para chegar ao carro, gritando “Constance? Constance?” como se pudéssemos estar em algum lugar do bosque, talvez no alto de uma árvore, ou debaixo das folhas de alface, ou esperando atrás de um arbusto. Quando escutamos o carro arrancar, à distância, saímos do porão e Constance apagou o fogo da sopa e eu passei pelo corredor a caminho da porta da frente para me assegurar de que tinham mesmo ido embora e de que a porta estava bem trancada. Vi o carro virar no final da rampa e imaginei ainda ser capaz de ouvir Helen Clarke chamar,

“Constance?

Constance?”.

“Sem dúvida ela queria tomar o chá dela”,

disse a Constance quando voltei à cozinha.

“Nós temos só duas xícaras com asas”,

disse Constance. “Ela nunca mais vai tomar

chá aqui.”

“Que bom que o tio Julian partiu, senão

uma de nós teria que usar uma xícara

quebrada. Você vai arrumar o quarto do tio

Julian?”

“Merricat.” Constance se virou do fogão

para me encarar. “O que é que a gente vai

fazer?”

“Nós arrumamos a casa. Temos comida.

Nos escondemos da Helen Clarke. O que é

que a gente vai fazer?”

“Onde é que a gente vai dormir? Como a

gente vai saber que horas são? Que roupas a

gente vai usar?”

“Para que a gente precisa saber que horas

são?”

“Nossa comida não vai durar para sempre,

nem as conservas.”

“A gente pode dormir no meu esconderijo

perto do riacho.”

“Não. Tudo bem como esconderijo, mas

você precisa de uma cama de verdade.”

“Eu vi um colchão na escada. Vai ver que é

da minha cama antiga. A gente pode puxar

pra baixo e lavar e deixar secar ao sol. Um dos cantos está queimado.”

“Ótimo”, disse Constance. Fomos juntas até a escada e seguramos o colchão de uma

forma desajeitada; estava repulsivamente

úmido e sujo. Nós o arrastamos, puxando

juntas pelo corredor, com pedacinhos de

madeira e vidro grudando nele, e

conseguimos empurrá-lo pelo chão limpo

da cozinha de Constance até a porta. Antes

de destrancá-la olhei para fora com atenção,

e mesmo de porta aberta saí primeiro para

olhar em todas as direções, mas era seguro.

Puxamos o colchão até o gramado e o colocamos no sol, perto do banco de mármore de nossa mãe.

“Tio Julian se sentava bem aqui”, comentei.

“Seria um bom dia, hoje, para o tio Julian ficar sentado ao sol.”

“Espero que tenha ficado quentinho quando morreu. Quem sabe não se lembrou do sol por um instante.”

“Eu estava com o xale dele; espero que ele não tenha sentido falta. Merricat, vou plantar alguma coisa aqui, onde ele se sentava.”

“Eu vou enterrar alguma coisa em homenagem a ele. O que é que você vai plantar?”

“Uma flor.” Constance se curvou e tocou o gramado com delicadeza. “Alguma flor amarela.”

“Vai ficar engraçado, bem no meio do gramado.”

“A gente vai saber por que ela está aí, e

ninguém nunca vai ver.”

“E eu vou enterrar alguma coisa amarela,

para manter o tio Julian quentinho.”

“Mas

primeiro,

minha

Merricat

preguiçosa, você vai pegar um pote de água e

esfregar o colchão até ele ficar limpo. E eu vou lavar o chão da cozinha outra vez.”

Seríamos muito felizes, pensei. Havia

inúmeras coisas para fazer, e uma estrutura

totalmente nova de dias para organizar, mas

pensei que seríamos muito felizes.

Constance estava pálida, e ainda entristecida

pelo que haviam feito com sua cozinha, mas

tinha esfregado cada uma das prateleiras e

limpado a mesa diversas vezes, e lavado as

janelas e o assoalho. Nossos pratos

ocupavam suas prateleiras com valentia e as

latas e caixas de comida intactas que

resgatamos

formavam

uma

fileira

considerável na despensa.

“Eu podia treinar Jonas para nos trazer coelhos para a gente fazer ensopado”, eu lhe

disse, e ela riu e Jonas olhou para ela com serenidade.

“Esse gato está tão acostumado a viver de

bolinho de baunilha e rum e ovo

amanteigado que eu duvido que ele seja

capaz de pegar um gafanhoto”, ela disse.

“Acho que eu não ia gostar muito de

ensopado de gafanhoto.”

“De qualquer forma, agorinha mesmo vou

fazer uma torta de cebola.”

Enquanto Constance lavava a cozinha

descobri uma caixa de papelão pesada que

desmontei com cuidado, e assim obtive

vários pedaços grandes de papelão para

tampar a parte de vidro da porta da cozinha.

O martelo e os pregos estavam no galpão

onde Charles Blackwood os deixara depois de tentar arrumar o degrau estragado, e eu

preguei papelão na porta da cozinha até o

vidro ser totalmente coberto e ninguém

conseguir espiar lá dentro. Preguei mais

papelão nas duas janelas da cozinha e o

ambiente ficou escuro, porém protegido.

“Seria mais seguro deixar as janelas da

cozinha ficarem sujas”, eu disse a Constance,

mas ela ficou chocada e declarou, “Eu não

moraria numa casa com janelas sujas”.

Quando terminamos a cozinha estava bem

limpa, mas não brilhava porque havia

pouquíssima luz, e percebi que Constance

não estava satisfeita. Ela adorava sol e

claridade e cozinhar em uma cozinha

adorável e iluminada. “A gente pode deixar a

porta aberta”, sugeri, “se ficar de olho aberto

o tempo todo. A gente vai ouvir se algum carro parar na frente da casa. Quando der”,

eu disse, “vou tentar pensar num jeito de construir barricadas nas laterais da casa para que ninguém consiga dar a volta e chegar aqui nos fundos.”

“Tenho certeza de que Helen Clarke vai tentar de novo.”

“Em todo caso, ela não tem mais como espiar aqui dentro.”

A tarde se aproximava; mesmo de porta aberta o sol se espalhava no chão apenas um pouco, e Jonas abordou Constance no fogão, pedindo o jantar. A cozinha estava quentinha e confortável e familiar e limpa. Seria bom uma lareira ali, ponderei; poderíamos nos sentar ao lado do fogo, e então pensei não, já passamos pelo fogo.

“Vou lá verificar se a porta da frente está trancada”, anunciei.

A porta da frente estava trancada e não havia ninguém lá fora. Quando voltei à cozinha, Constance disse, “Amanhã eu limpo o quarto do tio Julian. Sobrou tão

pouca casa para a gente que ela toda tem que

estar bem limpinha”.

“Você vai dormir lá? Na cama do tio

Julian?”

“Não, Merricat. Eu quero que você durma

lá. É a única cama que a gente tem.”

“Não tenho permissão para entrar no

quarto do tio Julian.”

Ela ficou quieta por um instante, me

olhando

com

curiosidade,

e

então

perguntou, “Mesmo o tio Julian tendo

morrido, Merricat?”.

“Além do mais, eu achei o colchão, e limpei, e ele veio da minha cama. Quero ele

no chão, no meu canto.”

“Como você é boba, Merricat. De

qualquer forma, acho que nós duas vamos

dormir no chão hoje. O colchão só vai estar

seco amanhã, e a cama do tio Julian não está

limpa.”

“Posso trazer galhos do meu esconderijo, e

folhas.”

“Para o chão limpo da minha cozinha?”

“Mas eu pego o cobertor, e também o xale

do tio Julian.”

“Você vai sair? Agora? Ir até lá?”

“Não tem ninguém lá fora”, afirmei. “Já

está quase escuro e é bem seguro ir lá. Se alguém aparecer, fecha a porta e tranca; se

eu perceber que a porta está fechada eu

espero à margem do riacho até poder voltar com segurança. E eu levo o Jonas para me

proteger.”

Corri até o riacho, mas Jonas foi mais

veloz e já estava me esperando quando

cheguei ao meu esconderijo. Era bom

correr, e bom voltar de novo à nossa casa e

ver a porta da cozinha aberta e a luz quente

de seu interior. Quando Jonas e eu

entramos, fechei a porta com o ferrolho e estávamos prontos para a noite.

“É um bom jantar”, Constance anunciou, entusiasmada e feliz por conta do preparo da comida. “Vem cá e senta, Merricat.” Com a porta fechada ela teve de acender a luz do teto, e nossos pratos estavam bem organizados em cima da mesa. “Amanhã vou tentar lustrar a prataria”, ela disse, “e a gente tem que trazer as coisas do jardim.”

“A alface está cheia de cinzas.”

“Amanhã, também”, Constance disse, olhando os quadrados pretos de papelão que cobriam as janelas, “vou pensar em algum tipo de cortina que cubra o seu papelão.”

“Amanhã eu vou fazer barricadas nas laterais da casa. Amanhã o Jonas vai pegar um coelho para a gente. Amanhã eu vou estimar para você que horas são.”

Ao longe, na frente de nossa casa, um

carro parou, e nos calamos, trocando

olhares; agora, pensei, agora vamos saber até

que ponto estamos seguras, e me levantei e

averiguei se a porta da cozinha estava

aferrolhada; não dava para olhar para fora

através do papelão e tinha certeza de que

não tinham como olhar para dentro. As batidas começaram na porta da frente, mas

não havia tempo de garantir que ela estava

trancada. Bateram apenas por um instante,

como se soubessem que não estaríamos na

parte da frente da casa, e então os ouvimos

tropeçando na escuridão ao tentar dar a

volta para chegar aos fundos da casa. Escutei

a voz de Jim Clarke, e outra que lembrei ser

a voz do dr. Levy.

“Não dá para ver nada”, Jim Clarke

constatou. “Está um breu só.”

“Tem uma fresta de luz vindo de uma das

janelas.”

Qual delas, me perguntei; qual das janelas

ainda tinha uma fresta?

“Elas estão aí dentro mesmo”, Jim Clarke admitiu. “Não tem outro lugar onde possam estar.”

“Só quero saber se elas se machucaram ou se estão doentes; não gosto de pensar nelas trancadas aí precisando de ajuda.”

“Eu tenho de levar elas para casa comigo”, Jim Clarke explicou.

Eles vieram à porta dos fundos; suas vozes estavam bem ali, e Constance estendeu a mão para mim por cima da mesa; se parecesse que conseguiriam espiar lá dentro poderíamos correr juntas até o porão. “A porcaria da casa está toda tampada”, Jim Clarke reclamou, e eu pensei, bom, ah, que bom. Tinha me esquecido de que havia tábuas de verdade no galpão; só tinha pensado em papelão, que era bastante frágil.

“Senhorita Blackwood?”, o médico chamou, e um deles bateu à porta.

“Senhorita Blackwood? É o dr. Levy.”

“E Jim Clarke. Marido da Helen. A Helen

está muito preocupada com vocês.”

“Vocês se machucaram? Estão doentes?

Precisam de ajuda?”

“A Helen quer que vocês venham para a

nossa casa; ela está esperando vocês lá.”

“Escuta”, disse o médico, e pensei que a

cara dele estava bem perto do vidro, quase

encostando nele. Falava num tom bastante

amistoso, e sereno. “Escuta, ninguém vai

fazer mal a vocês. Somos seus amigos.

Viemos até aqui para ajudar e ter a certeza

de que vocês estão bem e não queremos

incomodar. A bem da verdade, a gente

promete não incomodar mais, nunca mais,

se vocês disserem só uma vez que estão sãs e

salvas. Só uma palavrinha.”

“Vocês não podem deixar que as pessoas fiquem se preocupando com vocês”, Jim

Clarke declarou.

“Só uma palavrinha”, disse o médico.
“Vocês só precisam dizer que estão bem.”
Eles aguardaram; eu os sentia encostando
o rosto no vidro, desejosos de enxergar lá
dentro. Constance me olhou do lado oposto
da mesa e deu um leve sorriso, e eu retribui
o sorriso; estávamos bem protegidas e não
conseguiam enxergar lá dentro.
“Escutem”, pediu o médico, e ele levantou
a voz um pouquinho; “escutem, o funeral do
Julian é amanhã. A gente achou que vocês
iam querer saber.”
“Já tem um monte de flores”, Jim Clarke
contou. “Vocês adorariam ver aquele monte
de flores. Nós mandamos flores, os Wright,
os Carrington. Eu acho que a impressão que vocês têm dos amigos mudaria um
pouquinho se vissem as flores que todos nós
mandamos para o Julian.”
Eu me perguntei por que nossa impressão
mudaria um pouquinho caso víssemos quem
mandou flores ao tio Julian. Sem dúvida que

tio Julian enterrado em flores, apinhado de flores, não lembraria o tio Julian que víamos todos os dias. Talvez o amontoado de flores esquentasse tio Julian morto; tentei pensar em tio Julian morto e só consegui me lembrar dele dormindo. Pensei nos Clarke e nos Carrington e nos Wright despejando braçadas de flores sobre o coitado do velho tio Julian, desamparadamente morto.

“Vocês não vão ganhar nada se afastando dos amigos, sabe? A Helen pediu para eu falar para vocês…”

“Escuta.” Eu os sentia empurrando a porta. “Ninguém vai incomodar. Apenas digam, vocês estão bem?”

“A gente não vai ficar voltando, sabe? Os amigos têm limites.”

Jonas bocejou. Em silêncio, Constance se virou, com cuidado e lentidão, tornando a ficar de frente para seu lugar à mesa, e pegou um biscoito amanteigado e deu uma

mordiscada silenciosa. Tive vontade de rir e tampei a boca com as mãos; Constance comer biscoito sem fazer barulho era engraçado, como uma boneca fingindo comer.

“Droga”, Jim Clarke exclamou. Bateu à porta. “Droga”, repetiu.

“Pela última vez”, disse o médico, “a gente sabe que vocês estão aí dentro; pela última vez, será que vocês não…”

“Ah, vamos embora”, disse Jim Clarke.

“Não vale a pena toda essa gritaria.”

“Escutem”, disse o médico, e imaginei que estava com a boca na porta, “um dia desses vocês vão precisar de ajuda. Vocês vão adoecer, ou se machucar. Vocês vão precisar de ajuda. Aí vocês vão rapidinho…”

“Deixa elas”, Jim Clarke disse. “Vamos embora.”

Ouvi seus passos dando a volta na casa e me perguntei se estavam nos ludibriando, fingindo ir embora e então retornando em

silêncio para ficar calados diante de nossa

porta, à espera. Pensei em Constance

comendo o biscoito silenciosamente ali

dentro

e

Jim

Clarke

escutando

silenciosamente lá fora e um calafriozinho percorreu minha espinha; talvez nunca mais

houvesse outro ruído no mundo. Então o

carro arrancou na frente da casa e o

escutamos se afastar e Constance largou o

garfo no prato com uma pancadinha e tornei

a respirar e disse, “Para onde você acha que

eles levaram tio Julian?”.

“Para o mesmo lugar”, Constance disse

sem pensar, “na cidade. Merricat”, ela disse,

de repente erguendo o rosto.

“Sim, Constance?”

“Eu queria me desculpar. Fui má ontem à

noite.”

Eu estava inerte e fria, olhando para ela e recordando.

“Fui muito má”, ela declarou. “Nunca devia ter lembrado a você o motivo para eles todos terem morrido.”

“Então não me lembre agora.” Não consegui estender o braço para segurar a mão dela.

“Eu queria que você esquecesse isso. Nunca quis falar disso, nunca, e peço desculpa por ter falado.”

“Eu botei no açúcar.”

“Eu sei. Eu sabia na época.”

“Você nunca usava açúcar.”

“Não.”

“Então botei no açúcar.”

Constance suspirou. “Merricat”, ela disse, “a gente nunca mais vai falar disso. Nunca.”

Gelei, mas ela me deu um sorriso carinhoso e ficou tudo bem.

“Eu amo você, Constance”, eu disse.

“E eu amo você, minha Merricat.”

Jonas se sentou no chão e dormiu e pensei que não deveria ser tão difícil para mim.

Constance devia ficar com as folhas e o

musgo macio debaixo do cobertor, mas não

podíamos sujar o chão da cozinha de novo.

Pus meu cobertor no canto, perto do meu

banco, já que era o lugar que eu conhecia

melhor, e Jonas subiu no banco e se sentou

lá, olhando para mim. Constance se deitou

no chão perto do fogão; estava escuro, mas

dava para ver a palidez de seu rosto do outro

lado da cozinha. “Está confortável?”,

perguntei, e ela riu.

“Já passei muito tempo nesta cozinha”, ela

disse, “mas nunca tinha tentado deitar no

chão. Fui tão cuidadosa que ele tem de me

acolher, acho eu.”

“Amanhã a gente traz a alface.”

Aos poucos a rotina de nossos dias foi

se moldando e começou a se parecer

com uma vida feliz. De manhã

quando acordava eu ia logo até o corredor

para ver se a porta da frente estava trancada.

Éramos mais ativas nas primeiras horas da

manhã porque nunca havia ninguém por

perto. Não tínhamos nos dado conta de que,

com os portões abertos e a trilha exposta à

utilização pública, as crianças apareceriam;

uma manhã fiquei parada ao lado da porta

da frente, olhando pela vidraça estreita, e vi crianças brincando no nosso gramado da

frente. Talvez os pais tivessem mandado que

explorassem o caminho e averiguassem se

era de fato navegável, ou talvez as crianças não conseguissem resistir a brincar em

qualquer lugar; pareciam apreensivas

brincando na frente de nossa casa, e as vozes

eram desanimadas. Imaginei que talvez só

fingissem brincar, visto que eram crianças e

deveriam brincar, mas talvez na verdade

tivessem sido enviadas para nos procurar,
sutilmente disfarçadas de crianças. Não
eram muito convincentes, concluí ao
observá-las;
seus
movimentos
eram
desajeitados, e nem uma única vez olharam,
pelo que pude ver, para nossa casa. Eu me
perguntei quanto tempo levariam para
avançar rumo à varanda e apertar suas carinhas contra as persianas, tentando ver
através das frestas. Constance parou atrás de
mim e olhou por cima de meu ombro. “São
filhos de estranhos”, eu lhe disse. “Eles não
têm rosto.”
“Têm olhos.”
“Finge que são passarinhos. Não nos
enxergam. Eles ainda não sabem, não
querem acreditar, mas nunca mais vão nos
ver.”
“Imagino que agora que já vieram uma vez,

eles virão de novo.”

“Todos os estranhos virão, mas não têm

como ver aqui dentro. E agora, por favor,

prepara meu café da manhã?”

A cozinha estava sempre escura de manhã

até eu desaferrolhar a porta e abri-la para

deixar o sol entrar. Depois Jonas se sentava na escadinha e se lavava e Constance cantava

durante o preparo de nosso café da manhã.

Depois do café me sentava no degrau com

Jonas enquanto Constance limpava a

cozinha.

Fazer barricadas nas laterais da casa foi

mais fácil do que eu imaginava; consegui

terminar em uma noite, com Constance

segurando a lanterna para mim. De ambos

os lados de nossa casa havia um ponto em

que as árvores e os arbustos cresciam

próximos de casa, cobrindo a parte dos

fundos e estreitando a trilha que era o único

jeito de dar a volta. Levei peça por peça da pilha de sucata que o sr. Harler tinha feito na nossa varanda e amontoei as tábuas e

móveis quebrados nos pontos mais estreitos.
Na verdade não impediria ninguém de entrar, claro; as crianças poderiam escalar facilmente, mas se alguém tentasse
ultrapassar, o barulho e a queda das tábuas
quebradas seriam suficientes para termos
bastante tempo para fechar e aferrolhar a
porta da cozinha. Tinha encontrado umas
tábuas em volta do galpão e pregado
grosseiramente em cima do vidro da porta
da cozinha, mas não gostava de colocá-las
nas laterais da casa como barricada, onde
qualquer um poderia vê-las e perceber
minha falta de jeito. Talvez, eu disse a mim
mesma, eu devesse treinar tentando
consertar o degrau quebrado.
“Do que é que você está rindo agora?”,
Constance me perguntou.
“Estou imaginando que estamos na lua,
mas que não é exatamente como eu achava que seria.”
“Mas é um lugar bem feliz.” Constance
levava o café da manhã à mesa: ovos mexidos

e biscoitos torrados e geleia de amora-preta

que ela fizera em algum verão dourado. “A

gente tem que trazer o máximo de comida

possível”, ela disse. “Não gosto de pensar na

horta esperando a gente ir lá para colher o que cresceu. E eu me sentiria bem melhor se

tivéssemos mais comida guardada em casa,

em segurança.”

“Vou subir no meu cavalo alado e trazer

canela e tomilho, esmeraldas e cravo,

brocado de ouro e couve.”

“E ruibarbo.”

Conseguíamos deixar a porta da cozinha

aberta quando íamos à horta, pois veríamos

claramente se alguém se aproximasse das minhas barricadas e correríamos de volta

para casa se necessário. Eu carregava a cesta,

e pegávamos alface, ainda tingida pelas

cinzas, e rabanete, além de tomate e pepino

e, mais tarde, frutinhas e melões. Em geral,

eu comia frutas e legumes ainda úmidos do

solo e do ar, mas não gostava de comer

quando ainda estavam sujos das cinzas de nossa casa incendiada. Boa parte da sujeira e da fuligem tinha voado e o ar em torno da horta estava fresco e limpo, mas a fumaça estava no chão e imaginei que sempre estaria.

Assim que nos acomodamos com segurança, Constance abriu o quarto de tio Julian e fez a limpeza. Tirou as cobertas da cama, e os lençóis, e os lavou na pia da cozinha e os colocou lá fora para secar ao sol. “O que é que você vai fazer com a papelada do tio Julian?”, perguntei, e ela pousou as mãos na beirada da pia, hesitante.

“Acho que vou deixar tudo na caixa”, ela respondeu por fim. “Acho que vou colocar a caixa no porão.”

“E conservá-la?”

“E conservá-la. Ele gostaria de pensar que os papéis dele foram tratados com respeito. E eu não gostaria que o tio Julian desconfiasse de que os papéis dele não

foram conservados.”

“Melhor eu ir lá verificar se a porta da frente está trancada.”

As crianças volta e meia estavam lá, no gramado na frente de nossa casa, jogando seus jogos de cartas e sem olhar para nossa casa, movimentando-se sem jeito com corridinhas animadas e se estapeando sem motivo. Sempre que eu me assegurava de que a porta da frente estava trancada, olhava se as crianças continuavam lá. Agora era muito comum eu ver pessoas percorrendo nossa trilha, usando-a para ir de um lugar a outro, colocando os pés onde antigamente só os meus pisavam; imaginei que usassem a trilha sem querer, como se todos tivessem de atravessá-la uma vez para demonstrar que era possível, mas pensei que somente uns poucos, os odiosos desafiadores, iam além da primeira vez.

Passava a longa tarde sonhando enquanto Constance limpava o quarto de tio Julian;

me sentava na porta com Jonas dormindo ao meu lado, e contemplava a horta silenciosa e segura.

“Olha, Merricat”, disse Constance, aproximando-se com o braço cheio de roupas, “olha, o tio Julian tinha dois ternos e um sobretudo e um chapéu.”

“Ele conseguia ficar de pé; ele mesmo nos dizia.”

“Me lembro vagamente dele, anos atrás, saindo um dia para comprar um terno, e imagino que tenha sido um desses que ele comprou; nenhum dos dois está muito usado.”

“O que ele teria usado no último dia com eles? Que gravata ele estava usando no jantar? Sem dúvida ele gostaria que esses dados fossem lembrados.”

Ela me olhou por um minuto, sem sorrir.

“É bem improvável que tenha sido um

desses; quando fui buscá-lo, depois, no hospital, ele estava de pijama e roupão.”

“Pode ser uma boa ele ficar com um desses

ternos agora.”

“Ele provavelmente foi enterrado com um

terno velho do Jim Clarke.” Constance

virou-se para ir ao porão, mas parou de

súbito. “Merricat?”

“Sim, Constance?”

“Você já se deu conta de que esses

pertences do tio Julian são as únicas roupas

que sobraram na nossa casa? Todas as

minhas pegaram fogo, e todas as suas.”

“E tudo que era deles que estava no sótão.”

“Eu só tenho este vestido cor-de-rosa que

estou usando.”

Olhei para baixo. “E eu estou de marrom.”

“E o seu precisa ser lavado e remendado;

como você consegue rasgar tanto as suas roupas, minha Merricat?”

“Vou fazer um terninho de folhas.

Agorinha mesmo. Com nozes no lugar dos botões.”

“Merricat, é sério. Nós vamos ter que usar as roupas do tio Julian.”

“Não tenho permissão para tocar nas coisas do tio Julian. Preciso de um forro de musgo, para os dias frios de inverno, e um chapéu feito de penas de pássaro.”

“Pode ser ótimo para a lua, Dona Insensatez. Na lua você pode usar um terninho de pelo que nem o Jonas, se depender de mim. Mas aqui na nossa casa você vai usar uma das blusas velhas do tio Julian, e quem sabe não usa também uma das calças.”

“Ou o roupão e o pijama do tio Julian, imagino. Não; não tenho permissão para tocar nas coisas do tio Julian; vou usar folhas.”

“Mas você tem permissão. Declaro que você tem permissão.”

“Não.”

Ela suspirou. “Bom”, ela disse, “é bem provável que você me veja usá-los.” Então ela parou e riu, e me olhou, e riu de novo.

“Constance?”, eu disse.

Ela pôs as roupas de tio Julian no espaldar da cadeira e, ainda aos risos, foi à despensa e abriu uma das gavetas. Eu me lembrei o que ela estava procurando e também ri. Em seguida, ela retornou e pôs um monte de toalhas de mesa ao meu lado.

“Vão lhe cair muito bem, elegante Merricat. Olha; como é que você vai se sentir com esta aqui, com bainha de flores amarelas? Ou este lindo xadrez vermelho e branco? O adamascado, receio eu, é tão duro que vai ser desconfortável, e além do mais já foi remendado.”

Levantei e segurei a toalha xadrez contra o corpo. “Você pode cortar um buraco para a minha cabeça”, sugeri; estava satisfeita.

“Não tenho material de costura. Você vai

ter que amarrar a toalha na cintura com um

cordão ou deixar ela solta como se fosse

uma toga.”

“Vou usar o adamascado como manto;

quem é que usa manto de damasco?”

“Merricat, ah, Merricat.” Constance largou

a toalha de mesa que segurava e passou os

braços em volta de mim. “O que foi que eu

fiz com a minha pequenina Merricat?”, ela disse. “Sem casa. Sem comida. E vestida com

uma toalha de mesa; o que foi que eu fiz?”

“Constance”, eu disse, “eu te amo,

Constance”.

“Vestida com toalha de mesa que nem

uma boneca de pano.”

“Constance. Nós vamos ser muito felizes,

Constance.”

“Ah, Merricat”, ela disse, me abraçando.

“Me escuta, Constance. Nós vamos ser

muito felizes.”

Num instante eu me vesti, sem querer dar

a Constance mais tempo para pensar.

Escolhi o xadrez vermelho e branco, e

depois de Constance fazer um buraco para a

minha cabeça peguei o cordão com borla

dourada que Constance cortara da cortina

da sala de visitas e o amarrei como cinto e meu visual, pensei, estava ótimo. A princípio

Constance ficou triste e se virou com

tristeza ao me ver, e esfregou furiosamente

meu vestido marrom na pia para deixá-lo

limpo, e gostei do meu roupão, e dancei com

ele, e em pouco tempo ela tornou a sorrir e

depois riu de mim.

“Robinson Crusoé usava peles de animais”,

contei a ela. “Não tinha roupas alegres com

cintos dourados.”

“Tenho que admitir que você nunca me

pareceu tão animada.”

“Você vai usar as peles do tio Julian; eu

prefiro minha toalha de mesa.”

“Creio que essa que você está vestindo

agora era usada nos cafés da manhã que

fazíamos no verão no gramado, muitos anos

atrás. Xadrez vermelho e branco jamais seria usado na sala de jantar, é claro.”

“Alguns dias serei o café da manhã de

verão no gramado e em outros dias serei um

jantar formal à luz de velas, e certos dias serei…”

“Uma Merricat imunda. Seu vestido é

ótimo, mas seu rosto está sujo. Nós

perdemos quase tudo, mocinha, mas pelo

menos ainda temos água potável e um

pente.”

Uma coisa sobre o quarto de tio Julian que

era uma sorte grande: convenci Constance a

pegar a cadeira dele e empurrá-la pelo

jardim para reforçar minha barricada. Era

estranho ver Constance empurrar a cadeira

vazia, e por um instante tentei ver tio Julian

outra vez, passeando com as mãos no colo,

mas só o que restava da presença dele eram os pedaços gastos da cadeira e um lenço

enfiado debaixo da almofada. A cadeira seria

de grande eficácia para a minha barricada, no entanto, sempre fazendo intrusos desviarem o olhar através da ameaça vaga do finado tio Julian. Me perturbava pensar que tio Julian poderia desaparecer por completo, com seus papéis na caixa e a cadeira na barricada e a escova de dentes jogada fora e até o cheiro de tio Julian sumindo de seu quarto, mas quando a terra estava fofa Constance plantou uma roseira amarela no lugar de tio Julian no gramado, e uma noite fui ao riacho e enterrei o lápis dourado com as iniciais de tio Julian perto da água, assim o riacho sempre falaria seu nome. Jonas deu para entrar no quarto de tio Julian, onde nunca estivera, mas eu não entrava.

Helen Clarke veio à nossa porta mais duas vezes, batendo e chamando e implorando que atendêssemos, mas ficamos quietas, e quando ela descobriu que não podia mais dar a volta na casa por conta de minha

barricada, nos disse da porta da frente que não voltaria, e não voltou. Uma noite, talvez a do dia em que Constance plantou a roseira de tio Julian, ouvimos uma batidinha bem suave na porta da frente enquanto estávamos jantando à mesa. A batida era leve demais para Helen Clarke, e me levantei da mesa e corri silenciosamente pelo corredor para verificar se a porta da frente estava trancada, e Constance me seguiu, curiosa. Nos encostamos na porta e prestamos atenção.

“Srta. Blackwood?”, alguém chamou lá de fora, em voz baixa; eu me perguntei se ele desconfiava de que estávamos tão próximas dele. “Srta. Constance? Srta. Mary Katherine?”

Não estava muito escuro lá fora, mas ali dentro onde estávamos nós só víamos uma a outra vagamente, duas caras brancas contra a porta. “Srta. Constance?”, ele repetiu.

“Escuta.”

Imaginei que estivesse balançando a cabeça de um lado para o outro para se certificar de que não era visto. “Escuta”, ele disse, “eu trouxe frango.”

Ele bateu de leve na porta. “Espero que vocês consigam me ouvir”, ele disse. “Eu trouxe um frango. Minha esposa preparou, assou direitinho, e tem biscoito e torta. Espero que vocês consigam me ouvir.”

Percebi que os olhos de Constance estavam arregalados de espanto. Eu a fitei e ela me fitou.

“Espero mesmo que vocês consigam me ouvir, senhoritas Blackwood. Quebrei uma das cadeiras e sinto muito.” Ele bateu na porta de novo, bem suavemente. “Bom”, ele disse. “Vou deixar a cesta aqui na entrada. Espero que vocês tenham me ouvido. Adeus.”

Escutamos os passos tranquilos se afastando, e depois de um minuto

Constance disse, “O que a gente faz? Vamos abrir a porta?”.

“Mais tarde”, respondi. “Eu venho quando estiver bem escuro.”

“Fico me perguntando que tipo de torta deve ser. Você acha que é tão boa quanto as minhas?”

Terminamos nosso jantar e esperamos ter a certeza de que ninguém poderia ver a porta da frente se abrir, e então cruzei o corredor e destranquei a porta e espiei lá fora. A cesta estava na nossa porta, coberta por um guardanapo de pano. Eu a levei para dentro e tranquei a porta enquanto Constance tirava a cesta de mim e a carregava para a cozinha. “Mirtilo”, ela disse quando cheguei. “Bem boa, também; ainda está quentinha.”

Ela pegou o frango, embrulhado em guardanapo, e o pacotinho de biscoitos, tocando em cada um com carinho e com delicadeza. “Ainda está tudo quentinho”, ela

afirmou. “Ela deve ter assado depois do

jantar para ele trazer logo. Vai ver que ela assou duas tortas, uma para deixar em casa.

Ela embalou tudo quando ainda estava

quentinho e mandou ele trazer. Esses

biscoitos não estão muito crocantes.”

“Vou pegar a cesta e deixar na varanda,

assim ele fica sabendo que nós pegamos.”

“Não, não.” Constance me segurou pelo

braço. “Só depois de eu lavar os

guardanapos; o que ela iria pensar de mim?”

Às vezes traziam bacon curado caseiro, ou

frutas, ou as próprias conservas, nunca tão

boas quanto as conservas que Constance

fazia. Normalmente traziam frango assado;

de vez em quando um bolo ou torta, muitas

vezes biscoitos, às vezes salada de batata ou

de repolho. Uma vez trouxeram uma panela

de guisado, que Constance cortou e juntou

de novo de acordo com suas próprias regras de guisado, e às vezes havia potes de feijão cozido ou macarrão. “Somos a maior ceia de

igreja que eles já fizeram”, Constance

comentou uma vez, olhando um pão caseiro
que eu tinha acabado de trazer lá de fora.
Essas coisas eram sempre deixadas na
entrada de casa, sempre em silêncio e à
noite. Imaginávamos que os homens
chegassem em casa após o trabalho e as
mulheres tivessem cestas prontas para eles
entregarem; talvez viessem na escuridão
para não serem reconhecidos, como se uns
quisessem se esconder dos outros e nos
trazer comida fosse uma atitude vexaminosa
de tomar em público. Havia muitas
mulheres cozinhando, Constance concluiu.
“Essa aqui”, ela me explicou uma vez,
provando o feijão, “é a que usa ketchup, e exagera na mão; e aquela última usava muito
melado.” Vez por outra havia um bilhete na
cesta: “Isto é pela louça quebrada”, ou
“Pedimos desculpas pelas cortinas”, ou
“Desculpe pela sua harpa”. Sempre
colocávamos

as

cestas

onde

as

encontrávamos e nunca abríamos a porta da

frente sem que estivesse totalmente escuro e

tivéssemos certeza de que não havia

ninguém por perto. Depois eu sempre

verificava com cuidado se a porta da frente

estava trancada.

Descobri que não tinha mais permissão

para ir ao riacho; tio Julian estava lá, e era longe demais de Constance. Eu nunca ia

muito além dos limites do bosque, e

Constance só ia até a horta. Eu não tinha

permissão para enterrar mais nada, tampouco tinha permissão para tocar em

pedras. Todos os dias eu olhava por cima

das tábuas que tapavam as janelas da cozinha

e quando notei frestas pequeninas preguei

mais tábuas. Todas as manhãs eu checava

logo se a porta da frente estava trancada, e todas as manhãs Constance lavava a cozinha.

Passávamos boa parte do tempo junto à porta da frente, principalmente durante a tarde, quando a maioria das pessoas nos visitava; sentávamos, uma de cada lado da porta, espiando pelas vidraças estreitas que eu havia tapado quase por completo com papelão a fim de que nós duas tivéssemos apenas um buraquinho e ninguém conseguisse ver lá dentro. Observávamos as crianças brincarem, e as pessoas passando, e ouvíamos suas vozes e eram todos desconhecidos, com seus olhos arregalados e suas malditas bocas abertas. Um dia apareceu um grupo de bicicleta; havia duas mulheres e um homem, além de duas crianças. Estacionaram as bicicletas na nossa rampa e se deitaram no gramado na frente de nossa casa, puxando a grama e conversando enquanto descansavam. As crianças subiam e desciam nossa rampa correndo e davam voltas nas árvores e arbustos. Foi nesse dia que soubemos que as

videiras estavam crescendo sobre o telhado

queimado de nossa casa, pois uma das

mulheres olhou de soslaio para a casa e disse

que as videiras já tinham quase tapado as

marcas do incêndio. Raramente se viravam

para encarar nossa casa de frente, mas

olhavam de canto de olho ou por cima do ombro ou por entre os dedos. “Soube que

era uma casa antiga e linda”, comentou a

mulher sentada no nosso gramado. “Ouvi

dizer que já foi um lugar importante.”

“Agora parece uma tumba”, disse a outra

mulher.

“Shh”, disse a primeira mulher, e

gesticulou em direção à casa com a cabeça.

“Ouvi dizer”, ela falou alto, “que elas tinham

uma escada que era linda. Entalhada na

Itália, pelo que eu soube.”

“Elas não vão te escutar”, a outra declarou,

entretida. “E quem liga se escutarem, não é?”

“Shhh.”

“Ninguém sabe com certeza se tem alguém
lá dentro ou não. As pessoas daqui contam
umas histórias exageradas.”
“Shh. Tommy”, ela chamou uma das crianças, “não chega perto do degrau.”
“Por quê?”, questionou a criança,
recuando.
“Porque as moças vivem aí e elas não
gostam.”
“Por quê?”, repetiu a criança, parando ao
pé dos degraus e olhando de relance para
trás, para a nossa porta da frente.
“As moças não gostam de meninos
pequenos”, disse a segunda mulher; era uma
das ruins; dava para ver sua boca pela lateral
e era a boca de uma cobra.
“O que elas iam fazer comigo?”
“Iam te segurar e te obrigar a comer bala
cheia de veneno; ouvi dizer que dezenas de
meninos malvados chegaram perto demais
dessa casa e nunca mais foram vistos. Elas
pegam os meninos e…”

“Shh. Sério, Ethel.”

“Elas gostam de meninas pequenas?” A

outra criança se aproximou.

“Elas odeiam meninos e meninas. A

diferença é que elas comem as meninas.”

“Ethel, para com isso. Você está botando

medo nas crianças. Não é verdade, queridos;

ela está só brincando com vocês.”

“Elas só saem de noite”, a malvada

continuou, olhando as crianças com malícia,

“e aí, quando está escuro, elas saem pra caçar

criancinhas.”

“Eu concordo”, o homem interferiu de

repente, “não quero ver as crianças chegando

perto demais dessa casa.”

Charles Blackwood só voltou uma vez.

Veio em um carro com outro sujeito no

final de uma tarde em que estávamos observando lá fora fazia tempo. Todos os

estranhos se foram, e Constance tinha

acabado de se levantar e anunciado “Hora de

preparar as batatas” quando um carro surgiu

na rampa e ela se acomodou para observar de novo. Charles e o outro homem desceram do carro em frente à casa e foram direto ao pé da escadinha, olhando para cima, embora não pudessem nos ver ali dentro. Lembrei da primeira vez que Charles aparecera e ficara olhando nossa casa do mesmo jeito, mas dessa vez ele não entraria. Estiquei o braço e toquei na tranca da porta da frente para verificar se estava fechada, e do outro lado do batente da porta Constance se virou e me fez que sim; ela também sabia que Charles nunca mais entraria.

“Está vendo?”, disse Charles, lá fora, ao pé dos degraus. “Aí está a casa, como eu te disse. Não está com a cara ruim de antes, agora que as videiras cresceram tanto. Mas o telhado foi destruído pelo fogo e o interior da casa foi devastado.”

“As moças estão aí dentro?”

“Claro.” Charles riu, e me lembrei de sua risada e sua enorme cara branca e do outro lado da porta desejei que morresse. “Estão aí dentro, sim”, ele disse. “Assim como a porcaria de uma fortuna.”

“Você sabe disso?”

“Elas têm dinheiro aí dentro que nunca foi nem contado. Trataram de enterrar em tudo que é lugar, e têm um cofre cheio, e só Deus sabe onde mais elas esconderam. Elas nunca saem, só ficam aí dentro escondidas com esse monte de grana.”

“Escuta”, disse o outro homem, “elas te conhecem, não é?”

“Claro. Sou primo delas. Uma vez eu vim aqui visitar.”

“Você acha que existe alguma possibilidade de você conseguir que uma

delas converse com você? Quem sabe vir até

a janela, para eu conseguir uma foto?”

Charles refletiu. Olhou para a casa e para

o outro sujeito, e ponderou. “Se você vender,

para a revista ou para outro lugar, eu fico com metade?”

“Claro, eu prometo.”

“Vou tentar”, Charles disse. “Fica lá atrás

do carro, escondido. Com certeza elas não

vão sair se virem um estranho.” O outro

voltou para o carro e pegou uma câmera e se acomodou do outro lado do carro, onde não

o enxergávamos. “O.k.”, ele avisou, e Charles

subiu a escadinha rumo à nossa porta da

frente.

“Connie?”, ele chamou. “Ei, Connie? É o

Charles; eu voltei.”

Olhei para Constance e pensei que ela

nunca tinha visto Charles de maneira tão

genuína.

“Connie?”

Agora ela sabia que Charles era um

fantasma e um demônio, um dos estranhos.

“Vamos esquecer tudo o que aconteceu”, Charles disse. Ele se aproximou da porta e falou de forma agradável, com certo tom de súplica. “Vamos ser amigos de novo.”

Eu podia ver os pés dele. Um deles estava batendo sem parar no chão de nossa varanda. “Não sei o que você tem contra mim”, ele reclamou, “e estou esperando há tempos que você me fale se eu posso voltar outra vez. Se eu fiz alguma coisa que te ofendeu, peço mil desculpas.”

Queria que Charles pudesse ver ali dentro, pudesse nos ver sentadas no chão junto às laterais da porta da frente, escutando e olhando seus pés enquanto ele implorava para a porta, a um metro de nossas cabeças.

“Abre a porta”, ele pediu com bastante delicadeza. “Connie, você podia abrir a porta pra mim, para o primo Charles?”

Constance ergueu o rosto para onde devia estar o rosto dele e deu um sorriso de

desagrado. Pensei que devia ser o sorriso que vinha guardando para Charles caso um dia ele retornasse.

“Fui ver o túmulo do velho Julian hoje de manhã”, disse Charles. “Voltei para visitar o túmulo do velho Julian e ver você outra vez.” Ele esperou um instante e depois disse embargando um pouquinho a voz, “pus umas flores — você sabe — no túmulo do velho camarada; ele era um velho bacana e sempre foi bem legal comigo”.

Atrás dos pés de Charles vi o outro sujeito saindo de trás do carro com a câmera.

“Escuta”, ele chamou, “você está gastando saliva à toa. E eu não tenho o dia todo.”

“Você não entende?” Charles deu as costas para a porta, mas a voz ainda estava um pouco embargada. “Eu tenho que ver Constance mais uma vez. Eu fui a causa de tudo.”

“O quê?”

“Por que você acha que duas solteironas se trancaram numa casa como essa? Deus é testemunha”, disse Charles, “de que minha intenção não era de que a situação acabasse desse jeito.”

Nesse momento imaginei que Constance fosse se pronunciar, ou pelo menos dar uma gargalhada, e estiquei a mão e toquei em seu braço, avisando que ficasse quieta, mas ela não se virou para mim.

“Se pudesse ao menos conversar com ela”, Charles disse. “Mas você pode tirar umas fotos da casa, comigo parado aqui. Ou batendo à porta; eu poderia bater sem parar na porta.”

“No que depender de mim, você poderia se esticar em frente à porta agonizando por causa do coração partido”, o outro disse. Ele foi para o carro e pôs a câmera lá dentro.

“Desperdício de tempo.”

“E aquela grana toda. Connie”, Charles

chamou alto, “pelo amor de Deus, abre a porta?”

“Sabe”, o outro disse do carro, “aposto que você nunca mais vai ver aquelas moedas de prata.”

“Connie”, Charles disse, “você não sabe o que está fazendo comigo; eu não fiz nada para merecer esse tratamento. Por favor, Connie.”

“Você quer ir para a cidade andando?”, o outro indagou. Ele fechou a porta do carro. Charles deu as costas para a porta e depois tornou a se virar. “Está bem, Connie”, ele disse, “chega. Se você deixar que eu me vá desta vez, nunca mais vai me ver. Estou falando sério, Connie.”

“Estou indo”, o outro anunciou do carro.

“Estou falando sério, Connie, estou mesmo.” Charles começou a descer os degraus, falando por cima do ombro. “Dá uma última olhada”, ele disse. “Estou indo. Uma palavra já me faria ficar.”

Não achei que ele fosse embora a tempo. Francamente não sabia se Constance seria capaz de se conter até ele descer a escadinha e estar a salvo no carro. “Adeus, Connie”, ele disse diante dos degraus e então se virou e se dirigiu ao carro lentamente. Olhou por um instante como se fosse enxugar os olhos ou assoar o nariz, mas o outro chamou, “Anda logo”, e Charles olhou para trás mais uma vez, levantou a mão com tristeza e entrou no carro. Então Constance riu, e por um instante vi Charles no carro virando a cabeça rapidamente, como se ouvisse nossas risadas, mas o carro arrancou e desceu a rampa, e nos abraçamos no corredor escuro e gargalhamos, lágrimas escorrendo pelas nossas bochechas e ecos de nossos risos subindo a escada arruinada rumo ao céu.

“Estou tão feliz”, Constante declarou por fim, ofegante. “Merricat, estou tão feliz.”

“Eu avisei que você ia gostar da lua.”

Os Carrington pararam o carro na frente de nossa casa num domingo após a igreja e ficaram sentados, quietos, olhando nossa casa, como se supondo que sairíamos se houvesse algo que os Carrington pudessem fazer por nós. Às vezes eu pensava na sala de visitas e na sala de jantar, eternamente fechadas, com os cativantes objetos quebrados de nossa mãe espalhados, e a poeira caindo delicadamente para cobri-los; tínhamos novos pontos de referência na casa, assim como tínhamos uma nova rotina para os nossos dias. O fragmento torto, rompido, que era o que restava de nossa encantadora escada era algo pelo que passávamos todos os dias e conhecíamos nos mínimos detalhes assim como outrora conhecíamos os degraus em si. As tábuas nas janelas da cozinha eram nossas, e parte de nossa casa, e nós as amávamos. Éramos muito felizes, embora Constance estivesse sempre apavorada com a possibilidade de

que uma de nossas xícaras se quebrasse e
uma de nós precisasse usar uma xícara sem
asa. Tínhamos nossos lugares bem
conhecidos e familiares: nossas cadeiras à mesa, e nossas camas, e nossos postos ao
lado da porta da frente. Constance lavava a
toalha de mesa vermelha e branca e as blusas
de tio Julian que ela usava, e enquanto
estavam pendurados no jardim para secar, eu
usava a toalha de mesa de borda amarela,
que ficava linda com o meu cinto dourado.
Os velhos sapatos marrons de nossa mãe
foram guardados no meu canto da cozinha,
já que nos dias quentes de verão eu andava
descalça que nem Jonas. Constance não
gostava de colher muitas flores, mas havia
sempre na mesa da cozinha uma tigela com
rosas ou margaridas, embora obviamente ela
nunca colhesse as flores da roseira de tio
Julian.
De vez em quando pensava nas minhas

seis bolinhas de gude azuis, mas agora não tinha permissão para ir ao campo, e imaginei

que talvez minhas seis bolinhas de gude

azuis tivessem sido enterradas para proteger

uma casa que já não existia e não tinha

ligação nenhuma com a casa onde

morávamos agora, e onde éramos muito

felizes. Minhas novas salvaguardas mágicas

eram a tranca da porta da frente, e as tábuas

nas janelas, e as barricadas nas laterais da casa.

De

noite,

às

vezes

víamos

movimentação na escuridão do gramado, e

escutávamos sussurros.

“Não faz isso; vai que as moças estão

vendo.”

“Você acha que elas enxergam no escuro?”

“Ouvi dizer que elas veem tudo o que

acontece.”

Então podia haver risadas, que se dissipavam no calor da escuridão.

“Daqui a pouco vão passar a chamar isto aqui de Alameda dos Amantes”, comentou Constance.

“Em homenagem ao Charles, sem dúvida.”

“O mínimo que o Charles poderia ter feito”, disse Constance, refletindo a sério, “seria dar um tiro na cabeça ali na entrada.”

Descobrimos, ao escutar conversas, que a única coisa que os estranhos viam lá de fora, quando ao menos olhavam, era uma estrutura grandiosa e arruinada coberta de videiras, que mal se reconhecia como casa.

Era a metade do caminho entre o vilarejo e a estrada, o ponto no meio da via, e ninguém nunca viu nossos olhos espiando por entre as videiras.

“Não pode subir essa escadinha”, as crianças advertiam umas às outras; “se você subir, as moças te pegam.”

Uma vez, um menino, desafiado pelos

outros, parou diante dos degraus, de frente para a casa, e estremeceu e quase chorou e quase saiu correndo, e então chamou com a voz trêmula, “Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?” e em seguida fugiu, acompanhado por todos os outros. Nessa noite, achamos no umbral da porta uma cesta de ovos frescos e um bilhete que dizia, “Ele fez sem querer, por favor”.

“Coitado do menino”, disse Constance, colocando os ovos em uma tigela que iria para a geladeira. “Ele deve estar escondido debaixo da cama a esta altura.”

“Quem sabe não levou umas boas palmadas para aprender a ter modos.”

“Vamos comer omelete no café da manhã.”

“Fico pensando se eu conseguiria comer uma criança se a oportunidade surgisse.”

“Não sei se eu conseguiria cozinhar uma”, disse Constance.

“Coitados dos desconhecidos”, eu disse.

“Eles têm tantos motivos para ter medo.”

“Bom”, disse Constance, “eu tenho medo de aranha.”

“Jonas e eu não vamos deixar que aranha nenhuma chegue perto de você. Ah, Constance”, eu disse, “nós somos tão felizes.”

SOBRE A AUTORA

SHIRLEY JACKSON nasceu em San Francisco, Califórnia, em 1916, e faleceu em 1965. Uma das principais autoras americanas do século XX, influenciou escritores como Stephen King, Donna Tartt, Neil Gaiman e Richard Matheson. Sua obra é leitura obrigatória em diversas escolas dos Estados Unidos, e seu

trabalho é aclamado por

público e crítica.



Copyright © 1962 by Shirley Jackson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

We Have Always Lived in the Castle

Capa e ilustração

Elisa von Randow

Preparação

André Marinho

Revisão

Adriana Bairrada

Renata Lopes Del Nero

Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0934-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

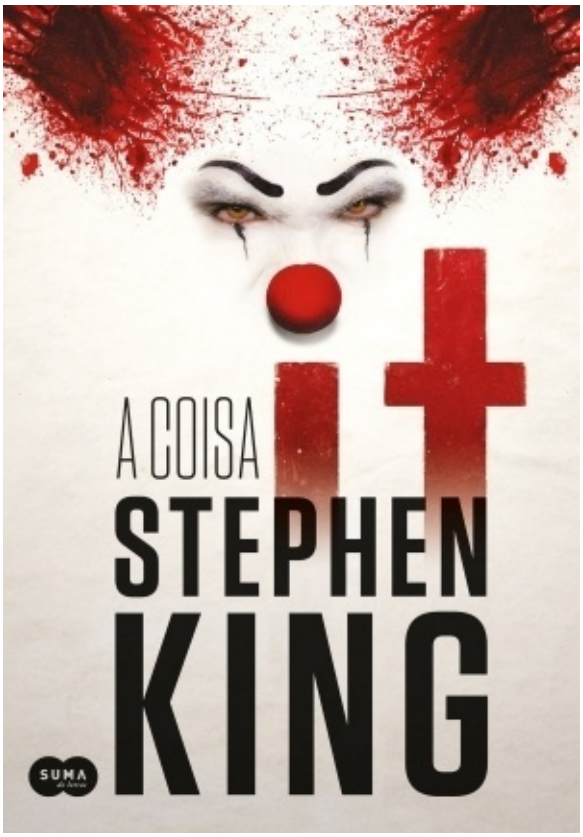
www.companhiadasletras.com.br

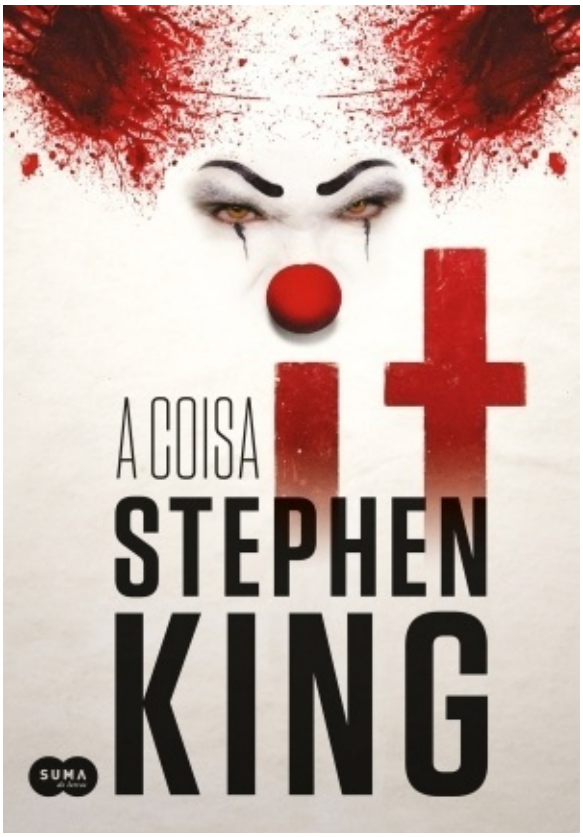
www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR





It: A coisa

King, Stephen

9788581051529

1104 páginas

Compre agora e leia

O clássico de

Stephen King em nova

edição.

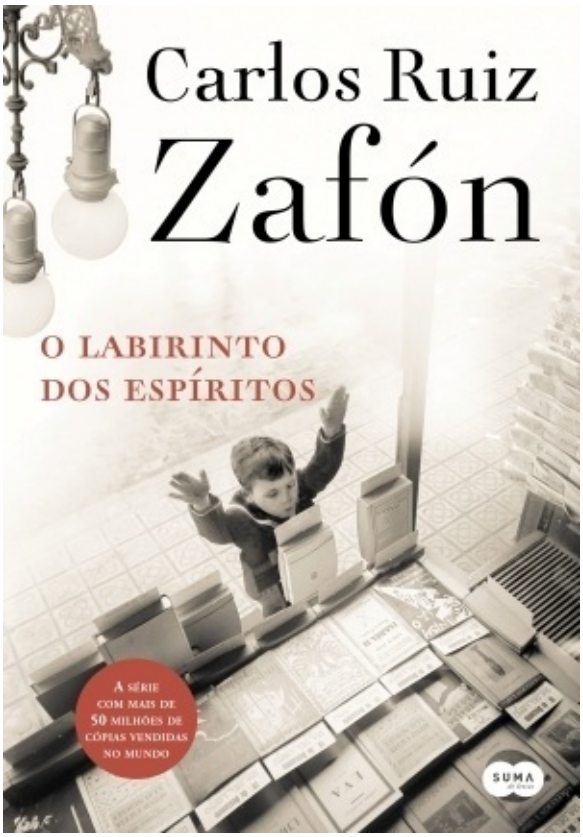
Durante as férias

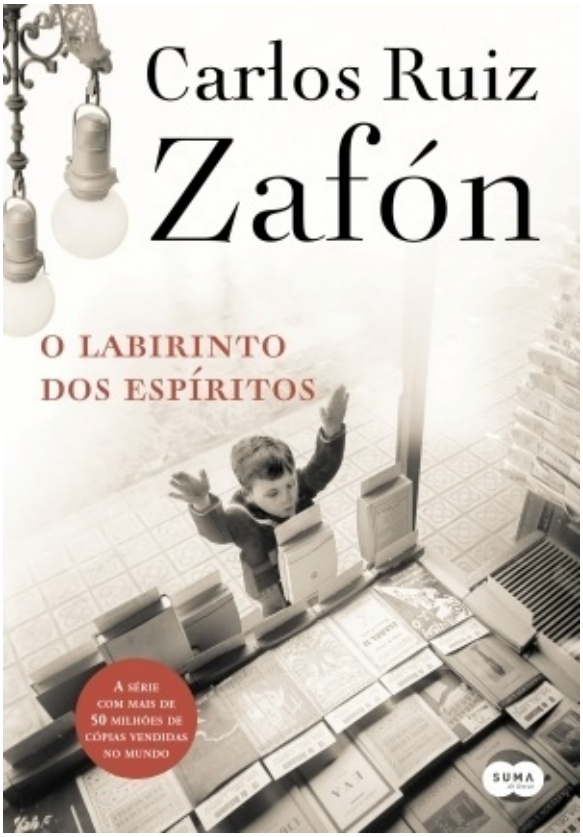
escolares de 1958, em Derry, pacata

cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo.
O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só

eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry.
O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em It: A Coisa, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

Compre agora e leia


Carlos Ruiz
Zafón
O LABIRINTO
DOS ESPÍRITOS
A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO
SUMA


Carlos Ruiz
Zafón
O LABIRINTO
DOS ESPÍRITOS
A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO
SUMA

O labirinto dos espíritos

Zafón, Carlos Ruiz

9788543810591

680 páginas

Compre agora e leia

Livro IV da série O

Cemitério dos Livros

Esquecidos.

Madrid, anos 1950. Alicia Gris

é uma alma nascida das

sombras da guerra, que lhe tirou os

pais e lhe deu em troca uma vida de

dor crônica. Investigadora

talentosa, é a ela que a

polícia recorre quando o ilustre ministro Mauricio Valls

desaparece; um mistério que

os meios oficiais falharam em

solucionar.
Em Barcelona,

Daniel Sempere não consegue

escapar dos enigmas envolvendo a

morte de sua mãe, Isabella. O

desejo de vingança se torna
uma sombra que o espreita dia e
noite, enquanto mergulha em
investigações
inúteis sobre seu maior
suspeito — o agora
desaparecido ministro Valls.
Os
fios dessa trama aos poucos unem os
destinos de Daniel e Alicia,
conduzindo-os de volta ao passado,
às celas frias da prisão de Montjuic, onde um escritor
atormentado escreveu sobre sua vida
e seus fantasmas; aos últimos
dias de vida de Isabella, com seus
arrependimentos e confissões;
e a intrigas ainda mais perigosas,
envolvendo figuras capazes de tudo
para manter antigos esqueletos
enterrados.

Compre agora e leia


STEPHEN
KING
OS OLHOS DO DRAGÃO
SUMA


STEPHEN
KING
OS OLHOS DO DRAGÃO
SUMA

Os olhos do dragão

King, Stephen

9788581051550

216 páginas

Compre agora e leia

Um conto de fadas escrito pelo

mestre do terror? Pode parecer

estranho, mas o Os olhos do

dragão é um livro de

características bem diferentes

das demais obras de Stephen King.

Segundo o escritor, esse romance

surgiu do desejo de criar algo

especial para a sua pequena filha,

Naomi. Surgiu, então, a idéia de uma fábula. O

resultado é uma

história sobre o amor fraternal

na qual o autor se dirige ao leitor

como se estivesse contando uma

lenda em voz alta.

O livro

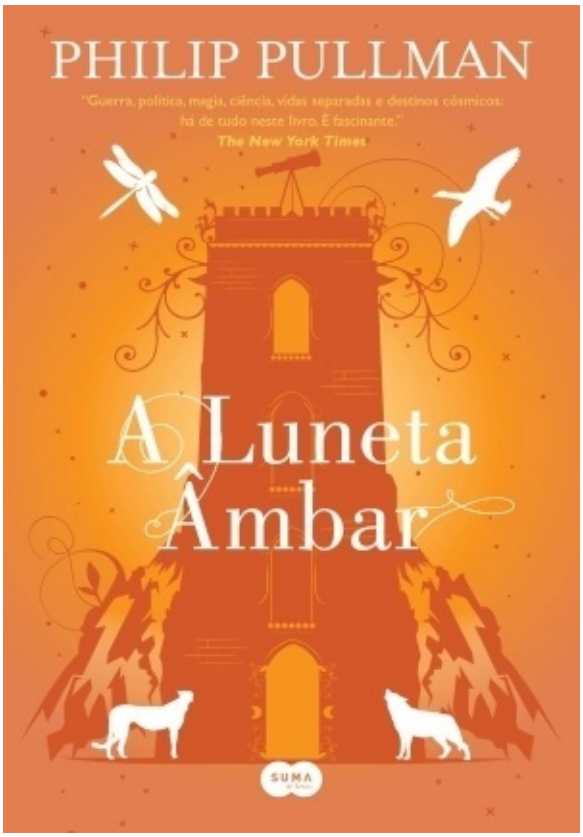
conta a história de um reino

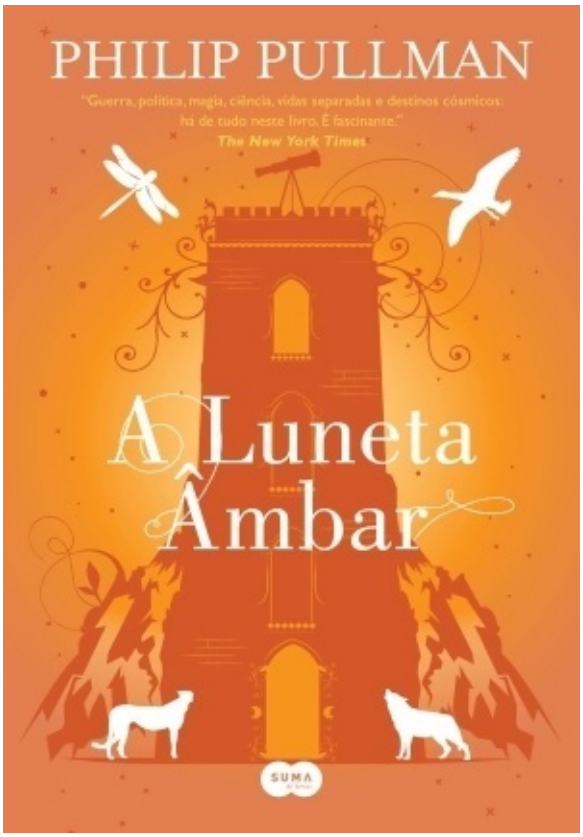
chamado Delain onde viviam Sua
Majestade, Rolando, a rainha Sacha e
seus filhos, Pedro e Tomas. Apesar
de ser esforçado, Rolando
não tinha carisma e era
considerado um rei medíocre.
Quem contava com a simpatia e o
respeito do povo era a rainha. Essa
admiração alimentava o
ódio de um perigoso inimigo
— Flagg, o feiticeiro, um influente conselheiro nas
decisões reais.

Mas eis que Sacha morre
misteriosamente. E Flagg, que
planejava dominar o reino,
começa a agir. Elimina o tolo
Rolando; em seguida, afasta Pedro
do trono levando ao poder o pequeno
Tomas, a quem Flagg tinha certeza
que poderia manipular facilmente.
Mas o que Flagg não sabia
é que Tomas escondia um

segredo que nem a bola de cristal do mago poderia vislumbrar. E nem tudo sai como Flagg planejara.

Compre agora e leia





A luneta âmbar

Pullman, Philip

9788543810560

504 páginas

Compre agora e leia

Volume III da trilogia

Fronteiras do Universo.

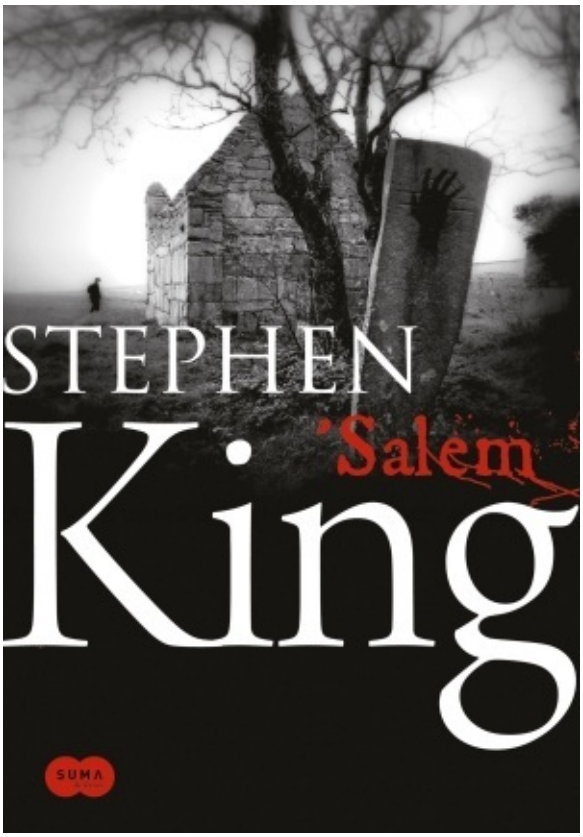
Em todos os universos,

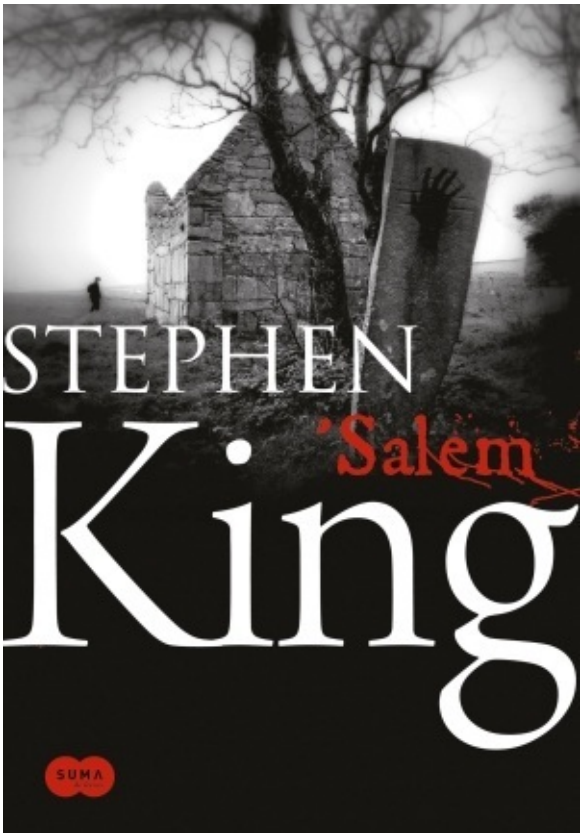
forças se reúnem para

tomar um lado na audaciosa

rebelião de lorde Asriel contra a
Autoridade. Cada soldado tem um
papel a desempenhar – e um
sacrifício a fazer. Feiticeiras,
anjos, espiões, assassinos e mentirosos: ninguém
sairá ileso.
Lyra e Will
têm a tarefa mais perigosa de
todas. Com a ajuda de Iorek
Byrnison, o urso de armadura, e de
dois minúsculos espiões
galivespianos, eles devem
alcançar um mundo de
sombras, onde nenhuma alma viva
jamais pisou e de onde não
há saída.
Enquanto a guerra é travada
e o Pó desaparece nos
céus, o destino dos vivos
– e dos mortos – recai
sobre os ombros dos dois. Will e Lyra
precisam fazer uma escolha simples,

e a mais difícil de todas, com consequências brutais.
A luneta âmbar
é o último livro da
trilogia Fronteiras do Universo, que
teve início com A
bússola de ouro e
A faca sutil. Uma
conclusão emocionante, que
leva o leitor a novos e
fantásticos universos.
Compre agora e leia


STEPHEN
'Salem
King
SUMA


STEPHEN
'Salem
King
SUMA

Salem

King, Stephen

9788581050324

264 páginas

Compre agora e leia

Publicado originalmente em 1975, Salem é inspirado em o Drácula de Bram Stoker. Segundo livro da carreira de King, a obra deu origem ao filme Os Vampiros de Salem, dirigido por Tobe Hopper, de O Massacre da Serra Elétrica. Ambientado na cidadezinha de Jerusalem`s Lot, na Nova Inglaterra, conta a história de três forasteiros. Ben Mears, um escritor que viveu alguns anos na cidade quando criança e está disposto a acertar contas com o próprio passado, Mark Petrie, um menino obcecado por monstros e filmes de terror e o Senhor Barlow,

uma figura misteriosa que decide abrir
uma loja na cidade.
Após a chegada desses forasteiros,
fatos inexplicáveis começam perturbar
a rotina provinciana de Jerusalem`s
Lot: uma criança é encontrada morta,
habitantes começam a desaparecer
sem deixar vestígios ou sucumbem a
uma estranha doença. A morte passa
a envolver a pequena cidade com seu
toque maléfico e Ben e Mark são
obrigados a escolher o único caminho que resta aos sobreviventes da
praga: fugir.
Mas isso não será tão simples: os
destinos de Ben, Mark, Barlow e
Jerusalem`s Lot estão agora para
sempre interligados.
Compre agora e leia

Document Outline

- Folha de rosto
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- Sobre a autora
- Créditos: Star Books Digital